



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**DORACY MORAES DE SOUZA**

**O TRABALHO DOS ARTESÃOS CERAMISTAS EM  
ICOARACI, BELÉM/PA: contribuições aos estudos sobre a  
dinâmica da Amazônia brasileira**

**BELÉM-PA**

**2010**

**DORACY MORAES DE SOUZA**

**O TRABALHO DOS ARTESÃOS CERAMISTAS EM  
ICOARACI, BELÉM/PA: contribuições aos estudos sobre a  
dinâmica da Amazônia brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de mestre em Serviço Social.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Batista Gomes

**BELÉM-PA  
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Serviço de Documentação e Biblioteca – SDB / Fundacentro  
São Paulo – SP  
Erika Alves dos Santos CRB-8/7110

Souza, Doracy Moraes de.

O trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci, Belém/PA :  
contribuições aos estudos sobre a dinâmica da Amazônia brasileira /  
Doracy Moraes de Souza. – 2010.

121 f., enc. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Vera Lúcia Batista Gomes.

Dissertação (mestrado)-Instituto de Ciências Sociais Aplicadas,  
Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

Resumo: Análise das condições do trabalho dos artesãos  
ceramistas no distrito de Icoaraci – PA, incluindo abordagem  
sobre os aspectos sociais.

1. Artesanato em cerâmica – Condições de trabalho – Aspectos  
sociais – Pará. 2. Artesanato em cerâmica – Olarias – Pará. I. Título.

CIS  
Xeque Kob Ys (207PA)

CDU  
738+613.6:316(811.5)

CIS – Classificação do “Centre International d’Informations de Sécurité et  
d’Hygiene du Travail”

CDU – Classificação Decimal Universal

**DORACY MORAES DE SOUZA**

**O TRABALHO DOS ARTESÃOS CERAMISTAS EM  
ICOARACI, BELÉM/PA: contribuições aos estudos sobre a  
dinâmica da Amazônia brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de mestre em Serviço Social.

Orientadora: Profª drª Vera Lúcia Batista Gomes

**BANCA EXAMINADORA**

Data de aprovação: Belém, 31 de agosto de 2010

---

Profª drª. Vera Lúcia Batista Gomes (Orientadora/UFPa)

---

Profª drª. Andréa Bittencourt Pires Chaves (Examinadora Externa/UFPa)

---

Profª drª. Nádia Socorro Fialho Nascimento (Examinadora Interna/UFPa)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que é fonte de vida e inspiração em todos os momentos da vida.

À minha mãe, Maria Moraes, por sempre acreditar e investir na concretude de dias melhores para cada filha ou filho.

Ao meu pai, Crisostonio, pelo apoio indispensável na minha formação.

Aos meus irmãos, Cleude, Lúcio, José, Raimundo, e às minhas irmãs Isolete, Deusa e Claudilene pela compreensão e dedicação de sempre.

À orientadora, professora dr<sup>a</sup> Vera Gomes, pela inequívoca contribuição à realização deste trabalho.

Às professoras, Maria José da Silva Aquino e Maria José Barbosa, pela qualificação do projeto de dissertação.

Aos artesãos ceramistas de Icoaraci, por contribuírem de forma decisiva para a realização deste trabalho. Aos vendedores entrevistados em pontos turísticos e à coordenadora do Artesanato da Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda /Departamento de Economia Solidária.

À Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho, pelo tempo de liberação para o estudo. Especialmente no Centro Estadual do Pará, aos colegas: Hélio Andrade, Aline Silveira, Deusa Pereira e Laura Nogueira.

Ao amado Elair Corrêa, pelo carinho e companheirismo inestimáveis.

Ao fisioterapeuta Fábio Barreiros, pelo excelente trabalho de reabilitação.

Aos professores do curso de Mestrado em Serviço Social, turma 2008, Carlos Maciel, Joana Valente, Josep Vidal, Maria José Barbosa, Nádia Fialho e Olinda Rodrigues.

Às amigas e aos amigos: Daniele Dorotéia Rocha, Rosana Mesquita, Maria de Nazaré Vilhena, Vera Ferreira, Elisabeth Castro, Silvio Brasil, Socorro Brasil, Lourdes Lira, Núbia Miranda, Kércia Silva, Sônia Batista, Flávia Ferreira, Andrea Mendes, Andrea Contente, Edimax Gomes, Clenes Lima e Zairo Benjó pelo apoio em diferentes momentos do curso.

À Roberta Alves e Juciane Borges, pela valiosa contribuição.

Aos que direta ou indiretamente contribuíram para esta valiosa conquista.

Aos amigos e irmãos Lucivaldo e Telma, que foram fundamentais neste trabalho.

## RESUMO

Este estudo analisa o trabalho dos artesãos ceramistas num dos principais polos produtores de artesanato paraense no bairro do Paracuri, em Icoaraci, Belém/PA, o qual se constituiu o campo da pesquisa. Este bairro concentra cerca de 80 (oitenta) olarias e envolve diretamente cerca de 220 (duzentos e vinte) ceramistas na produção de artesanato em cerâmica, predominantemente, de grafismo Marajoara. Metodologicamente, o estudo é referenciado pela abordagem crítico-dialética. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: a) documentos; b) observação da dinâmica de trabalho nas olarias e entrevista semiestruturada. Teve 24 (vinte e quatro) sujeitos da pesquisa, assim estratificados: 15 (quinze) artesãos ceramistas, 08 (oito) vendedores de peças artesanais confeccionadas em Icoaraci e 01 (um) gestor de órgão público responsável pela execução de política pública em nível estadual destinada ao artesanato. O trabalho encontra-se estruturado em: introdução, em que se apresentam as reflexões iniciais sobre o objeto de estudo, a segunda parte que se refere ao trabalho artesanal na dinâmica econômica da Amazônia brasileira, a terceira que trata das particularidades do trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci com base extrativista, destacando que essa forma de trabalho no Estado do Pará remonta ao período colonial. A quarta parte analisa o trabalho dos artesãos ceramistas. Ao final, foram efetuadas as considerações sobre os principais resultados destacando que, por meio desta forma de trabalho os artesãos ocupam um lugar no mercado de trabalho, visto que o processo de trabalho é atrativo para visitantes e turistas que procuram o bairro pela produção de peças com grafismo marajoara, dentre outros. Esta forma de trabalho é a principal fonte de renda desses trabalhadores. Em que pese a importância desta forma de trabalho para a reprodução social dos artesãos pesquisados e para a constituição desse bairro como polo produtor de artesanato, a base deste trabalho é extrativista, o que remonta ao período colonial no Estado do Pará. Assim, essa forma de trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci-Belém/PA é determinada pela dinâmica econômica, social, política e cultural da Amazônia brasileira. Sendo assim, a continuação desse trabalho no Estado do Pará está relacionada, diretamente, aos seguintes aspectos: *savoir-faire*, organização social dos mesmos em associações e cooperativas e ações

pautadas na agenda das várias políticas públicas (Turismo, Meio Ambiente, Indústria e Comércio etc). As particularidades do trabalho artesanal em Icoaraci expressam que as condições precárias de trabalho e de vida dos ceramistas estão relacionadas ao lugar que a Amazônia brasileira vem ocupando na divisão internacional do trabalho. Assim, a trajetória histórica de exportadora de produtos primários traduz-se como limite à melhoria das condições de vida e de trabalho desses artesãos, os quais trabalham em condições precárias e, nessa condição, contribuem para a acumulação do capital. Neste sentido, demandam uma análise das múltiplas determinações deste trabalho na perspectiva da melhoria das condições de vida e de trabalho dos referidos artesãos ceramistas.

**Palavras-chave:** Trabalho artesanal. Condições de trabalho. Amazônia brasileira.

## ABSTRACT

This paper analyses the working conditions of pottery craftspeople in one of the most important production centers in Pará State, the neighborhood of Paracuri, located in the District of Icoaraci, Belém. This neighborhood has approximately 80 (eighty) potteries, with around 220 (two hundred and twenty) craftspeople who work mainly on the production of pottery with *Marajoara* graphics. This study has a critical dialectical approach. The data collection tools were: documents, observation of the working dynamics in the potteries, and a semi-structured interview. A total of 24 (twenty-four) individuals were investigated: 15 (fifteen) were pottery craftspeople; (08) eight were dealers of handicrafts made in Icoaraci; and (01) one was the director of a public body responsible for the implementation of public policies on traditional handicraft in Pará State. This paper is divided into five sections: the introduction presents a theoretical analysis of the object under study; the second section analyzes the role of handicraft in the economy of the Brazilian Amazon; the third section studies the particularities of the extraction-based work of pottery craftspeople in Icoaraci, which is performed similarly to the working conditions of the colonial period in Pará State; the fourth section analyzes the work of pottery craftspeople. Finally, there are considerations on the main results, with emphasis on the fact that through this professional activity pottery craftspeople play their role in the job market because the manufacturing process attracts the attention of visitors and tourists, who are drawn to Paracuri in search of handicrafts with *Marajoara* graphics, among others. This work form is those workers' main source of income. This work form is very important for the social reproduction of the craftspeople surveyed and for the characterization of this community as a production center of handicraft, and it is based on the extraction of natural resources, similarly to the colonial period in the state. This work form is determined by the economic, social, political, and cultural dynamics of Pará State; therefore its maintenance is directly related to the following aspects: *savoir faire*, social organization of the craftspeople in associations and cooperatives, and actions based on several public policies (in the areas of tourism, environment, industry and trade etc.). The peculiarities of the handicraft production in Icoaraci demonstrate that the precarious working and living conditions of the

craftspeople are related to the role the Brazilian Amazon has played in the international division of labor. Thus this past as exporter of primary products is a limit to the improvement of the poor working and living conditions of these workers, who contribute to the accumulation of capital. Therefore the multiple determinations of this work form must be object of further analysis in order to improve the working and living conditions of these craftspeople.

**Keywords:** Handicraft. Working conditions. Brazilian Amazon

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 01 - O tripalium.....   | 22 |
| Quadro 01 - Características das fases de povoamento da região do Marajó.   | 44 |
| Fotografia 01 - Peças utilitárias em cerâmica produzidas na olaria mais antiga do bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA 2010..... | 46 |
| Mapa 01 Bairros do Distrito de Icoaraci.....   | 47 |
| Quadro 02- Sujeitos da pesquisa que trabalham em olarias de produção de cerâmica 2010.....   | 50 |
| Fotografia 02 - Pintura de vasos em cerâmica de Icoaraci em transporte público circulando em Belém, PA/ 2010.....                  | 51 |
| Fotografia 03 - Peças artesanais expostas em pontos para venda em Icoaraci, Belém/PA 2010.....                                     | 57 |
| Fluxograma 01 Processo de trabalho em olarias do bairro do Paracuri.....   | 61 |
| Fotografia 04- Desembarque da argila coletada para beneficiamento na olaria do Bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA,/2010.....   | 62 |
| Fotografia 05 - Manufatura da peça em cerâmica no bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA,/ 2008.....                               | 64 |
| Fotografia 06 - Instrumento usado para caliçar as peças / 2010.....  | 65 |
| Fotografia 07 - Forno a lenha para a queima de peças em cerâmica no bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA / 2009.....             | 65 |
| Fotografia 08 - Artesã impermeabilizando peças artesanais em cerâmica.....   | 66 |
| Fotografia 09 - Estande representando o Estado do Pará na X Feira Nacional de Arte, Recife/PE 2010.....                            | 67 |
| Fotografia 10 - Esteques utilizados para desenhar e nicar as peças 2010.....   | 72 |
| Quadro 03 - Principais organizações de artesãos ceramistas do bairro do Paracuri, em 2010.....                                     | 79 |
| Quadro 04 - Demandas dos artesãos paraenses apresentadas nos Seminários sobre Políticas Públicas realizados em Belém/PA.....       | 89 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|          |   |
|----------|---|
| ABIC     | Associação dos Barreirenses de Icoaraci                                     |
| ARTEPAM  | Associação dos Artesãos e Expositores do Pará e Amazônia                    |
| CLT      | Consolidação das Leis do Trabalho   |
| COARTI   | Cooperativa dos Artesãos de Icoaraci  |
| CODEM    | Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém |
| COMIP    | Cooperativa dos Microprodutores e Artesãos da Área Metropolitana de Belém   |
| COSAPA   | Conselho do Artesão do Pará   |
| CPRM     | Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais                                  |
| DAICO    | Distrito Administrativo de Icoaraci   |
| FAT      | Fundo de Amparo ao Trabalhador  |
| FENEARTE | Feira Nacional de Arte  |
| FMI      | Fundo Monetário Internacional   |
| GRPU     | Gerência Regional do Patrimônio da União                                    |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                             |
| IDH      | Índice de Desenvolvimento Humano  |
| IPEA     | Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas                                 |
| MDIC     | Ministério da Indústria e do Comércio                                       |
| MOVACI   | Movimento Vanguarda de Icoaraci   |
| MPEG     | Museu Paraense Emílio Goeldi  |
| MTE      | Ministério do Trabalho e Emprego  |
| PEA      | População Economicamente Ativa  |
| PNMPO    | Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado                       |
| PNQ      | Plano Nacional de Qualificação  |
| RMB      | Região Metropolitana de Belém   |
| SEBRAE   | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas                    |
| SEICOM   | Secretaria Estadual da Indústria e Comércio                                 |
| SEMEC    | Secretaria Municipal de Educação  |
| SEMMA    | Secretaria Municipal de Meio Ambiente                                       |
| SEPOF    | Secretaria Executiva de Planejamento Orçamento e Finanças                   |
| SETER    | Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda                           |

SICAB Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro

SOAMI Sociedade dos Amigos de Icoaraci

UFPA Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>2 A PROPÓSITO DA CATEGORIA TRABALHO: ANOTAÇÕES PARA SUA COMPREENSÃO.....</b>                       | <b>21</b>  |
| 2.1 DETERMINAÇÕES DO TRABALHO ARTESANAL NA DINÂMICA DA AMAZÔNIA BRASILEIRA.....                       | 27         |
| <b>3 A PARTICULARIDADE DO TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS DE ICOARACI EM BELÉM/PARÁ.....</b>        | <b>36</b>  |
| 3.1 O TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS E SUA BASE EXTRATIVISTA.....                                  | 40         |
| 3.2 A FORMAÇÃO DO DISTRITO DE ICOARACI EM POLO PRODUTOR DE ARTESANATO.....                            | 41         |
| 3.3 O PROCESSO DE TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS EM OLARIAS DE ICOARACI.....                       | 56         |
| <b>3.3.1 Condições de trabalho dos artesãos ceramistas.....</b>                                       | <b>67</b>  |
| <b>4 O TRABALHO ARTESANAL DE ICOARACI EM BELÉM/PARÁ.....</b>  | <b>73</b>  |
| 4.1 MODOS DE VIDA E SENTIDOS DO TRABALHO ARTESANAL EM ICOARACI.....                                   | 73         |
| 4.2 A ORGANIZAÇÃO DOS ARTESÃOS EM ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS.....                                     | 78         |
| 4.3 O TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS DE ICOARACI NA AGENDA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM BELÉM/PA..... | 83         |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>98</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>  | <b>103</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>  | <b>109</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>116</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo sobre o trabalho dos artesãos ceramistas no bairro do Paracuri, localizado no Distrito de Icoaraci<sup>1</sup>, em Belém/PA, a princípio surgiu devido à minha atuação profissional numa instituição pública, cujas ações em parceria com profissionais oriundos de outros estados brasileiros, fato este que propiciava visitas às olarias existentes no referido bairro.

Assim, a aproximação com este objeto de estudo decorreu das oportunidades que tive em acompanhar alguns desses visitantes à cidade de Belém – faziam referência ao artesanato local e o bairro do Paracuri constituía-se no local atrativo devido à profícua produção de artesanato em estilo marajoara por diversas olarias.

Outra razão do interesse por este objeto de estudo foi a minha condição de discente no curso de Especialização em Educação Ambiental na Universidade Federal do Pará realizado no período de 2002 a 2004. O programa do curso me possibilitou o acesso a informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores que extraem argila nos igarapés que entrecortam o bairro do Paracuri, em virtude destes serem impedidos de extraírem a matéria-prima necessária à produção da cerâmica pelos proprietários das margens dos referidos igarapés. A partir destas duas vivências canalizei o desejo de saber mais sobre o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci.

Se os visitantes, que chegam às lojas em pontos turísticos ou mesmo às olarias, em geral, direcionam o olhar aos produtos resultantes do trabalho artesanal, o meu olhar voltava-se para as condições de trabalho dos artesãos enquanto uma atividade simples com pouca tecnologia que parecem compor o cenário de uma pequena produção de agricultura familiar, a exemplo, das casas de farinha existentes em diversos municípios paraenses. As casas de farinha são locais típicos de produção de farinha a partir da extração da mandioca. Essas casas são confeccionadas em madeira sem paredes, contendo um forno para a queima da farinha.

A minha atual vinculação profissional com o campo da Segurança e Saúde do Trabalhador me instigou a priorizar a análise do processo de trabalho desses

---

<sup>1</sup> A palavra Icoaraci em tupi-guarani significa “mãe de todas as águas”, segundo Franco (1997).

artesãos enquanto trabalhadores no contexto amazônico. Daí a proposta de pesquisar o assunto, com o objetivo de contribuir para a compreensão das determinações desta forma de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, sujeitos sociais que demandam um olhar atento às suas condições de trabalho e de vida.

O município de Belém possui 71 (setenta e um) bairros, distribuídos administrativamente em 08 (oito) distritos, dentre os quais está o DAICO. É neste distrito que se encontra o bairro do Paracuri, um dos principais polos de produção de artesanato em cerâmica do contexto paraense. O bairro é entrecortado pelos Igarapés Uxi, Paracuri e Livramento, sendo os dois últimos os principais para a extração da argila.

Como nesse bairro estão concentradas as olarias, é caracterizado como o *bairro dos artesãos*. No desenvolvimento das etapas do processo de trabalho dos artesãos no contexto da Amazônia brasileira considera-se, basicamente, que o processo de trabalho tem início com a extração da matéria-prima e caracteriza-se pela organização dos galpões para o beneficiamento da argila e pela concentração das olarias em locais próximos aos rios e igarapés.

Neste trabalho irei considerar a definição de produtos artesanais oriunda do Simpósio Internacional sobre *Artesanatos e o Mercado Internacional: Comércio e Codificação de Alfândega* UNESCO/CCI, Manila, Filipinas, outubro de 1997(p. 70), ou seja, como produtos realizados totalmente à mão ou com a ajuda de instrumentos. Na confecção das peças podem ser usados instrumentos mecânicos sempre que a contribuição manual direta do artesão seja o componente de maior importância no produto acabado. As peças podem ter caráter utilitário, estético, artístico cultural, decorativo, funcional, tradicional, significativo e simbólico por razões religiosas e/ou sociais.

Inicialmente, a produção do artesanato de Icoaraci consistia na confecção de peças utilitárias. A partir da segunda metade da década de 1960 foram evidenciados os estilos conhecidos como Marajoara e Tapajônico. Mais tarde surgem outros estilos como o Maracá e o Paracuri, resultados da necessidade de maior atração para o mercado consumidor na década de 1980.

As particularidades do trabalho artesanal de Icoaraci ampliaram o meu interesse para investigar as principais determinações do trabalho dos artesãos naquelas olarias, os quais se inserem nesta forma de trabalho como pequenos produtores. A concentração de oleiros sempre foi característica marcante na história

de Icoaraci. Por esta razão, o bairro do Paracuri, onde estão concentradas as olarias, constituiu-se o *locus* da pesquisa para o trabalho.

Na década de 1980, as atividades dos ceramistas eram mais conhecidas nacional e internacionalmente e, por conseguinte, tornaram-se mais procuradas. Neste período, as réplicas e as peças em estilo Marajoara e Tapajônico foram as mais (re) produzidas e comercializadas. Com a intensificação do processo de produção das peças, a preocupação com a fidelidade aos originais foi perdida (FERRETE, 2005). Embora o artesanato produzido em Icoaraci fosse conhecido por turistas e paraenses, principalmente por belemenses, as elevadas taxas inflacionárias registradas no contexto econômico brasileiro influenciaram na diminuição da procura por artesanato em Icoaraci, o que significou um declínio na produção artesanal a partir da década de 1990.

Em 2010, de acordo com o Sistema de Cadastro de Artesãos da SETER/PA existem 212 (duzentos e doze) artesãos no bairro do Paracuri, os quais estão filiados às três principais organizações de artesãos daquele bairro. Este foi o quantitativo considerado como universo da pesquisa.

Para analisar o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci no contexto da Amazônia brasileira tornou-se necessário compreender os aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais que determinam o trabalho artesanal enquanto uma forma de atividade extrativista existente na região, posto que as formas de trabalho na Amazônia brasileira estão associadas à sua biodiversidade.

A análise do trabalho artesanal na dinâmica da Amazônia brasileira enquanto totalidade social ou realidade concreta, evidenciando suas determinações, constitui a proposta deste estudo. Portanto, o trabalho dos artesãos ceramistas não prescinde do conhecimento do processo técnico como o modo de produzir o artesanato a partir dos elementos essenciais do processo de trabalho, que são: objeto, os instrumentos ou meios de trabalho, a finalidade ou o próprio trabalho e o produto final. Para tal, optei pelo aporte teórico-metodológico de base marxista por entender a totalidade social como síntese de múltiplas determinações como quadro geral que organiza os dados e lhes dá sentido.

A totalidade social é interpretada não mediante a algo diverso de si mesma, mas explicando-a com base na própria realidade mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos do seu movimento. Como a realidade é dinâmica e é impulsionada por contradições e tensões existentes na sociedade, o

conhecimento da realidade consiste em um processo de concretização das partes para o todo e vice-versa, do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade (KOSIK, 1976, p.35).

Assim, o método Materialismo Histórico-Dialético possibilitou a exposição e a interpretação da realidade de forma dinâmica, articulando os dados empíricos referentes ao trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, suas condições de trabalho, a comercialização das peças artesanais e à relação desse trabalho com as políticas públicas. Desta maneira, foram analisados os elementos do processo de trabalho destes artesãos, quais sejam: o objeto, os instrumentos ou meios de trabalho e o produto final.

A teoria crítica do conhecimento que embasa o Materialismo Histórico e Dialético concebe a ciência como uma produção social por ser determinada pelas condições históricas do ser social (GAMBOA, 1996). Portanto, uma reflexão sobre a práxis sócio-histórica implica procurar as ligações desta com a vida social. Na dialética materialista, sujeito e objeto relacionam-se na base real de sua unificação na história.

Nesta mesma perspectiva, esta abordagem discute não somente a compreensão das relações dos fenômenos, mas a possibilidade de intervir criticamente na realidade imposta, uma vez que:

As pesquisas crítico-dialéticas questionam fundamentalmente a visão estática da realidade [...]. Sua postura marcadamente crítica expressa a pretensão de desvendar, mais que o **conflito das interpretações**, o conflito dos interesses. Essas pesquisas manifestam um “interesse transformador” das situações ou fenômenos estudados, resgatando sua dimensão sempre histórica e desvendando suas possibilidades de mudança (GAMBOA, 1996, p.97, grifo do autor).

Por meio de revisão bibliográfica e visitas ao campo de pesquisa. Foi realizado, inicialmente, um estudo exploratório objetivando construir as bases necessárias para a definição da amostra, o tipo de pesquisa e os instrumentos de coleta de dados. Definiu-se, então, pelo tipo de pesquisa qualitativa para entender a realidade da forma de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci em virtude de considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de

significados foram fundamentais neste estudo, visto que o processo e seu significado são os focos principais da pesquisa qualitativa. A ordem dos assuntos abordados não obedeceu a uma sequência rígida, mas é frequentemente determinada pelas próprias preocupações e ênfases que os entrevistados dão ao assunto em pauta. É característica da pesquisa qualitativa a observação dos fatos, comportamentos e cenários na forma como eles se dão no seu ambiente natural (MINAYO, 1998).

Segundo dados do Relatório sobre produtos em cerâmica do SEBRAE, (2008), o artesanato é desenvolvido em todos os municípios brasileiros e, particularmente, no Estado do Pará, as 03 (três) principais atividades artesanais constantes nesse Relatório foram, respectivamente: o artesanato em madeira, o bordado e o artesanato em argila.

Ainda segundo o mesmo Relatório, o artesanato em argila é realizado em 58 (cinquenta e oito) dos 144 (cento e quarenta e quatro) municípios paraenses, ou seja, em mais de 30% desses municípios. Estimativas do MDIC apontaram em 2003 uma movimentação anual de recursos da ordem de R\$ 28 (vinte e oito) bilhões e o envolvimento de 8,5 (oito milhões e quinhentas mil) pessoas com a atividade de artesanato.

Para a realização deste estudo foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica (livros, trabalhos acadêmicos, artigos em periódicos) que abordam do trabalho, em particular do trabalho artesanal. Paralelamente, realizei a pesquisa documental em relatórios, *folders* e catálogos institucionais disponibilizados pela SETER-PA e pelo SEBRAE. Os registros em diário de campo resultantes das observações e anotações de conversas informais com sujeitos da pesquisa também se constituíram como fonte de informações sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

Para a coleta de dados, a entrevista com os sujeitos da pesquisa foi um instrumento privilegiado pela possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, dos sistemas de valores, das normas e dos símbolos e, ao mesmo tempo, transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO, 1998). Assim, optei pela entrevista do tipo semiestruturada, na qual o pesquisador, a partir de um roteiro pré-elaborado, introduz perguntas ou faz intervenções que visam abrir o campo de explanação do entrevistado ou aprofundar o nível de informações.

Com esse propósito, as entrevistas foram agendadas pessoalmente e gravadas com prévia autorização dos sujeitos, porém, garantindo o anonimato dos mesmos. As entrevistas foram realizadas em 12 (doze) olarias, 06 (seis) lojas de comercialização de produtos artesanais e na sede da Coordenação de Artesanato da SETER. O roteiro de entrevista foi estruturado com os seguintes eixos: identificação do pesquisado (escolaridade, naturalidade, idade, tempo de residência no bairro do Paracuri e número de anos de trabalho com artesanato em cerâmica); organização do trabalho nas olarias desse bairro; situação socioeconômica; trabalho artesanal em cerâmica e geração de emprego e renda; organização social e política dos artesãos; políticas públicas de apoio ao trabalho artesanal em cerâmica.

A revisão bibliográfica evidenciou que há predominância de estudos efetuados sobre o artesanato em detrimento de pesquisas sobre o trabalho dos artesãos, de certa forma desconsiderando que o produto é o resultado da força de trabalho de determinados homens e mulheres situados historicamente. Na tentativa de maior aproximação com a realidade social dos pesquisados foram efetuados registros fotográficos das etapas do processo de trabalho em várias olarias na perspectiva de evidenciar o trabalho – enquanto o saber-fazer de sujeitos sociais na confecção de peças artesanais em cerâmica, tais como: o beneficiamento da argila, a produção e comercialização das peças artesanais.

A partir da leitura das entrevistas decorrente da transcrição das gravações e das anotações do diário de campo, organizei os dados referentes ao objeto de estudo, conforme a orientação do método adotado, identificando as tendências apresentadas no material coletado.

Do universo de 212 (duzentos e doze) artesãos cadastrados na SETER, foram entrevistados 15 (quinze) artesãos e o critério principal foi o de que o pesquisado deveria realizar o trabalho artesanal no bairro do Paracuri em olaria. Além desses, foram sujeitos da pesquisa 08 (oito) trabalhadores que comercializam o artesanato de Icoaraci em pontos turísticos de Belém do Pará (Mercado de São Brás, Ver-o-Peso, Orla de Icoaraci, Aeroporto Internacional de Belém Val-de-Cães, São José Liberto e Estação das Docas) e 01 (um) gestor da Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda que desenvolvesse ações voltadas para apoiar os artesãos ceramistas de Icoaraci, desta maneira foram totalizados 24 (vinte e quatro) pesquisados.

Os sujeitos da pesquisa que trabalham com a comercialização foram 08 (oito) vendedores com atuação profissional em (06) seis pontos turísticos de Belém/PA: Mercado de São Brás (01), Ver-o-Peso (02), Orla de Icoaraci (01), Aeroporto de Val-de-Cães (02), e São José Liberto – Casa do Artesão (01), Estação das Docas (01). A gestora da SETER entrevistada era, no ano de 2010, responsável diretamente pelo artesanato paraense da Secretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Renda / Departamento de Economia Solidária na Coordenação de Artesanato.

Para a seleção dos sujeitos da pesquisa estabeleci os seguintes critérios: a) Realizar o trabalho artesanal no referido bairro, b) Artesãos proprietários de olaria com mais de uma década de tempo de trabalho; c) Os vendedores em espaços de comercialização de artesanato em pontos turísticos de Belém do Pará, d) Ter participado de cursos com qualificação profissional. Para a escolha do gestor de órgão público considerou-se a existência de um espaço institucionalizado voltado ao trabalho dos artesãos no Estado do Pará, dentre os quais os artesãos ceramistas de Icoaraci.

O trabalho de artesãos ceramistas de Icoaraci é entendido no contexto do trabalho extrativista, uma vez que a matéria-prima para o artesanato é um recurso de origem mineral extraído das margens de rios e igarapés. É importante frisar que os artesãos ceramistas possuem nesta atividade a sua principal fonte de renda e o trabalho efetiva-se em condições determinadas por dimensões históricas, políticas, econômicas e sociais originárias da formação colonial brasileira, expressando particularidades dessa forma de trabalho artesanal em si.

Organizada em cinco partes, esta dissertação apresenta os resultados da pesquisa sobre as determinações do trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci em Belém/PA. Além da introdução e das considerações finais, na primeira seção é evidenciada uma discussão sobre o trabalho, em particular, o artesanal, situando-o no contexto da acumulação capitalista enfatizando as determinações desta forma de trabalho.

O trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci na dinâmica da Amazônia brasileira é o ponto de análise da segunda seção, enquanto que a terceira seção problematiza o lugar do trabalho artesanal destes ceramistas na agenda das políticas públicas de Geração de Emprego, Trabalho e Renda e sua articulação com as políticas de Educação, Turismo e Meio Ambiente.

Ao final, foram efetuadas considerações sobre os principais resultados deste trabalho, cabendo destacar que, por meio desta forma de trabalho existente desde a origem do bairro de Icoaraci, os artesãos ocupam um lugar no mercado de trabalho, visto que o processo de confecção de peças em cerâmica é atrativo para visitantes e turistas que procuram o bairro pela produção de peças com grafismo marajoara, dentre outros. Esta forma de trabalho é a principal fonte de renda desses trabalhadores. As particularidades do trabalho artesanal de Icoaraci expressam que as condições precárias de trabalho e de vida dos ceramistas estão relacionadas ao lugar que a Amazônia brasileira vem ocupando na divisão internacional do trabalho. Assim, a trajetória histórica de exportadora de produtos primários traduz-se como limite à melhoria das condições de vida e de trabalho desses artesãos, os quais trabalham em condições precárias e, nessa condição, contribuem para a acumulação do capital.

Em que pese a importância desta forma de trabalho para a reprodução social dos artesãos pesquisados e para a constituição desse bairro como polo produtor de artesanato, a base deste trabalho é marcadamente extrativista, o que remonta ao período colonial no Estado do Pará. Essa forma de trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci-Belém/PA é determinada pela dinâmica econômica, social, política e cultural da Amazônia brasileira.

O trabalho artesanal dos ceramistas no Distrito de Icoaraci demanda uma articulação com diversas políticas públicas, devido não somente à gestão de recursos naturais, diante da iminência de esgotamento das jazidas de argila às proximidades do bairro do Paracuri, mas pela necessidade de qualificação profissional dos artesãos, dada a exigência de que as peças artesanais obtenham maior qualidade, o acesso ao crédito, a regularização fundiária, dentre outros aspectos que extrapolam a dimensão ambiental entendida sob o enfoque preservacionista. Este enfoque implica a compreensão de que os recursos naturais são intocáveis, contrastando com a concepção conservacionista que defende o uso racional dos recursos naturais.

Castro (2005) ao analisar a dinâmica socioeconômica e o desmatamento na Amazônia afirma que os pequenos ou médios produtores, organizados em sistemas coletivos, também estão presentes nas redes internacionais, com uma gama de produtos da floresta e, por meio de redes informais, comercializam produtos no mercado globalizado valorizados, provavelmente, pelo seu conteúdo cultural.

## 2 A PROPÓSITO DA CATEGORIA TRABALHO: ANOTAÇÕES PARA SUA COMPREENSÃO

Para a compreensão do objeto de estudo proposto neste trabalho importa, inicialmente, interrogar sobre a centralidade do trabalho na história da humanidade e, em particular, o trabalho artesanal na dinâmica da acumulação capitalista. Com este propósito, torna-se necessária a reconstituição da gênese do trabalho enquanto um fato social da modernidade e as várias formas que desenvolveu ao longo da história e, assim, analisar as principais determinações do trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci na dinâmica econômica da Amazônia brasileira, questão que norteou este estudo.

O trabalho aparece desde os primórdios da humanidade, porém, não possuía uma identidade própria, era parte dos usos e dos costumes ordinários (BOUVIER, 1991). Nas civilizações helênicas e romanas não se admitia que o cidadão sacrificasse o seu tempo com o labor. A desvalorização do trabalho perdurou toda a Idade Média e foi somente no contexto da urbanização, com a ascensão dos trabalhos artesanais e dos comerciantes que o trabalho adquiriu reconhecimento e, pouco a pouco, a sua autonomia.

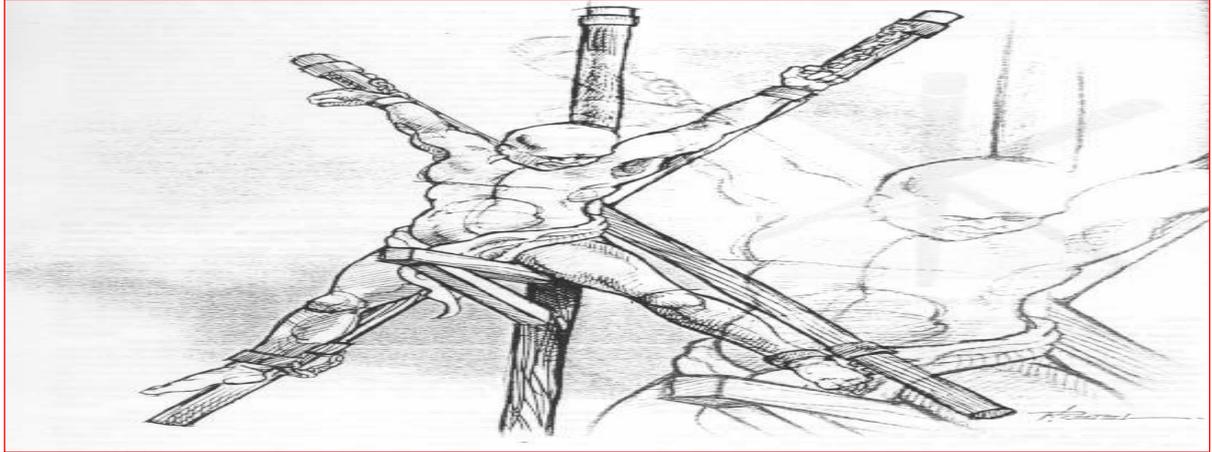
Surge, então, um novo sujeito no cenário social à medida que o trabalho passou a se constituir um valor essencial para a sociedade moderna, ou seja, o trabalhador assalariado que vende sua força de trabalho por um determinado salário. Contudo, nas sociedades de capitalismo mais avançado (Europa Ocidental) e nas sociedades de capitalismo periférico, desde o final da década de 1980 o trabalho vem sendo colocado em questão, chegando mesmo a ser considerado por estudiosos da Sociologia, da Antropologia, do Serviço Social, entre outras áreas do saber, que existe uma crise do trabalho.

Entretanto, cabe destacar o entendimento aqui assumido de que ao longo dos tempos, o trabalho vem sofrendo transformações e, por esta razão, alguns aspectos de sua trajetória são aqui retomadas, como a origem etimológica do termo visando compreendê-lo como se apresenta contemporaneamente.

Segundo Oliveira (2000 apud BRASIL, 2002), “trabalho” é um termo proveniente do latim, *tripalium* (Figura 1), que significa instrumento de três peças ou três paus. Tal instrumento foi utilizado inicialmente na agricultura, posteriormente

destinado a domar animais e, finalmente, usado também com os escravos e ainda com devedores inadimplentes.

**Figura 01** - *O tripalium*



**Fonte:** Oliveira (2000 apud Brasil, 2002)

No que diz respeito às origens e aos significados do trabalho consideram-se os seguintes termos: i) *ergon*, que significa em grego: ação, obra, coisa feita pelo exercício da ação; ii) *ponos*, que designa: fadiga, pena, trabalho fatigante e: iii) *argein*, que significa: lazer, sem nada para fazer. Tem-se então, um significado do termo para a fabricação, outro para o esforço e um terceiro que traduz o ócio, em oposição ao trabalho. No latim clássico, o trabalho é designado pelos termos *laborare* e *operare*. O primeiro significa laborar, trabalhar, executar, mas também sofrer, padecer, estar doente, fatigar-se, sucumbir enquanto que o segundo corresponde a *opus*, referindo-se à obra, trabalho, mas também à conotação de penas e riscos (KRAWULSKI, 1991).

Nas sociedades primitivas, coletivamente, as pessoas buscavam a produção necessária, isto é, por meio da economia natural buscavam a combinação simples da apropriação e das necessidades sociais. Portanto, desenvolviam a caça, a pesca e agricultura (OLIVEIRA, 1987).

Com relação à atividade artesanal, na formação da antiga Grécia, o artesanato doméstico desenvolveu-se no interior da estrutura social de produção agrária para atender às necessidades locais. Havia, então, o desenvolvimento do artesanato público que complementava a produção artesanal realizada por mulheres e por escravos na esfera doméstica, principalmente. Homens livres ligados à organização tribal eram os encarregados pelo artesanato público.

Diferentemente da Grécia, em Roma eram fabricados objetos de madeira (*tektones*), de metal (*chalkeis*), de couro (*skytotomoi*) e em cerâmica (*kerameis*) e com a expansão territorial, o artesanato doméstico prevaleceu, posto que:

Escravismo, feudalismo e capitalismo são formas sociais em que se tecem as relações que dominam o processo de trabalho [...] O processo é compreendido, portanto, pela forma como os homens produzem os meios materiais, a riqueza (OLIVEIRA, 1987, p. 06).

Além desses termos, existem outros utilizados para designar o trabalho como *work* e *labour*, que significam:

O termo *work* é o mais dotado de positividade, é uma expressão mais aproximada da dimensão concreta do trabalho, que cria valores socialmente úteis e necessários, enquanto que o termo *labour* expressa a dimensão cotidiana do trabalho sob a vigência do capitalismo, o que se aproxima mais da dimensão abstrata do trabalho, do trabalho alienado e desprovido de sentido humano e social (ANTUNES, 2005, p. 73-74).

Este autor aponta ainda que o trabalho entendido como *work*, expressa uma atividade genérico-social, voltada para a produção social de valores de uso, sendo o momento da predominância do trabalho concreto. Diferentemente, ao usar o termo *labour* a ênfase volta-se às atividades estranhadas que configuram o trabalho assalariado, separando-se o produtor do produto.

O trabalho é, em primeiro lugar, *um processo de que participam, igualmente, o homem e a natureza* (MARX, 1985, p. 202). Portanto, o trabalho é uma interação da pessoa que trabalha com o mundo natural, sendo que os elementos deste último são conscientemente modificados e possuem um propósito, pois:

o trabalho em si, uma atividade produtiva com um objetivo, isto é o próprio trabalho; a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho; os meios de trabalho, o instrumental de trabalho [...] no processo capitalista de trabalho, os meios de produção são comprados no mercado pelo capitalista, o mesmo acontecendo com a força de trabalho (MARX, 1985, p. 202).

Este entendimento sobre trabalho é utilizado também para designar o trabalho artesanal, pois:

os elementos fundamentais e fundantes da atividade artesanal são o trabalho vivo (força de trabalho), meio de trabalho (técnica/ferramenta) e objeto da natureza (matéria-prima). O desenvolvimento dos meios de

trabalho e das técnicas sociais altera a forma de ser do trabalho que sobrevive até os dias atuais (ALVES, 2007, p. 78).

Assim, o homem ao atuar sobre o mundo exterior e o modificando, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza, pois:

O trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio deste movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1985, p. 149).

Sendo assim, a teleologia do trabalho consiste na possibilidade do homem construir a materialidade do resultado de uma atividade antes de sua execução propriamente dita. A propósito desta compreensão, considero importante tomar como exemplo a analogia efetuada entre o trabalho realizado por uma aranha e o trabalho humano:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1985, p. 149-150).

Constata-se, assim, que tanto o arquiteto quanto a abelha promovem uma transformação na natureza, mas, nem por isso, pode-se dizer que a abelha trabalha. Mesmo comparada com o tecelão não se dirá que a aranha trabalha. Deste modo, ao final de todo processo de trabalho os homens chegam a um resultado já existente previamente na própria imaginação. As atividades desenvolvidas pelos animais não são, portanto, chamadas de trabalho. Para Fernandes (1989), o trabalho é condição natural da existência humana e os homens se distinguem dos animais por produzirem os seus meios de vida e assim produzem a sua vida material. Assim:

O que os homens são depende das condições materiais de sua produção [...] os homens começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir os seus meios de vida, um passo condicionado pela organização

corporal. Ao produzirem os seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua vida material mesma [...] os indivíduos são assim como manifestam a sua vida. O que os homens são coincide com a sua produção tanto com o que produzem quanto também com o como produzem (FERNANDES 1989, p. 187).

Na teoria marxista, as relações das diferentes nações entre si dependem do desenvolvimento de suas forças produtivas, entendidas como meios de trabalho e objeto de trabalho. A estrutura interna das nações depende do estágio de desenvolvimento de sua produção e do seu comércio, pois:

o trabalho é uma atividade que consiste em apropriar-se do que é material com esta ou aquela finalidade, necessita da matéria como pressuposição. A proporção entre trabalho e matéria natural varia muito nos diferentes valores de uso, mas o valor de uso contém sempre um substrato natural. Como atividade que visa, de uma forma ou de outra, à apropriação do que é natural, o trabalho é condição natural da existência humana, uma condição do metabolismo entre homem e natureza independentemente de qualquer forma social. Ao contrário, trabalho que põe valor de troca é uma forma especificamente social do trabalho. Trabalho de alfaiate, por exemplo, em sua terminidade material como atividade produtiva particular, produz a roupa, mas não o seu valor de troca. Este é produzido pelo trabalho, não como trabalho de alfaiate, mas sim como trabalho abstratamente geral, que está inserido em um conjunto social, e cuja textura não saiu das mãos do alfaiate (MARX apud FERNANDES, 1989, p. 189).

Segundo este entendimento, quando o alfaiate produz a roupa ele tem somente um produto, que vai ter seu valor de troca no mercado definido pelo seu equivalente (moeda) e não pelo produto em si, mas pelos elementos que compõem o seu valor de troca, como o tempo socialmente necessário para a produção e as relações de produção.

Sendo assim, *o valor de troca é a forma social do produto do trabalho, isto é, a capacidade de ser trocado em determinada proporção por qualquer outro produto* (IAMAMOTO, 2008, p. 63). Este valor de troca é produzido pelo trabalho abstrato que vem a ser definido socialmente em suas múltiplas relações, capital e força de trabalho estão na base do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Segundo Huberman (2008), não haveria modo de produção capitalista sem a presença do trabalho do homem para por em movimento aquele capital acumulado, uma vez que:

Era preciso, porém, algo mais que do que o capital acumulado antes que a produção capitalista em grande escala pudesse começar. O capital não pode ser usado como capital – isto é, para dar lucro – enquanto não

houver o trabalho necessário para proporcionar esse lucro (HUBERMAN 2008, p.148).

Nessa perspectiva, Huberman (2008), em concordância com Marx, considera a importância do trabalho para pôr em movimento o capital, pois o dinheiro só se torna capital quando é usado para adquirir mercadoria ou trabalho com a finalidade de vendê-los novamente, no entanto, não apenas vendê-lo, antes, para obter lucro. Portanto, somente quando o dinheiro é empregado num empreendimento ou transação que dá (ou promete dar) lucro, esse dinheiro se transforma em capital. É essa a diferença entre comprar para usar, característica da fase pré-capitalista e comprar para vender com o objetivo de ganhar, o que é inerente à fase capitalista.

A produção capitalista decorre do fato de ser o capitalista o proprietário dos meios de produção, além de poder pagar a força de trabalho. Os meios de produção podem ser edifícios, máquinas, matéria-prima etc. Destaca-se que o dinheiro não é a única forma de capital, pois a força de trabalho é a fonte da extração da mais-valia, isto é, o trabalho não pago pelo proprietário dos meios de produção.

Antes da sociedade capitalista, o capital era acumulado, principalmente, através do comércio, sendo que este não correspondia apenas à troca de mercadorias, mas incluía a conquista dos colonizadores, a pirataria, o saque e a exploração. Sendo assim, os comerciantes europeus fizeram as primeiras fortunas, destacando-se o comércio de escravos oriundos da África como fonte de acumulação do capital. Neste contexto, no Brasil, o processo de colonização que teve por base o comércio gerou riquezas à Coroa Portuguesa.

O desenvolvimento do comércio trouxe consigo a reforma da antiga economia natural, na qual a vida econômica se processava praticamente sem a utilização do dinheiro. Dessa forma, conforme Huberman (2008), nos primórdios da Idade Média havia desvantagens na permuta de gêneros, tornando-se necessário introduzir o dinheiro para o intercâmbio de mercadorias. Contudo, a partir do século XII, ocorreram várias transformações na Europa que contribuíram para a crise do sistema feudal causada pelo renascimento comercial impulsionado, principalmente, pelas Cruzadas; pelo aumento da circulação das moedas, principalmente nas cidades – este fator desarticulou o sistema de trocas de mercadorias, característica

principal do feudalismo; pelo surgimento dos centros urbanos, provocando o êxodo rural (saída de pessoas da zona rural em direção às cidades).

Assim, ainda conforme Huberman (2008) muitos servos passaram a comprar sua liberdade ou fugir atraídos por oportunidades de trabalho nos centros urbanos. Surge, então, a burguesia que dominava o comércio e possuía alto poder econômico. Esta classe social foi, aos poucos, tirando o poder dos senhores feudais e no final do século XV, o feudalismo encontrava-se desarticulado e enfraquecido. Os senhores feudais perderam poder econômico e político e surgiam as bases de um novo modo de produção, o capitalismo.

Com efeito, constituiu-se uma massa de trabalhadores formada por ex-camponeses expulsos de suas terras, ex-artesãos arruinados, ex-pequenos proprietários independentes. Despojados dos seus meios de produção estavam aptos a vender a força de trabalho, o que para a gênese do capitalismo foi elemento essencial para o processo de acumulação do capital.

Quando se trata da dimensão do trabalho como categoria primeira, está se pensando em atividade que cria valor-de-uso e que estabelece relações entre o homem e a natureza, ou seja, o trabalho concreto se difere do trabalho abstrato. Com o desenvolvimento do capitalismo, a dimensão do trabalho concreto – que produz objetos úteis – perde espaço para a dimensão do trabalho abstrato, o qual produz valores de troca característicos do trabalho assalariado (NAVARRO e PADILHA, 2007).

Na Amazônia brasileira, essa forma de trabalho – assalariado – não se constitui hegemônica, haja vista a inserção da Amazônia brasileira na divisão internacional do trabalho enquanto fornecedora de produtos primários, predominando, assim, as formas de trabalho de base agro-extrativistas, conforme trataremos a seguir.

## 2.1 DETERMINAÇÕES DO TRABALHO ARTESANAL NA DINÂMICA DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

A ocupação e a expansão econômica da Amazônia brasileira tiveram no extrativismo vegetal a principal base de sustento de vida do homem amazônico e as condições para a consolidação do domínio territorial. No século XVI, sem a devida consciência do futuro valor da terra, os espanhóis exploraram as riquezas minerais

das colônias da costa do Pacífico, facilitando aos portugueses a liberdade de dominar a Amazônia. Posteriormente, ingleses e holandeses, disputando com portugueses e espanhóis as conquistas já realizadas, ocuparam e exploraram o vale amazônico (MIRANDA NETO, 1986).

A política ocupacional portuguesa caracterizou-se, na época, pelos estímulos à agricultura com base no café, cacau, algodão e arroz; à pecuária no Marajó, baixo Amazonas e Rio Branco e à instalação de uma rede de fortificações em pontos estratégicos da rede fluvial consolidando o domínio do território. A razão do povoamento de uma área ligava-se à sua capacidade produtiva e em função de interesses externos, pois quando as atividades econômicas entravam em expansão, intensificava-se a ocupação e a valorização das terras e, quando esgotava essa capacidade, as migrações se intensificavam, a economia local estagnava e entrava em decadência. Entretanto, o extrativismo vegetal representou a base produtiva da Amazônia, à exceção de investidas dos portugueses, franceses, holandeses e ingleses para a produção de cana-de-açúcar. Neste contexto, a Amazônia integrou o sistema mercantil-colonial desde o século XVII, e por mais de dois séculos a economia do Pará girou em torno de três produtos: açúcar, cacau e café (MIRANDA NETO, 1986).

Em fins do século XVIII, a economia amazônica entrara em decadência. O sistema de exploração da mão-de-obra indígena fora desorganizado e a região caía em estado de inércia econômica. Pará e Maranhão desenvolveram uma agricultura de exportação, integrada comercialmente através dos negócios da Companhia de Comércio criada na época do governo de Marquês de Pombal. Nesse período, a cultura do algodão e do arroz também apresentou prosperidade, sem alcançar, entretanto, cifras significativas para o país. A economia na Região Amazônica baseava-se ainda em especiarias extraídas da floresta e dos produtos extrativos, o cacau era o mais importante (PRADO JÚNIOR, 1974).

Representando cerca de 60% do território brasileiro, a Amazônia foi a última região a ser integrada à unidade nacional. A expansão atribuída aos portugueses, no entanto, não se limitou à exploração comercial, antes representava a ação direta sobre a terra ocupada por meio de tentativas de colonização agrícola. A exploração do cacau, cravo, algodão, café e cana-de-açúcar cultivados com o incentivo das autoridades portuguesas movimentaram frotas respeitáveis, sendo os rios, naquela época, as únicas vias de acesso (MIRANDA NETO, 1986).

Para os colonizadores, o índio representava mão-de-obra farta e barata. No entanto, a produção agrícola e extrativa vegetal enfrentou sérias dificuldades devido a não submissão do índio à lógica de trabalho que os colonizadores impunham. Além da escassez de mão-de-obra, os colonizadores enfrentaram outras dificuldades decorrentes das características da região amazônica, pois como os rios eram as únicas vias de acesso e penetração, impossibilitavam o avanço do colonizador para o interior da região.

O advento da exploração da borracha na região amazônica possibilitou que os seringalistas estruturassem o sistema de aviação enquanto modalidade de crédito sem dinheiro, pois o trabalhador ao adquirir gêneros alimentícios, medicamentos e instrumentos de trabalho contraía uma dívida a ser paga em produtos físicos conforme o interesse do aviador (SANTOS, 1968; SOUSA, 2002). A exploração da borracha o que favoreceu a interiorização e o povoamento do espaço amazônico assim como o aumento da produção de borracha.

Em meados do século XIX, por toda a Amazônia as atividades de extração e de comercialização da borracha mobilizaram um enorme número de pessoas e um vasto capital. A notável visibilidade que teve a Amazônia durante a chamada *belle époque* deveu-se, fundamentalmente, à incorporação da borracha como matéria-prima advinda da expansão da economia industrial no final do século XIX. A Amazônia ganha visibilidade para o mundo devido à produção da borracha que se constituiu, assim, um produto com amplas perspectivas no comércio internacional em virtude do comércio crescente, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Seu uso foi ampliado com o processo de vulcanização, o qual consistia num tratamento com enxofre e calor ampliando a durabilidade e elasticidade do látex. Portanto, a atividade extrativa da borracha predominou nesse período, fazendo com que os demais setores da economia não pudessem com ela competir e a força de trabalho voltava-se para tal produção (WEINSTEIN, 1993).

Na condição de único produtor de borracha, o Brasil deparou-se com uma crescente demanda externa, porém, em função da escassez de mão-de-obra deparou-se também com a impossibilidade de expandir a oferta da borracha. Neste sentido, os preços da borracha amazônica tornaram-se atrativos tanto para a população amazônica como para a população nordestina, pois o ciclo da borracha crescia e representava maior lucratividade.

A partir de 1850, o governo brasileiro promoveu um processo de ocupação da região através da colonização europeia. Em 1866, foram criadas linhas de navegação fluvial e o rio Amazonas foi reaberto à navegação estrangeira viabilizando o comércio de bens e serviços nos portos fluviais de Belém e Manaus. Com a seca no Nordeste e a expansão da demanda por borracha nos mercados internacionais, no ano de 1877 intensificou-se a migração de nordestinos à procura do rápido enriquecimento na Amazônia (WEINSTEIN, 1993).

Todavia, a produção da borracha em larga escala nos seringais do sudeste asiático influenciou no declínio ocupacional na Região Amazônica, visto que a produção de base extrativista – em pequena escala – não tinha condições de concorrer com a produção asiática organizada em condições favoráveis.

A industrialização nacional, a intensa urbanização da sociedade brasileira e a constituição de um sistema econômico nacionalmente integrado responderam no período pós 1930, pela dinâmica de estruturação socioterritorial brasileira (AJARA, 1993). Tal dinâmica manifestou-se de forma diferenciada nos segmentos regionais, o que influenciou na posição ocupada pela Amazônia brasileira enquanto fornecedora de bens primários para outros locais.

Nas décadas de 1940 e 1950, teve início outro processo de colonização da Amazônia com a construção de rodovias na região e em resposta aos intentos de internacionalização da Amazônia foi criada SPVEA, a qual nasceu com o discurso de minimizar os problemas regionais e utilizar as potencialidades da região, buscava-se a *criação de uma sociedade estável de base agrícola* (D'ARAUJO, 1992) perdendo a tônica a borracha, mas não o extrativismo. A criação da SPVEA acentuou as possibilidades predatórias de madeiras e de minerais e a necessidade de defesa e de integração da Amazônia ao território nacional.

A Operação Amazônia substituiu a SPVEA e foi criada, em 1953, a SUDAM, para canalizar os esforços de desenvolvimento na região. Nos anos de 1960, com a construção de Brasília (DF) e de sua ligação com Belém (PA) iniciou-se a segunda fase de ocupação da parte oriental da Amazônia. No decorrer da década de 1960, com a clara definição do planejamento como instrumento de política econômica, o Estado conduziu o processo de desenvolvimento nacional investindo em infraestrutura e atuando na área de produção enquanto decisão político-administrativa de integrar, nacionalmente, o espaço periférico amazônico (BECKER, 1991).

Em 1970, teve início a construção da Transamazônica, auge da expansão da segunda fase de ocupação da Amazônia. Ao mesmo tempo, o Exército iniciava a construção da Cuiabá-Santarém. A Transamazônica surgia como solução tanto para a integração da Amazônia quanto para o aproveitamento da mão-de-obra do Nordeste e a criação de agrovilas – núcleos básicos para o nascimento de dezenas de cidades na selva – seria o início da ocupação de uma vasta área territorial na região Norte do país (SANTOS, 1980).

Nesse processo de ocupação, as atividades extrativistas diminuíram e vêm sendo substituídas pela exploração e transformação industrial de minérios e ainda pela expansão agrícola dos seguintes produtos: café, soja e arroz. Tal expansão foi acentuada pela disponibilidade energética de grandes empreendimentos hidroelétricos como Tucuruí, no Pará; Balbina, no Amazonas e Samuel, em Rondônia. Ainda na década de 1970, a Amazônia sediou projetos de colonização pública, criados pelo INCRA, no âmbito do PIN/PROTERRA ao longo do eixo da rodovia Transamazônica. Esses projetos eram destinados à superação da problemática representada pela massa de agricultores pobres do Nordeste. Tal decisão não serviu, contudo, a um tipo de evolução que colocasse a Amazônia como um espaço capaz de garantir a reprodução da pequena produção agrícola de tal forma que representasse uma elevação efetiva dessa massa de agricultores em condições favoráveis de sobrevivência (AJARA, 1993).

Outra forma de intervenção estatal na Amazônia foi o Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia – o POLAMAZÔNIA – voltado para a criação de recortes territoriais que concentrariam investimentos oficiais em infraestrutura econômica e utilizariam o sistema viário recém-criado para incentivar a ocupação de áreas-programa específicas atraentes ao capital privado. A exploração madeireira e a agropecuária foram incentivadas em áreas até então pouco envolvidas embora a maior parte dos recursos oficiais se tenha concentrado no apoio prioritário aos subespaços de exploração do setor mineral (AJARA, 1993).

O ciclo da borracha e o ciclo mineral marcaram a inserção econômica da Amazônia brasileira em nível mundial. O fornecimento de insumos básicos para a região Centro-Sul do Brasil que mais poderiam contribuir para o desenvolvimento nacional e também produtos exportáveis foi delineando a configuração da Amazônia brasileira, o que contribuiu para a compreensão das determinações do trabalho dos artesãos em Icoaraci, Belém/PA no contexto da Amazônia brasileira. Inicialmente,

para as considerações acerca do trabalho extrativista e os seus determinantes históricos, políticos, econômicos e sociais, leva-se em conta que a delimitação geográfica da Amazônia brasileira abrange os seguintes Estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e grande parte dos Estados do Maranhão e Mato Grosso. Portanto, constitui 60% de toda a Região Amazônica, é onde se situa a maior diversidade de fauna e flora do planeta, assim como possui a maior província mineral do mundo – Carajás (MENDES, 2001). Trata-se, portanto, de:

Uma economia assentada basicamente sob as atividades extrativas, desde o período colonial, e que, com o aumento da produção e comercialização da borracha, no decorrer da segunda metade século XIX, teria essa sua característica acentuada. Ou ainda que se refiram à existência de atividades agrícolas, com relativa proeminência, no Pará, consideram que esse tipo de produção teria passado a ocupar um espaço marginal na economia local, a partir daquele mesmo período. Essas são as análises, de modo bastante geral, que a historiografia tradicionalmente oferece acerca da organização econômica do Grão-Pará, as quais são estendidas, inclusive, para os outros territórios que hoje compõem a Amazônia brasileira (BATISTA, 2004, p. 32).

O trabalho extrativista na Amazônia brasileira tem como base o recurso natural considerado como um bem livre. Contudo, mesmo possuindo essa característica, os recursos naturais são regulados por meio institucional que define a quem cabe o usufruto dos mesmos, isto é, o direito à propriedade. A atividade extrativista se caracteriza pela oferta fixa de recursos naturais (HOMMA, 2008). Nesse sentido, o trabalho extrativista ocorre a partir da coleta ou da extração de recursos naturais.

A economia da Amazônia brasileira, desde o período colonial, tem sua base assentada em atividades extrativas, predominantemente. Com o aumento da produção e da comercialização da borracha no decorrer da segunda metade do século XIX esta sua característica de atividade extrativa teria sido acentuada. Ainda que se verifique a existência de atividades agrícolas, com relativa proeminência no Estado do Pará, Castro (2005) considera que esse tipo de produção teria passado a ocupar um espaço marginal na economia local. Acrescenta-se que análises efetuadas sobre a organização econômica do Grão-Pará são estendidas também para outros territórios que hoje compõem a Amazônia brasileira (BATISTA, 2004).

Por essa razão, as formas de trabalho na Região Amazônica e, em particular, no Estado do Pará não chegaram a se constituir, predominantemente,

como trabalho assalariado como ocorreu nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Assim, considera-se pertinente situar o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci no mercado de trabalho. Entende-se que esta questão ganha sentido devido o IPEA (2006) classificar o mercado de trabalho em dois tipos: estruturado e pouco estruturado.

O mercado de trabalho estruturado se caracteriza pelos empregados constando de militares, servidores públicos e trabalhadores assalariados com carteira e contribuição para a Previdência Social pelos empregadores enquanto que o pouco estruturado é formado por assalariados sem carteira assinada, trabalhadores autônomos e por conta própria.

Sabe-se que o mercado de trabalho tem suas características definidas pelos condicionantes históricos e institucionais do capitalismo. Nesse sentido, Sá *et al* (2006) afirmam que é no processo da economia capitalista que surge a noção de mercado de trabalho que caracteriza a relação de troca estabelecida entre os proprietários dos meios de produção e os proprietários da força de trabalho que, supostamente, estão em *igual condição de troca*.

O trabalho assalariado inaugurou uma nova forma de vida na sociedade, visto que as sociedades pré-industriais não se organizavam em torno do trabalho. *O trabalho assalariado foi instituído progressivamente pela sociedade industrial no século XIX, momento em que a Inglaterra passou a adotar uma nova regra jurídica para o mercado de trabalho livre* (SÁ *et al*, 2006, p. 236).

O trabalho assalariado construiu-se de forma hegemônica a partir da exploração da força de trabalho, pois o trabalhador desprovido dos meios de produção vende a força de trabalho em troca de um salário. Desta maneira, o trabalho assalariado torna-se referência nas demais relações de trabalho, inclusive onde não se constituiu como dominante, a exemplo do Estado do Pará, nem mesmo na capital paraense onde está situado o Distrito de Icoaraci, *locus* deste estudo.

Trata-se da sociedade salarial definida por Castel (1995), a qual desde o início da industrialização instituiu a relação salarial que correspondia a uma retribuição próxima de uma renda mínima mensal a fim de assegurar a reprodução social dos trabalhadores e de sua família. Todavia, importa registrar que:

O trabalho assalariado não é somente uma forma de remuneração, mas ele impõe certo modo de vida universal na sociedade: as instituições criadas para responder suas exigências tornaram-se comuns – a divisão da

existência em períodos para estudar, para o trabalho efetivo, para a aposentadoria; o assalariamento passou a organizar mais e mais a sociedade em geral (SÁ *et al*, 2006, p. 237).

Contudo, a relação de assalariamento não tem sido preponderante no Brasil, principalmente, nas regiões Norte e Nordeste e, mesmo onde o trabalho assalariado apresenta-se heterogêneo, pois tem sido elevado o número de trabalhadores que perderam seus postos de trabalho no âmbito do trabalho formal (emprego), devido à própria lógica de acumulação do capital que cria um exército industrial de reservas, ou seja, uma população *sobrante* no mercado de trabalho. Além desses, muitos trabalhadores não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho e tendem a recorrer ao mercado pouco estruturado, conforme definição de mercado de trabalho adotada pelo IPEA.

Enquanto atividade produtiva, o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci inscreve-se na concepção de mercado de trabalho pouco estruturado, considerando que suas características podem ser assim apresentadas: trabalho desenvolvido a partir de laços de parentesco ou vizinhança, com poucos recursos tecnológicos, comercialização, predominantemente, em pequena escala e reduzido quantitativo de pessoas que contribuem para a Previdência Social.

No Brasil, a partir da definição do documento do IPEA (2006) no mercado de trabalho estruturado são mais comuns os estudos sobre a violação dos direitos trabalhistas, a insegurança do posto e do ambiente de trabalho, o aumento do ritmo da produção e das exigências (pressão), o que interfere na saúde e também no modo de agir, pensar, sentir e fazer, ou seja, na subjetividade da classe trabalhadora (ANTUNES, 1999).

A exploração da força de trabalho visando à acumulação cada vez maior do capital é inerente ao sistema capitalista, logo, é funcional que existam pessoas disponíveis para ocupar os postos de trabalho servindo como forma de pressão para que os trabalhadores se submetam a condições precárias de trabalho por meio da exploração pelos que representam o capital. A relação entre o que vende a força de trabalho (empregado) e o capitalista que a compra (empregador) é característica peculiar do trabalho assalariado, pois o *quantum* de trabalho será pago em forma de salário. Assim, além do trabalho socialmente necessário, haverá o trabalho excedente que irá gerar o acúmulo do capital, que é a mais-valia. Nesta perspectiva, *o tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um*

*valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade do trabalho* (MARX, 1985, p. 48).

A lógica da acumulação capitalista determina as diversas formas de trabalho e, como tal, o trabalho artesanal dos ceramistas de Icoaraci. Assim, a renda obtida com o trabalho realizado pelos artesãos depende da confecção de peças destinadas à comercialização realizada, principalmente, em Belém/PA. O lucro em maior quantidade é obtido pelos que comercializam o referido produto em detrimento dos que confeccionam as peças, podendo-se afirmar que extração da mais-valia também se faz presente nesta forma de trabalho, pois o Brasil caracteriza-se como um país periférico na divisão internacional do trabalho e, nesta divisão, a Amazônia brasileira tem sido exportadora de produtos primários.

A condição periférica ocupada pelo Brasil e demais países latino-americanos resulta da natureza da colonização que, historicamente, coube à região. O próprio termo colonização expressa a exploração das riquezas existentes ou potencialmente produzíveis no Brasil, uma vez que:

a condição periférica não deveria ser entendida como uma **opção** nacional, de tipo voluntarista, mas como um desdobramento histórico-estrutural do desenvolvimento capitalista, que conferiu a certas regiões do planeta determinados papéis em uma divisão internacional do trabalho em processo de consolidação (CORBUCCI, 2003, p. 171, grifo do autor).

A divisão internacional do trabalho refere-se à desigual condição determinada, historicamente, em que a simples existência dos meios de produção não equivale à constituição da riqueza e, sim, à concentração da mesma no processo de acumulação do capital. Independentemente das formas de trabalho existentes, a relação com o processo de acumulação do capital é inequívoca e, neste sentido, o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, Belém/PA relaciona-se com esta lógica.

### 3 A PARTICULARIDADE DO TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS DE ICOARACI EM BELÉM/PARÁ

O trabalho artesanal dos ceramistas em Icoaraci-Belém-Pará é determinado pela dinâmica sócio-histórica e econômica da Amazônia brasileira e constitui-se uma forma de trabalho existente na cidade de Belém. Nesta cidade, o maior número de postos de trabalho situa-se nos seguintes ramos de atividades: comércio e serviços. Logo, a dinâmica da economia local é *hegemonicamente assentada no setor terciário tradicional* (SÁ *et al* , 2006, p. 234).

Na Amazônia brasileira há diversos trabalhos realizados por pequenos produtores que combinam atividades econômicas ou são especializados, com maior ou menor grau de intervenção e de transformação do meio ambiente, sendo imperativo considerar as dimensões históricas e culturais. *Suas trajetórias são variadas [...] aquelas pequenas sociedades que remontam aos idos da colônia [...] renovaram-se, adaptando-se aos seus novos espaços e tempos, cada vez de forma original e incomparável* (HÉBETTE *et al*, 2002, pp. 33-34).

O trabalho artesanal de Icoaraci se aproxima das características da pequena produção acima referida, isto é, uma só pessoa realiza várias atividades, no entanto, a dedicação para concluir uma peça exige um maior tempo, necessitando dividir as tarefas de acordo com o saber-fazer dos mesmos.

Na Amazônia brasileira, a biodiversidade relaciona-se, historicamente, à organização da economia nas atividades extrativas. Por esta razão, a economia da Região Norte responsável pela ocupação demográfica de origem europeia, pela acumulação inicial de riquezas e pela inserção da região nos mercados capitalistas. A propósito, o ciclo das drogas do sertão influenciou no povoamento luso-brasileiro e na inserção da Amazônia no mercado internacional na condição de exportadora de produtos extrativos, cujo apogeu ocorreu durante o ciclo da borracha. Apesar do seu período de declínio em virtude da concorrência provocada pelas plantações do Oriente, a borracha continuou a ser um dos raros produtos comerciáveis na região. (FILOCREÃO, 2002).

A prática da monocultura apresentou característica intrínseca à dinâmica econômica na Amazônia brasileira. Desde a origem colonial no Brasil, trabalho e exploração de recursos naturais, assim como posse e propriedade estão relacionados, logo:

Trabalho e exploração de recursos é uma equação presente desde a origem colonial na estrutura de posse e propriedade que foi a sesmaria. A sociedade escravocrata teceu uma cultura patrimonial, de dominação, formada desde o início da colonização. As modalidades de posse de terra conformaram a grande propriedade como sistema de poder [...]. O sistema de sesmaria está nas raízes da sociedade colonial brasileira naturalmente ligada à exploração de recursos naturais e à produção voltadas à exportação [...] A concessão de terras na forma de posse atributo dos donatários das Capitânicas hereditárias se fazia um sistema de regras de direitos e deveres de donatários e posseiros iniciada pelas petições de concessão de sesmaria. A ocupação se oficializa na Província e se tornam legítimos os direitos à terra com a concessão de carta de data de sesmaria válida como um título provisório, mas exigindo sua confirmação um prazo de três anos (CASTRO, 2006, p. 29).

A grande propriedade foi definida, desde a origem colonial brasileira, como vinculada à condição de empregador, ao *status* social. Sendo assim, a mobilidade do trabalho relaciona-se à disponibilidade de recursos naturais e no caso brasileiro, particularmente, na Província do Grão-Pará, retomar aspectos do processo de colonização implica considerar o sistema de sesmaria naturalmente ligado à exploração desses recursos e à propriedade do solo.

No Estado do Pará, dentre as formas de trabalho existentes, destacam-se àquelas baseadas no extrativismo, quer por coleta ou aniquilamento ou por ambas. Conforme Homma (2008), em algumas espécies a extração é realizada tanto por aniquilamento como por coleta, dependendo da finalidade ou vice-versa. Como exemplo típico dessas formas de extrativismo, destaca-se o açazeiro, do qual se pode obter tanto o palmito – por aniquilamento – quanto o vinho – pela coleta de seus frutos. Se a extração supera a velocidade de recuperação, o caminho natural é sua gradativa escassez até tornar a atividade antieconômica e mesmo com as mudanças ocorridas nos produtos voltados à exportação desde a época do Brasil-Colônia, a característica extrativa de produtos de origem vegetal e mineral permanece na Amazônia brasileira.

Assim, destacam-se como exemplo o cacau que ainda na economia colonial, em 1736, respondeu por até 97 % do valor das exportações; a seringueira foi o terceiro produto da pauta das exportações nacionais por 30 anos, de 1887 a 1917. Além desse período, por ocasião da II Guerra Mundial, em 1945, representou 70% das exportações da Região Norte; a produção de pau-rosa que alcançou, em 1955, participação máxima nas exportações da Região Norte, com 16% e no ano seguinte a castanha-do-pará, alcançou 71% das exportações.

Homma (2008) destaca ainda que o extrativismo mineral respondeu por mais de 52% do valor das exportações da Região Norte e 80% do Estado do Pará no ano de 2005. Sendo assim, constata-se que, em 2005, as exportações dos produtos da biodiversidade representaram menos de 18%, destacando-se a madeira e derivados, com 12%. Houve, portanto, uma significativa mudança nos produtos exportados, mas as exportações de produtos primários de base extrativista e, portanto, sem o beneficiamento para agregação de valor continuaram.

A extração de recursos naturais tem sido o ponto de apoio na atividade de comércio exterior desde os primórdios de sua ocupação. Esses produtos seguiram as fases de expansão, estagnação e declínio, decorrentes do esgotamento, da domesticação, da perda do poder de monopólio e do aparecimento de substitutos (HOMMA, 2008).

Na história econômica da Amazônia, desde os tempos da colônia, um sistema de crédito vinha se esboçando e naquela época *o comerciante sediado em Belém supria de mantimentos a empresa coletora das 'drogas do sertão', para receber em pagamento, ao fim da expedição, o produto físico recolhido* (SANTOS, 1968, p. 156).

Assim, o extrativismo vegetal, de maneira especial a exploração da borracha na Amazônia foi até a década de 1960 a base principal de sustentação da economia regional. Sousa (2002) refere que na produção extrativa destacava-se a prática do aviamento enquanto uma modalidade de crédito sem dinheiro, que implicava no adiantamento de mercadorias, cujo pagamento era efetuado na forma de produto físico conforme o interesse do aviador. O sistema conhecido como aviamento surge e tende a repetir-se em toda a área econômica em que estejam presentes as seguintes características:

- a) Base de recursos naturais espacialmente ampla e de difícil acesso; b) Atraso das técnicas de produção; c) Índice de participação do dinheiro nas trocas nulo ou muito baixo; d) Presença de lideranças mercantis locais – autóctones ou estrangeiras – ou de agentes capazes de virem a exercê-las; e) Ligação dessas lideranças com um mercado monetizado em pleno funcionamento e que, de fora, subministra o crédito; f) Demanda externa ativa sobre um ou mais produtos dessa área (SANTOS, 1968, p. 155).

No processo de exploração dos recursos naturais na chamada Amazônia tradicional, o aviamento se tornou tão comum que chegou a ser considerado como determinante ou estruturante das relações sociais na Amazônia, visto que *na cadeia do aviamento tanto maior a aproximação entre o aviador e o aviado, maior a*

*possibilidade de galgar o crédito ou outras vantagens pessoais naquele universo de recursos limitados* (SOUSA, 2002, p. 66).

A moeda metálica foi introduzida no Pará no último ano da década de 1940 do século XVIII, havendo resistência por parte do povo em utilizá-la. Assim, somente um século depois estava difundido o uso da moeda metálica, o que denota que as relações comerciais baseavam-se em outros tipos de relações comerciais e creditícias, como o aviamento. Nesta relação comercial e creditícia valia a palavra do comerciante e do extrator, à medida que se expandia o excedente econômico gerado na atividade extrativa sob impulso do capitalismo industrial externo, o aviamento consolidava-se (SANTOS, 1968).

Outro aspecto característico do trabalho na Amazônia brasileira consistiu na utilização da força de trabalho de imigrantes. A imigração aumentava o volume da força de trabalho na Amazônia não somente pela condição de imigrante como pela necessidade de reprodução da própria força de trabalho. O aviamento tornava-se uma prática bastante comum na Amazônia brasileira, visto que os imigrantes não detinham os meios de produção.

A conformação socioeconômica do Estado do Pará pode ser observada pelas características de base econômica, historicamente, ligada às atividades extrativas e primárias de baixa agregação de valor, com poucos efeitos para o restante de sua economia, antes se estruturando enquanto enclaves produtivos, determinando, conseqüentemente, a construção de um espaço reflexo de interesses exógenos à própria região (COSTA, 2007). A partir de 1970, o setor industrial do Pará esteve associado a grupos extrarregionais, alcançando resultados positivos na década de 1980.

Ainda conforme Costa (2007), os resultados da associação a grupos extrarregionais podem ser associados à atuação nos setores de fabricação de cerâmica, indústria metalúrgica, extração e beneficiamento de madeira e couros, gêneros alimentícios e cimento, além das indústrias têxteis, com fabricação de papel e papelão; produtos farmacêuticos; perfumaria, saboaria; vestuário e gráfica. Assim, o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, Belém/PA, tem por base a extração de um recurso mineral não-metálico – a argila como é apresentado a seguir enfatizando-se a relação do trabalho artesanal com a base extrativista, o que é peculiar na Amazônia brasileira.

### 3. 1 O TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS E SUA BASE EXTRATIVISTA

O trabalho artesanal de ceramistas de Icoaraci no contexto da Amazônia brasileira é como uma das formas de trabalho extrativista, posto que as formas de trabalho na Amazônia brasileira estão, historicamente, associadas à existência de sua sociobiodiversidade.

A fabricação de cerâmica no Estado do Pará é expressiva em municípios como Abaetetuba e São Miguel do Guamá devido à produção de tijolos e telhas. O trabalho de confecção de peças em cerâmica no Distrito de Icoaraci, particularmente no bairro do Paracuri, origina-se de um recurso de origem mineral extraído das margens de rios e de igarapés localizados no próprio Distrito de Icoaraci, dos Distritos de Outeiro e de Mosqueiro, em Belém/PA. No entanto, o que se destaca em relação aos outros locais citados é a atividade desenvolvida desde a origem do bairro do Paracuri e a identificação das peças confeccionadas com o povoamento do Estado do Pará, particularmente pelo estilo decorativo ou não impresso nas peças confeccionadas ao longo dos tempos. A propósito, Dias (1980, p. 17) afirma que:

Icoaraci é quase tão antigo quanto Belém. As primeiras notícias que se tem do núcleo são do início do século XVII, quando as terras compreendidas entre o Igarapé Paracuri e Furo do Maguari foram doadas, por Carta de Data de Sesmaria, a Sebastião Gomes de Souza, sendo o marco de ocupação [...] Passados cinco anos, Sebastião Gomes de Souza doou suas terras à Ordem dos Frades Carmelitas dos Pés Calçados, que, ao tomarem posse da mesma, ali fundaram duas Fazendas; São João do Pinheiro, na Ponta do Mel e Nossa Senhora do Livramento, às margens do Igarapé Paracuri, onde instalaram uma olaria (dada à facilidade de aquisição de argila no local).

Essa característica extrativista do trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci atualiza-se no contexto globalizado da economia, no qual esta forma de trabalho se inscreve retratando a heterogeneidade das ocupações, uso e remuneração dos trabalhadores, além da variedade das relações na estrutura produtiva, abordadas por Lira (2002), a qual as exemplifica tratando dos trabalhadores assalariados que não possuidores de registros formais e de autônomos que trabalham por produção como peças ou empreitada. Em algumas situações há a utilização da força de trabalho de membros da família, os quais participam ativamente mesmo sem a remuneração direta. Tais características

citadas por Lira (2002) estão presentes no trabalho artesanal dos ceramistas de Icoaraci.

O trabalho de confecção de peças em cerâmica caracterizadas como artesanato tradicional consiste numa atividade que resulta de expressões simbólicas e, como tal, mantém singularidades no rol dos artefatos confeccionados artesanalmente, tais como:

a) Seriação em pequena escala; b) Tradição no modo de fazer sustentada pelo sentimento de pertença a um determinado território; c) Utilização de recursos materiais típicos da região e d) Transmissão dos saberes a respeito da prática material através da oralidade (DIAS FILHO, 2009, p. 2)

A partir deste entendimento, evidencia-se a estreita relação entre a utilização dos recursos naturais e o processo de regulação do Estado relativo à gestão do solo, o que ocorre também no trabalho artesanal dos ceramistas ocorrido no Distrito Administrativo de Icoaraci em Belém/PA. Diante do exposto, destaca-se que no município de Belém, uma das normas jurídicas de maior importância é a Lei Complementar de Controle e Uso do Solo, lei de nº 02 de 19 de julho de 1999 que se constitui elemento normativo que visa à ordenação espacial como uma norma de controle urbanístico que rege a conduta do indivíduo quanto ao uso do solo. Nesse sentido, considera-se importante compreender como se deu a formação do Distrito de Icoaraci como polo produtor de artesanato em cerâmica e, por conseguinte, como local em que se desenvolve o trabalho dos artesãos ceramistas.

### 3.2 A FORMAÇÃO DO DISTRITO DE ICOARACI EM POLO PRODUTOR DE ARTESANATO

Contextualizar o trabalho artesanal no Distrito de Icoaraci em Belém/PA implica entendê-lo no contexto da Amazônia brasileira e, por conseguinte, no contexto nacional e internacional. No Brasil, as formas de trabalho são diferenciadas, o que pode ser evidenciado pelo povoamento das diversas áreas geográficas brasileiras. O surgimento do trabalho artesanal em Icoaraci está associado à instalação da missão religiosa dos carmelitas que são citados como proprietários de fazendas que originaram o bairro do Paracuri e, nessas fazendas, instalaram-se as primeiras olarias de Icoaraci com produção de peças utilitárias (TAVARES, 1996).

Partindo deste entendimento, situam-se elementos estudados por Maués (2000) sobre as missões religiosas no Estado do Pará, dentre as quais a presença dos carmelitas.

Dessa forma, importa destacar alguns aspectos acerca da fundação de Belém, em 1616, quando os portugueses estabeleceram uma ligação alternativa com São Luís, na parte fluvial visando garantir o primeiro estabelecimento fortificado (Belém). A partir daí, iniciou-se a conquista portuguesa da Amazônia. Tal construção justificava-se, conforme argumento dos portugueses, devido à ameaça de aproximação de vários povos: ingleses, holandeses, franceses, irlandeses e à garantia de trafegabilidade de navios amigos em virtude das demandas portuárias, o que influenciou a criação de dois estabelecimentos ainda na primeira metade do século XVII, a saber: um em Atalaia para orientar a navegação por meio de tiros de canhão em direção ao que conhecemos hoje como Salinópolis e, um posto de vigilância, com pequena guarnição de soldados, na atual cidade de Vigia (MAUÉS, 2000).

Os primeiros missionários franciscanos chegaram à Amazônia em 1617, logo após a fundação de Belém. Mesmo não sendo a primeira tentativa, os jesuítas conseguiram se estabelecer em Belém a partir de 1653. Embora estivessem bem próximos de Vigia, uma vez que estavam na região do Salgado, basicamente habitada por índios tupinambás, os jesuítas chegaram à Vigia somente em 1732 atendendo ao convite de moradores que requisitavam seus serviços como educadores. Os jesuítas chegaram a enviar índios como mão-de-obra para ajudar na construção da igreja matriz de Vigia. Os carmelitas e os mercedários também foram para Vigia, os quais ali construíram hospícios. Os jesuítas permaneceram em Vigia de 1732 até a data de sua saída definitiva do Brasil em 1760, ano em que foram expulsos por ordem do Marquês de Pombal (MAUÉS, 2000).

De acordo com Tavares (1996), a produção de cerâmica com fins utilitários numa das fazendas que deram origem à produção em olarias no Distrito de Icoaraci ocorreu em 1701, predominando até 1960, quando ilustrações de peças arqueológicas da cultura marajoara presentes no livro *Nas Planícies da Amazônia* foram reproduzidas por um artesão de Icoaraci. Foi desse modo que houve a primeira alusão às peças decorativas em cerâmica produzidas nesse bairro. Os estudos e o aprimoramento das réplicas ocorreram devido à relação existente entre o mestre Raimundo Cardoso e o Museu Paraense Emílio Goeldi, cuja referência foi o

livro da antropóloga Helen Palmatary sobre a cerâmica marajoara e tapajônica. O certificado de autenticidade emitido por este museu conferiu credibilidade às peças produzidas, as quais passaram a compor acervos de colecionadores no Brasil, Estados Unidos, Europa, Japão e Austrália.

A produção artística local foi influenciada por tribos dos Andes, as quais vieram de países como Peru ou Bolívia e desembarcaram na região relacionando-se possivelmente à definição das peças. Diferentemente para Roosevelt, a pré-história da Amazônia começa há cerca de 12.000 anos, pois entre 4.000 e 2.000 anos a.C. ocorreram mudanças nas sociedades das várzeas e, desta forma, grupos populosos ocuparam extensas áreas constituindo sociedades regionais hierarquizadas, controladas por líderes poderosos, formando os cacicados. A cultura Marajoara (500 – 1500 d.C.), no delta do Amazonas e a Tapajônica (1000 - 1650 d.C.), em Santarém, exemplificam este tipo de organização política. Estas populações desapareceram devido à escravização e, principalmente, às doenças do velho mundo, contra as quais as sociedades nativas não tinham defesa (FERRETE, 2005).

Portanto, trata-se de evidências de que essas produções são originárias da própria região, visto que esta pesquisadora identificou vestígios que comprovam que a origem da cerâmica não está relacionada às tribos dos Andes, posto que são originárias de organizações locais, não tendo origem nos países citados.

A produção artesanal de cerâmica em Icoaraci relaciona-se à inspiração e a obra de um pintor letrista Antonio Farias Vieira<sup>2</sup>, o que tem sido associado ao início da produção da cerâmica marajoara no bairro do Paracuri, conforme registro a seguir:

A partir da década de 1950, surge a cerâmica decorada feita pelo artesão Antonio Farias Vieira, com inspiração em uma fotografia de um vaso marajoara. Outro marco importante para o aparecimento da cerâmica considerada artística foi a dedicação de Raimundo Saraiva Cardoso, artesão mais conhecido como “Mestre Cardoso”, responsável pela introdução definitiva desse estilo no artesanato de Icoaraci [...] O interesse de Mestre Cardoso por esse motivo decorativo se deu durante uma visita ao Museu Paraense Emílio Goeldi nos idos de 1968. Seu interesse foi apoiado por pesquisadores da área de arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, que permitiram seu livre acesso à Reserva Técnica para conhecer o acervo arqueológico da instituição (AMORIM, 2005, p. 65).

O trabalho artesanal de ceramistas do Distrito de Icoaraci constitui uma forma de trabalho no contexto paraense caracterizada pelo conhecimento de ofício

---

<sup>2</sup>Conhecido como Mestre Cabeludo inspirou-se na fotografia de um vaso com grafismo marajoara.

pela tradição familiar que, de certa forma, vem reconstituindo a memória das populações pré-coloniais da Amazônia, visto que segundo Schaan (2003), a fase marajoara constituiu uma das cinco fases da história da arqueologia brasileira. Consta que a fase marajoara perdurou até o ano 1.300, ou seja, 200 anos antes da colonização do Brasil pelos portugueses.

A produção oleira da cidade de Belém e de suas cercanias conforme Frade (2003, p. 111) tem recebido a denominação de *cerâmica marajoara* pelas referências que faz à cerâmica pré-histórica da ilha de Marajó. A partir das contribuições de Homma (2003) e Miranda Neto (2005) algumas características das fases de povoamento da região do Marajó de 1000 a.C. a 1820.

**Quadro 01** - Características das fases de povoamento da região do Marajó de 1000 a.C a 1820

| <b>FASES</b> | <b>LOCAL</b>  | <b>CARACTERÍSTICAS</b>                          |
|--------------|---|---|
| Ananatuba    | Costa norte da ilha, penetrando até o rio Câmara pelo sudeste | Desconhecedores da agricultura e cerâmica pobre |
| Formiga      | De Chaves, penetrando até o Lago Arari                        | Cerâmica inferior                               |
| Aruã         | Costa norte oriental (Chaves, Soure)                          | Cerâmica mais simples                           |
| Mangueira    | Costa norte da ilha, penetrando até a ilha Caviana pelo oeste | Cerâmica mais elaborada                         |
| Marajoara    | Margem ocidental do Lago Arari e costa norte de Marajó        | Refinamento da técnica oleira                   |

**Fonte:** Homma (2003) e Miranda Neto (2005)

O destaque ocorre para a fase Marajoara por relacionar-se mais diretamente à inspiração e constituição do bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA. Registra-se, ainda, que as peças em cerâmica resultam do trabalho dos artesãos e, como produto do processo de trabalho, a cerâmica Marajoara é caracterizada como uma *cultura que se expandiu por toda a ilha de Marajó a partir da metade do primeiro milênio d.C. e que encontrou expressões locais diferenciadas devido a fatores ecológicos e sociais particulares* (SCHAAN, 2007, p. 81).

No processo de colonização da Amazônia muitas destas populações pré-coloniais foram dizimadas, cujas reminiscências são reproduzidas como réplicas e cópias de artefatos em cerâmica marajoara e tapajônica no Distrito de Icoaraci. Isso também vem gerando renda para muitos desses artesãos, em virtude da existência de compradores destes artefatos em níveis local, nacional e internacional. Características da cerâmica da fase Marajoara podem ser assim identificadas:

A cerâmica da fase Marajoara caracteriza-se pelo emprego de pelo menos 16 técnicas decorativas distintas para a cerâmica; às vezes, três técnicas distintas são aplicadas na mesma peça [...] Os sítios da fase Marajoara mostram ocupação contínua por centenas de anos [...] Cerca de 20 a 30% dos aterros da fase Marajoara se caracterizam pela construção de plataformas para moradia, ao mesmo tempo associadas ao manejo hidráulico de lagos e barragens (SCHAAN, 2007, 87)

A cerâmica marajoara tornou-se um símbolo do Estado do Pará porque representa a cultura nativa da região. Para Schaan (2007), as coleções cerâmicas ao serem estudadas por pesquisadores constituem-se meio para entender a pré-história da região, acrescentando-se o *savoir-faire* que influencia sobremaneira a inserção e a permanência dos artesãos ceramistas em Icoaraci na confecção das peças em cerâmica.

Assim, o surgimento da produção de peças em cerâmica no bairro do Paracuri está relacionado à confecção de peças lisas, ou seja, *a manufatura da cerâmica antes de 1966 estava atrelada a peças lisas e utilitárias* (XAVIER, 2006, p. 67). Logo, a cerâmica tradicional do Distrito de Icoaraci foi a cerâmica lisa, sem pinturas e desenhos destinada ao uso doméstico. Portanto, a produção dos artesãos ceramistas de Icoaraci relaciona-se à formação social, econômica e política do povo paraense.

A confecção de peças utilitárias em argila consistia numa prática comum originária da cultura indígena no Estado do Pará. Nas primeiras olarias do bairro do Paracuri eram produzidas e comercializadas peças artesanais utilitárias, assim consideradas como as peças de uso cotidiano, a saber: vasos, potes, alguidares e panelas feitas de barro (SEMEC, 1996). O gerente pesquisado destaca:

O que faz com que as pessoas venham de tão longe até aqui, primeiramente eles vêm para fazer turismo no Pará e, com isso são informados e querem ver a produção da cerâmica Marajoara; isso chama muita atenção porque eles pensam que é produzido mesmo por índio. Tem a ver com certeza com o turismo, já ficou como se fosse uma marca, já surgiu símbolo como o muiiraquitã e esses traços marajoaras que até em ônibus tem nossos dados e isso identifica nosso trabalho aqui (A. F.S, gerente, 43 anos de idade, trabalha com artesanato há 33 anos).

O trabalho dos artesãos ceramistas relaciona-se à difusão da cultura e à possível dinamização da economia do Distrito de Icoaraci em Belém/PA. O referido Distrito possui vários igarapés formando a bacia hidrográfica do Paracuri, com 34,60 km<sup>2</sup> de extensão, o que além de favorecer a trafegabilidade constitui-se fonte de alimentação e de renda para a população do Distrito de Icoaraci em virtude da

atividade de pesca e de extração de argila para a confecção de peças em cerâmica (MONTEIRO, 2006).

Uma das primeiras olarias instaladas no bairro do Paracuri, de acordo com foi a olaria dos espanhóis, cujo funcionamento iniciou em 1904 (TAVARES, 1996) e foi a mais antiga identificada na pesquisa de campo. Mantém-se, exclusivamente, a confecção de peças utilitárias (Fotografia 01).

**Fotografia 01** - Peças utilitárias em cerâmica produzidas na olaria mais antiga do bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA



**Fonte:** Pesquisa de campo - 2010

O município de Belém está organizado administrativamente em 08 (oito) distritos, previstos na Lei 7.682 de 05 de janeiro de 1994. Dentre estes, situa-se o Distrito Administrativo de Icoaraci<sup>3</sup>. Icoaraci é o nome da antiga Vila do Pinheiro, que se originou de uma fazenda de padres carmelitas. Este distrito localiza-se na zona urbana – orla norte da cidade de Belém no Estado do Pará e possui 09 (nove) bairros. Existem três microrregiões no Distrito de Icoaraci, a saber: a primeira é também a maior e abrange os bairros: Ponta Grossa, Paracuri (o mais populoso) e Agulha; a segunda é formada pelos bairros do Cruzeiro, Campina de Icoaraci e Maracacuera enquanto que a terceira microrregião do Distrito de Icoaraci é composta pelos seguintes bairros: Águas Negras, Parque Guajará e Tenoné (SARMENTO e LARÊDO, 1997; FERRETE, 2005)

---

<sup>3</sup> A transformação das terras e da Vila do Pinheiro em Distrito de Belém ocorreu, em 1943, por meio do Decreto nº 4.505, de 30 de dezembro do mesmo ano, o qual fixou a divisão administrativa e judiciária do Estado (DIAS, 1996).

Assim, compondo uma das microrregiões do Distrito de Icoaraci, o bairro do Paracuri (Mapa 01) concentra as olarias em que são confeccionadas peças artesanais em cerâmica, conforme pode ser visualizado no mapa que apresenta os bairros que compõem o Distrito de Icoaraci, em Belém do Pará.

**Mapa 01** - Bairros do Distrito de Icoaraci - 2010



**Fonte:** Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM) - Distritos Administrativos, 2002.

Com o intuito de compreender aspectos históricos de Icoaraci, situando a origem deste distrito e sua formação como polo produtor de artesanato no Estado do Pará, torna-se necessário refletir sobre a formação da cidade de Belém. Portanto, considera-se importante resgatar informações apresentadas por Trindade Jr.(1998), cujos estudos indicam que, inicialmente, a Vila de Icoaraci era, praticamente, isolada da cidade de Belém e a via fluvial era a única forma de comunicação entre ambas, uma vez que não possuía atrativos econômicos que justificassem o interesse municipal em interligá-la por via terrestre.

Ainda para Trindade Jr., gradativamente esse núcleo de povoamento foi incorporado ao espaço urbano de Belém, o que concorreu para a abertura da atual Rodovia Arthur Bernardes – às margens da baía do Guajará – em 1940 e, posteriormente, a abertura e a pavimentação da Rodovia Augusto Montenegro, na década de setenta do século XX. Juntamente com o processo de reestruturação metropolitana, esses fatores foram responsáveis pela configuração urbana que passou a se definir nesse distrito, sofrendo o processo de conurbação em relação à cidade de Belém e a, conseqüente, suburbanização. A conurbação é conhecida

como responsável pela constituição de regiões metropolitanas, as quais vão assumindo características semelhantes às da área central.

Icoaraci era conhecido, principalmente, como local de lazer e descanso devido às praias lá existentes. Os casarões construídos no período áureo do ciclo da borracha com grandes estruturas de ferro podem ser ainda visualizados nos dias atuais. Constituíam-se, assim, como local de segunda moradia para famílias tradicionais de Belém, a exemplo do Distrito de Mosqueiro em Belém/PA. Diferentemente, o que se apresenta no início do século XXI é a constituição da maioria dos bairros que se originaram a partir de conjuntos residenciais ou de áreas de ocupação localizadas na área correspondente ao Distrito de Icoaraci ou nas proximidades de seu eixo de expansão.

A abertura das Rodovias Arthur Bernardes e, posteriormente, a abertura e a pavimentação da Rodovia Augusto Montenegro impulsionaram a re-localização das olarias saindo das margens dos igarapés para ruas principais desse bairro e esta re-localização possibilitou que turistas e outros compradores das peças em cerâmica ali produzidas visitassem e/ou comprassem as peças artesanais no próprio local de sua confecção, não se restringindo aos belemenses.

A facilidade de acesso por via terrestre – inclusive pela ligação entre o Distrito Administrativo de Icoaraci e o Distrito Administrativo de Outeiro em Belém/PA pela proximidade destes – impulsionou as vendas e tornou o bairro do Paracuri mais conhecido pela profícua produção de cerâmica nele desenvolvida. Desta forma, o deslocamento por via fluvial para comercializar as peças artesanais no mercado Ver-o-Peso deixava de ser a única possibilidade para escoar as peças artesanais.

A partir da compreensão deste período histórico é possível relacionar o surgimento das olarias à condição favorável de acesso à matéria-prima para a produção de peças em cerâmica e, fundamentalmente, ao processo de trabalho artesanal estruturado através de gerações devido ao *savoir-faire* dos artesãos ceramistas. Os primeiros aprendizes eram membros da família de Antonio Cabeludo, a partir do qual, vizinhos e amigos passaram a confeccionar peças artesanais em cerâmica em Icoaraci. Sendo assim, inicialmente, a olaria de Cabeludo era a escola e, posteriormente, os novos ceramistas seguiam sozinhos e abriam suas próprias olarias a partir do aprendizado das técnicas desenvolvidas nas etapas do processo de trabalho. Formava-se assim um centro produtor de cerâmica com dezenas de olarias que contribuíram para o aperfeiçoamento e crescimento da arte ceramista

paraense, principalmente no bairro do Paracuri. Assim, deu-se início ao reconhecimento do bairro do Paracuri como o “bairro dos artesãos” (FERRETE, 2005).

Este bairro situa-se a 18 km da área central de Belém via Rodovia Arthur Bernardes e essa distância aumenta para 20 km via Rodovia Augusto Montenegro. De acordo com dados demográficos do Censo do IBGE (2000) o mencionado bairro contava com 4.416 (quatro mil, quatrocentos e dezesseis) homens e 4.355 (quatro mil, trezentas e cinquenta e cinco) mulheres, totalizando 8.771 (oito mil, setecentos e setenta e um) habitantes. Em 2009, foram identificadas cerca de 80 (oitenta) olarias no referido bairro e dada à imprecisão do quantitativo de artesãos por olaria foi considerado o quantitativo de artesãos cadastrados na SETER, ou seja, 212 (duzentos e doze). A pesquisa de campo possibilitou identificar as 05 (cinco) ruas com maior concentração de olarias no bairro do Paracuri, respectivamente: travessa Soledade (28), Espírito Santo (14), Coronel Juventus Sarmiento (09), 02 de dezembro (07) e Livramento (05). Somam-se, portanto, 63 (sessenta e três) olarias concentradas nestas ruas do bairro, o que corresponde a aproximadamente 80 % das olarias do bairro do Paracuri.

Na travessa Soledade está concentrada a produção e a comercialização, envolvendo cerca de 70 (setenta) trabalhadores, enquanto que nas demais ruas predominam as olarias – locais destinados à confecção das peças artesanais em cerâmica. Nestas 05 (cinco) ruas estão aproximadamente 70% dos artesãos ceramistas que produzem e/ou comercializam peças artesanais em cerâmica no bairro do Paracuri. Icoaraci, Belém/PA. Assim, visitantes, turistas e compradores da capital paraense e de outros Estados circulam constantemente nestas ruas, principalmente na travessa Soledade por ser a rua principal.

Daí associar-se a constituição do bairro do Paracuri como polo produtor de artesanato e o grafismo marajoara como o mais procurado até os dias atuais, o que se relaciona a aspectos característicos do trabalho artesanal dos ceramistas de Icoaraci em Belém/PA, tais como: a concentração de olarias nesse bairro; a existência de compradores; a reduzida oferta de emprego; a tradição extrativista; a aprendizagem da técnica desde criança; a cooperação em várias etapas do processo de trabalho; ao *savoir-faire* – entendido enquanto habilidade dos artesãos para a produção de cerâmica, a organização social destes e as políticas públicas voltadas, direta ou indiretamente, ao trabalho artesanal. A propósito da origem do

trabalho e cerâmica no Distrito de Icoaraci, a responsável pelo setor de artesanato na SETER afirma: *A cerâmica marajoara se destaca no Paracuri porque é ali que está a concentração de artesãos que trabalham com cerâmica Marajoara e Tapajônica apesar de que a origem da cerâmica Marajoara está na ilha do Marajó* (O. M. V, geógrafa, especialista em Economia Solidária, coordenadora de Artesanato do Departamento. de Economia Solidária da SETER/PA)

Além da relação do Distrito de Icoaraci com a produção de artesanato em cerâmica Marajoara, neste distrito situa-se o porto, que é o local indispensável ao transporte fluvial entre a ilha do Marajó e a cidade de Belém. Pesquisas arqueológicas evidenciaram por meio de resquícios de artefatos de cerâmica a existência de tribos indígenas na ilha do Marajó, local em que está situado o Museu do Marajó, um ícone da tradição ceramista no Estado do Pará. Icoaraci ficou conhecido pelos belemenses como o bairro dos artesãos, posteriormente, considerado como um importante polo de artesanato do Estado do Pará, conforme tratado na primeira parte deste trabalho. Inicialmente, refere-se que esta produção de peças em cerâmica pelos moradores desse bairro deve-se à existência de matéria-prima às margens dos igarapés que o contornam geograficamente. Dos 15 (quinze) artesãos pesquisados (Quadro 02), 11 (onze) nasceram em Belém, 01 (um) em Soure, 01(um) em Viseu, 01 (um) em Salvador/BA e 01 (um) em Monte Alegre.

**Quadro 02** - Sujeitos da pesquisa que trabalham em olarias de produção de cerâmica

| FUNÇÃO NA PRODUÇÃO | NATURALIDADE |              |          |       |       | FAIXA ETÁRIA |         |         |         |         | ESCOLARIDADE     |      |            |      |               |      |
|--------------------|--------------|--------------|----------|-------|-------|--------------|---------|---------|---------|---------|------------------|------|------------|------|---------------|------|
|                    | Belém        | Monte Alegre | Salvador | Soure | Viseu | 25 a 34      | 35 a 44 | 45 a 54 | 55 a 64 | 65 a 74 | Ens. Fundamental |      | Ens. Médio |      | Ens. Superior |      |
|                    |              |              |          |       |       |              |         |         |         |         | Inc.             | Com. | Inc.       | Com. | Inc.          | Com. |
| Proprietário       | 4            | -            | 1        | 1     | 1     | -            | 1       | 1       | 4       | 1       | 4                | -    | -          | 3    | -             | -    |
| Gerente            | 1            | -            | -        | -     | -     | -            | 1       | -       | -       | -       | -                | -    | -          | 1    | -             | -    |
| Pintor             | 1            | 1            | -        | -     | -     | -            | -       | 1       | 1       | -       | -                | 1    | -          | 1    | -             | -    |
| Desenhista         | 1            | -            | -        | -     | -     | 1            | -       | -       | -       | -       | -                | -    | -          | 1    | -             | -    |
| Barreireense       | 1            | -            | -        | -     | -     | 1            | -       | -       | -       | -       | -                | -    | -          | 1    | -             | -    |
| Agregador          | 1            | -            | -        | -     | -     | -            | -       | 1       | -       | -       | -                | 1    | -          | -    | -             | -    |
| Escultor           | 1            | -            | -        | -     | -     | -            | -       | -       | 1       | -       | -                | -    | -          | -    | -             | 1    |
| Oleiro             | 1            | -            | -        | -     | -     | -            | 1       | -       | -       | -       | -                | 1    | -          | -    | -             | -    |

Fonte: Pesquisa de campo - 2010

O trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci tem como uma de suas características o fato de ser realizado por pessoas que estão concentradas num mesmo bairro por aproximadamente 40 (quarenta) anos. São homens, mulheres, jovens e idosos que se organizam na confecção e comercialização das peças artesanais em cerâmica em estilos e tamanhos diversos. Outros aspectos característicos desse processo de trabalho considerados como condições objetivas são: a existência de recursos naturais, as condições climáticas propícias, os instrumentos de trabalho em sua maioria são confeccionados no próprio bairro pelos artesãos ou por carpinteiros que constroem, por exemplo, o torno, a bancada ou as caixas em madeira para a embalagem das peças para a comercialização;

A identificação com o estilo *marajoara* traduz uma dimensão simbólica para o artesanato, pois o termo *marajoara* é associado ao Estado do Pará e isso favorece a comercialização das peças artesanais. Nesse sentido, a existência dos recursos naturais não implica, necessariamente, na transformação destes em produto que teria lugar no mercado, constituindo-se mercadoria, isto é, os sujeitos sociais é que dão sentido ao trabalho por eles produzido. É comum observar o grafismo marajoara em calçadas, *outdoors* e pinturas em transportes coletivos (Fotografia 02). Afirma uma proprietária de olaria: *Já chegou turista aqui querendo comprar vasos iguais àqueles que estão pintados nos ônibus, mas eu expliquei pra ele que era difícil ter peças iguais mesmo, pode ter uma peça parecida* (O. G. C, proprietária de olaria e de loja de artesanato, 55 anos de idade, trabalha há 30 anos com artesanato).

**Fotografia 02** - Pintura de vasos em cerâmica de Icoaraci em transporte coletivo circulando em Belém, PA



Fonte: Pesquisa de campo - 2010

A confecção das peças em cerâmica tem sido comumente associada ao estilo marajoara pela forma e pelo grafismo das peças embora existam outros estilos utilizados na confecção das peças. Cabe destacar que o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci – Belém inscreve-se no debate sobre o trabalho em pequena produção, de base extrativista, com pouco incremento tecnológico e que imprime marcas da cultura paraense nas peças confeccionadas em estilo marajoara.

Com efeito, esses artesãos ceramistas têm sua trajetória histórica marcada pela produção de cerâmica em regime domiciliar, a qual permanece no contexto paraense com características particulares de produção de cerâmica artesanal com destaque para a cerâmica marajoara, a qual tem como berço a ilha do Marajó e é considerada como:

a cerâmica de maior desenvolvimento, onde encontramos as mais belas peças decoradas. É policrômica, destacando-se sempre as cores preta e vermelha sobre a cor branca. Existe uma variedade de peças, como por exemplo: zoomorfas, antropomorfas e antropozoomorfas, para sepultamentos secundários; igaçabas, para guardar alimentos e água; tangas; peças ritualísticas e estatuetas (XAVIER, 2006, p. 30).

A respeito da importância do trabalho artesanal dos ceramistas de Icoaraci destacam-se alguns depoimentos:

Esse trabalho é muito importante. Foi aqui que fundou esse trabalho e é reconhecido só que não é valorizado como merecemos. Eu mesma criei meus filhos com a cerâmica e eu ganho salário, só que é semanal (O. M. F, artesã, pintora, 47 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 15 anos).

O nosso trabalho aqui, tanto faz o meu como o dos meus colegas aqui, é reconhecido no mundo todo. Já tivemos pessoas que vieram filmar aqui a nossa cerâmica. Teve uma atriz, jogador de futebol, veio uma modelo aqui aí de fora filmaram tudo por aqui. Em matéria de televisão nós somos conhecidos no mundo todo porque o que já veio de gente filmar aqui não é pouco não (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos).

Estes depoimentos expressam o reconhecimento do trabalho dos artesãos pelos turistas que visitam as olarias e/ou pontos turísticos em Belém do Pará, pois: *Quando eu vim trabalhar aqui já encontrei esses produtos e são os turistas que compram peças pra levarem de lembrança porque lembram as nossas origens indígenas, os turistas gostam porque não tem isso lá onde eles moram* (J. F. A,

vendedora, 40 anos de idade, trabalha numa Loja no Aeroporto Internacional Val-de-Cães). A segunda vendedora pesquisada diz que:

Aqui, antes, tinha investimento em turismo e a gente recebia dólar, euro tudo isso passava por aqui. Agora está mais difícil, mas mesmo assim tem gente que compra, principalmente, quem não é daqui porque a cultura dos outros é maravilhosa, não é? Então eles gostam do artesanato daqui. Antes os navios paravam aqui e as pessoas compravam, mas agora eles só passam e quando param, às vezes, só ficam um dia mesmo e vão embora (O. J. Q, vendedora, 34 anos de idade, trabalha há 10 anos no Ver-o-Peso).

O artesanato constitui a fonte principal de renda para os artesãos ceramistas de Icoaraci embora tenham sido referidas atividades de complementação de renda como: instrutor em cursos, vigilante, serviços de panificação, locação de motos para transporte de pessoas e mercadorias. Alguns artesãos pesquisados relatam que o trabalho artesanal é a fonte de renda principal: *Atualmente é minha principal fonte de renda* (M. P. S, artesão, 63 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há mais de 30 anos); *Agora não é mais, eu estou aposentado também montei uma padaria, aqui no bairro mesmo, e aí fico de manhã na olaria e à tarde já vou pra padaria* (U. L. T, oleiro, 70 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 35 anos); *A minha renda é constituída daqui da olaria e dos cursos de artesanato que eu ministro aí sobre tecnologia da cerâmica* (M. G. P, artesão e proprietário de olaria, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos); *Eu criei meus filhos com esse trabalho e é a minha renda principal, mas meus filhos não trabalham com cerâmica no momento. Agora eu já estou tentando investir num outro ramo o de alimentos* (L. F. C, proprietário de olaria, 63 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 30 anos).

Pra mim é a principal renda e pra maioria, mas já foi bem mais. Hoje em dia muita gente já trabalha fora com carteira assinada. Eu faço outras coisas também, eu tenho moto e faço locação de motos, recebo diária, tenho aluguel de casas também (S. G. V, artesã, 40 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há mais de 28 anos).

Alguns artesãos dedicam-se, especificamente, à comercialização mesmo que possuam conhecimentos acerca das etapas de produção das peças artesanais. A necessária divisão técnica do trabalho apontou esta demanda de deixar de produzir, visto que há muitos artesãos nessa tarefa e a comercialização apresentou-

se como alternativa viável para alguns dos pesquisados, especialmente, por estarem situados na rua principal do bairro do Paracuri em Icoaraci, Belém/Pará.

A renda auferida pelos pesquisados foi mencionada como equivalente ao salário mínimo em vigor no mês de agosto de 2010, ou seja, R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais). Assim, foi preponderante que a variação de renda obtida pelos artesãos ceramistas pesquisados situa-se entre um e dois salários mínimos ao mês, conforme relatam a seguir:

Dois salários mínimos em diante a gente consegue. Isso é por pessoa que fatura, não é a loja. Eu não sei o faturamento da loja, porque isso é exclusivamente o dono que sabe. Mas na produção tem artesão que faz quinhentos reais por semana, varia de acordo com a produção. Entre estação e estação, a média é de um salário e meio (A.F.S, gerente, 43 anos de idade, trabalha com artesanato há 33 anos).

A variedade de peças foi mencionada como mais importante para os pesquisados do que possuí-las em número elevado, pois em Icoaraci apenas o conjunto de peças para servir feijoada foi mencionado como um atrativo para o público porque é bastante procurado nas lojas. Logo, entende-se que a confecção de peças artesanais é incompatível com a produção em larga escala que descaracteriza a criatividade dos artesãos e, por conseguinte, a originalidade das peças.

Nas demais ruas do bairro, os artesãos dedicam-se à confecção das peças para os lojistas que trabalham no próprio bairro ou para outras localidades sob encomenda. A travessa Soledade é a mais extensa rua do bairro do Paracuri e com maior concentração de lojas de artesanato, o que lhe confere a condição de ser o principal ponto para o escoamento das peças em cerâmica confeccionadas pelos artesãos naquele bairro.

Logo, no próprio bairro o quantitativo de pessoas envolvidas na produção é significativamente maior do que na comercialização. São várias pessoas produzindo nas olarias para vender aos que comercializam as peças. De acordo com um artesão que lamenta ter vendido sua casa na travessa Soledade:

Quem não tem casa na Soledade tem que alugar uma loja lá porque é difícil algum comprador chegar até aqui então para vender as peças tem que alugar uma loja ou então vender pra quem tem loja na Soledade, ou então procurar vender em outros espaços. Se alugar uma loja tem que vender mais porque tem que pagar o aluguel também. Eu vendo lá na orla de Icoaraci tenho um boxe lá com mais dois artesãos, mas tem despesas para

dividir com vigilância e limpeza eu faço as peças aqui na olaria e vou mandando pra lá pra vender (L. R. T, oleiro, 70 anos de idade, trabalha com artesanato há 35 anos).

Para a comercialização, alguns artesãos deixam as peças que confeccionam nas lojas que servem como locais de divulgação e de comercialização das peças, portanto, uma loja pode expor peças confeccionadas em diferentes olarias e por diferentes artesãos. Portanto, os artesãos estipulam o preço das mesmas e o proprietário da loja as vende com acréscimo e, comumente, aos sábados pela manhã faz-se a prestação de contas. As relações de parentesco, amizade ou o interesse em expor e comercializar determinados estilos das peças são elementos que contribuem para a definição e para o acesso a esses locais de comercialização. A comercialização nas 10 (dez) lojas situadas na orla de Icoaraci é coordenada pelos associados da SOAMI, os quais podem expor seus produtos, sendo cada loja compartilhada por três associados.

Segundo os pesquisados, os principais compradores das peças artesanais confeccionadas no bairro do Paracuri são turistas e visitantes, enquanto que os belemenses também compram tais peças, porém esporadicamente. No período de julho a dezembro aumentam as vendas devido à presença de turistas e visitantes à capital paraense, os quais possuem origens diversas, conforme evidenciam os depoimentos a seguir: *De fora do Estado vem comprador de Santa Catarina, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais* (S. M. G, artesã, proprietária de olaria, 63 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 30 anos); *O público é variado: turistas, arquitetos, pessoas que têm plantas em geral porque eu faço vasos diferenciados; Do Pará vem pessoas de Santarém, Marabá, Castanhal, Igarapé-Açu e Vigia* (C. O. M, artesão e instrutor, 43 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos); *De fora do Estado tem do Rio de Janeiro e de São Paulo são os principais compradores. Vem também do Suriname, aqui de pertinho mesmo* (M. D. A, 45 anos de idade, proprietária de olaria, trabalha com artesanato há 30 anos).

Como se vê, a produção de artesanato em cerâmica tornou-se característica do Distrito de Icoaraci e atende a demandas dos compradores e colecionadores de peças artesanais, tanto no contexto nacional quanto internacional.

### 3.3 O PROCESSO DE TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS EM OLARIAS DE ICOARACI

O processo de trabalho em seus elementos simples é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural da vida humana; sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo comum a todas as suas formas sociais. No processo de trabalho no modo de produção capitalista, o uso da força de trabalho pelo proprietário do capital apresenta dois pontos essenciais, a saber: a) o capitalista detém o controle da força de trabalho do trabalhador, cuida em que o trabalho se realize de maneira apropriada e em que se apliquem adequadamente os meios de produção; b) o produto criado pelo trabalhador pertence, exclusivamente, ao capitalista e, não ao produtor imediato, o trabalhador (MARX, 1985).

Os conceitos de tarefa e atividade são comumente associados ao trabalho e na perspectiva de diferenciá-las, consideram-se as definições apresentadas num estudo sobre saúde e processos de trabalho no capitalismo. Assim, tarefa é compreendida como o que deve ser feito segundo definições precisas e a atividade como o que é realizado, ou seja, a atividade é considerada o próprio trabalho, entre tarefa e atividade haverá, portanto, um necessário reajuste que conduzirá a uma redefinição dos objetivos inicialmente fixados (MERLO e LÁPIS, 2006)

O processo de trabalho artesanal dos ceramistas pesquisados está relacionado ao *savoir-faire* dos mesmos, ou seja, à habilidade para realizarem determinadas atividades considerando a definição de atividade anteriormente apontada, tais como: a modelagem, o grafismo, o acabamento das peças, a comercialização.

Além disso, outros elementos estão presentes na organização do trabalho artesanal em que a produção de peças em cerâmica volta-se à comercialização. No mercado, essas peças produzidas são definidas como mercadoria quer seja pela configuração como patrimônio cultural e atrativo à visita de turistas quer como objeto decorativo para o setor mobiliário ou para outros fins. A produção varia entre peças arqueológicas até estilizadas (com estilo criado pelos artesãos de Icoaraci); e peças lisas e sem pintura às mais trabalhadas e de cerâmica utilitária à cerâmica

decorativa, como jogos para feijoada, canecas, vasos, cofres, pratos, cinzeiros (Fotografia 03). Esta variedade pode ser visualizada a seguir:

**Fotografia 03** - Peças artesanais expostas em pontos para venda em Icoaraci, Belém/PA



**Fonte:** Pesquisa de campo – 2010

No processo de trabalho de artesãos ceramistas de Icoaraci, cada peça é resultante do trabalho de diferentes sujeitos, o que se relaciona com a dinâmica econômica, social, política, cultural da Amazônia brasileira. O processo de trabalho desses artesãos ceramistas pode ser assim caracterizado: espaço físico, organização do tempo, utilização de maquinários e instrumentos, ritmo e divisão social do trabalho, meios utilizados para a confecção e comercialização das peças em cerâmica.

O espaço físico das olarias para a confecção das peças é comumente conhecido como olaria, no entanto, esse espaço físico pode ser também chamado de ateliê, oficina ou cerâmica. O termo olaria é mais conhecido e em se tratando dos trabalhadores que ali confeccionam as peças artesanais, independentemente da função desempenhada, são denominados de artesãos. Os termos olaria e artesãos ceramistas foram utilizados neste trabalho pelo sentido histórico e conceitual que expressam.

O funcionamento das olarias para confecção das peças é de segunda à sexta-feira, no horário de 08h00 às 12h00 e de 14h00 às 18h00 e no sábado de 08h00 às 12h00. Apesar desta definição de horário, constatou-se que algumas lojas instaladas na travessa Soledade funcionam ininterruptamente durante o dia. No

entanto, o horário de funcionamento das olarias, segundo os pesquisados, depende fundamentalmente do ritmo das encomendas e das condições climáticas. Além disso, foi mencionado por artesãos entrevistados que o melhor horário para a queima das peças é à noite devido ao tempo necessário correspondente a, aproximadamente, 06 (seis) horas/dia com a temperatura dos fornos atingindo aproximadamente 900°.

Isto significa dizer que para funções como barreirenses e forneiros a definição de um horário fixo é mais difícil devido às especificidades do processo de produção artesanal. Não foi possível definir uma média das peças confeccionadas em cada olaria, pois os proprietários não demonstraram ser este um elemento importante naquele trabalho.

Cada peça confeccionada é resultante da força de trabalho de diferentes sujeitos, os quais produzem variadas peças destinadas ao atendimento das preferências dos compradores em nível local e global. No processo de confecção das peças nas olarias há um maior quantitativo de artesãos enquanto que na comercialização das peças em cerâmica ocorre certa dispersão, embora haja concentração de lojas na rua principal do bairro, tais peças também são comercializadas em lojas situadas em pontos turísticos da cidade de Belém além de outras capitais brasileiras e de outros países.

Nesse sentido, o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci envolve diversas pessoas, cuja organização leva em conta os saberes e tempos específicos necessários a cada etapa de produção. No bairro do Paracuri encontram-se mestres, aprendizes e comerciantes que se inserem no mercado de trabalho por meio de atividades diversas conforme cada especialidade do trabalho artesanal. Na história pré-colonial da Amazônia, predominantemente, *os modos de fazer cerâmica tendem ser bastante estáveis* (SCHAAN, 2007, p. 79).

Ainda para esta autora, *as sociedades Marajoara eram estratificadas, sendo a transmissão da chefia por hereditariedade* (SCHAAN, 2007, p. 85). Desta forma, o aprendizado prático da confecção das peças em cerâmica da olaria é passado de geração a geração por intermédio de uma mesma família. Esta tradição ceramista é ainda característica do bairro do Paracuri, uma vez que dos 15 (quinze) artesãos entrevistados somente 02 (dois) não aprenderam o ofício com familiares. Contudo, registra-se que apesar desses pesquisados não terem apreendido as técnicas para a confecção de cerâmica com familiares, uma artesã deu continuidade ao trabalho

que aprendeu com um amigo, possibilitando que a maioria de seus filhos se envolvesse na atividade ceramista até os dias atuais. A esse respeito refere que:

Eu já trabalhei como empregada doméstica, mas antes de começar a trabalhar com cerâmica eu trabalhava vendendo comida na rua, no porto eu vendia carne de porco, galinha, peixe e não tinha um lugar certo. Então vi que muita gente estava vendendo cerâmica e eu pedi pra um amigo meu que era oleiro pra me ensinar a trabalhar com venda de cerâmica então ele veio e me ensinou, ele veio fazer a peça, trouxe a pintora, o desenhista, ele me ensinou todas as qualidades de tinta que a gente usava. Antes não tinha ninguém na família que trabalhava com a cerâmica. Fui eu que comecei nesse trabalho, antigamente eu tinha 20 (vinte) funcionários, eram todos de fora. Aí os filhos foram crescendo e agora, em 2010, estamos com oito pessoas que são da família e só dois é que são de fora, o pintor e o desenhista. Hoje só uma filha não trabalha com artesanato (K. B. D, artesã, proprietária de olaria, 61 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos).

Pelo exposto, constata-se que o aprendizado da técnica do trabalho artesanal em cerâmica, embora demorado, acompanhou o crescimento dos filhos a partir da inserção desta artesã na atividade ceramista, a qual afirma que somente uma filha não quis trabalhar com artesanato, mas conhece todas as técnicas desse trabalho. O trabalho dos artesãos em Icoaraci é realizado com tecnologias simples, com grafismos e formas conhecidas como marajoara e icoaraciense, principalmente, o que expressa a diversidade – de recursos naturais e de atores sociais – e dos modos de vida da população que singulariza a Amazônia brasileira (SILVA, 2007)

Objetivando aprofundar a compreensão sobre o processo de trabalho dos artesãos em Icoaraci faz-se referência ao Plano Diretor de Mineração em Áreas Urbanas sob a gestão da SEICOM do Estado do Pará, visto que esta secretaria é o órgão responsável pelas atividades de fomento mineral, em nível estadual e desenvolve ações relativas à degradação ambiental causada pela mineração em áreas urbanas, particularmente, na região de Belém e em municípios vizinhos. Sendo assim, esta Secretaria tem como atribuição a execução do Plano Diretor de Mineração em Áreas Urbanas (1995, p. 120), no qual as argilas subdividem-se em:

argila para argamassa e argila para cerâmica. Dentre as argilas para cerâmica têm-se tanto as vermelhas, empregadas na fabricação de telhas, tijolos e peças de artesanato, quanto as brancas, empregadas principalmente na indústria de azulejos e pisos cerâmicos, embora também se prestem à fabricação dos demais artigos cerâmicos (tijolos, telhas etc.).

Este Plano apresenta o cadastro das substâncias minerais não-metálicas, que são: argila, areia, arenito ferruginoso, concreções ferruginosas e os horizontes superficiais dos solos. Em virtude do rareamento da argila utilizada para artesanato – conforme cadastro do Plano Diretor de Mineração em Áreas Urbanas, os barreirenses de Icoaraci realizam atividade de extração de argila em locais diferentes, conforme o depoimento de um entrevistado:

Quando era perto daqui dava pra fazer até duas viagens, agora não. Tem que aproveitar a maré. Muita gente quer abandonar, já foi muito bom quando tava perto, agora tá muito longe. Quero sair de lá porque fica muito longe pra tirar o barro e a gente demora muito e ficou mais cansativo (J. M. O, barreirenses, 28 anos de idade, 06 anos nessa atividade)

Esta forma de trabalho baseia-se no extrativismo e na pequena produção que se caracteriza pelo fornecimento, troca ou expropriação de produtos *in natura*, o que é peculiar na Amazônia brasileira. Tal situação pode relacionar-se, historicamente, à constituição desta região como fornecedora de bens e serviços para outras regiões brasileiras e para o mercado internacional, pois: *processos de trabalho com tecnologias simples [...] compõem o quadro singular das relações de trabalho em sistemas tradicionais como encontradas em sociedades indígenas e caboclas* (CASTRO, 1998, p. 06).

Com efeito, constata-se que o processo de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci efetiva-se por meio de tecnologia simples e reduzida divisão do trabalho, pois esses trabalhadores desenvolvem várias etapas no processo de produção do artesanato utilizando técnicas específicas aprendidas com gerações anteriores e utilizando instrumentos de trabalho, predominantemente, por eles fabricados.

De acordo com informações obtidas em um *site* de comercialização dos produtos de Icoaraci, as etapas de confecção do artesanato em cerâmica são as seguintes:

1ª) A limpeza do barro: o barro é trabalhado de modo a serem retiradas as impurezas (em geral, raízes de árvores); 2ª) É no torno que a habilidade do oleiro modelará a peça. Depois de "levantada" (já com seu formato final), a peça vai para o sol a fim de secar. (este processo de secagem pode levar até mais de 24 horas); 3ª) Agora que a peça já está seca, vai ser lixada para deixar a superfície plana, sem imperfeições; 4ª) Chamada de "engobo", é quando a peça recebe a primeira pintura para definir sua cor básica; 5ª) É nesta etapa que o desenhista traça os contornos dos desenhos que tanto valorizam as peças; 6ª) Após receber os contornos vem a "nicação" que é um trabalho feito por outro desenhista que vai inserir os inúmeros traços de

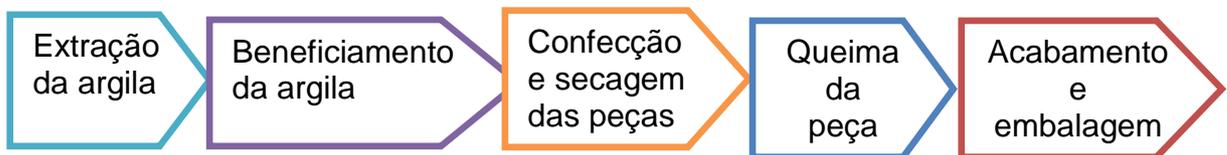
preenchimentos nas formas anteriormente definidas. Feito isto, a peça vai ao forno para "queimar" (o que dará à peça a firmeza final); 7ª) Após a queima é feito o arremate, que é a pintura final. As cores variam desde o estilo tradicional marajoara (vermelho, preto e branco) até as estilizadas, onde se pode ver o verde, azul, amarelo e outras variações.

A dinâmica do processo de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci apresenta as seguintes etapas:

As fases da confecção da cerâmica são desenvolvidas de acordo com uma cadeia produtiva envolvendo várias funções de equivalentes graus de importância dentro do processo. O trabalho começa com os barreirenses que se deslocam toda manhã para buscar o barro nas áreas legalmente autorizadas para extração. Estes também fazem a limpeza e a distribuição desta matéria-prima para as oficinas/olarias do bairro; em seguida, os oleiros fazem as peças e repassam para os profissionais que têm a responsabilidade de desenhar, lixar e brunir as peças. Quando concluem, repassam para o profissional que faz a queima e, finalmente, a peça é repassada para o pintor concluir com o seu toque pessoal (OLIVEIRA, 2009, p. 40).

Em síntese, o processo de trabalho nas olarias para a confecção das peças e artesanato (Fluxograma 01) pode ser sucintamente apresentado:

**Fluxograma 01** - Processo de trabalho em olarias do bairro do Paracuri



Fonte: Elaboração própria– 2010

Com base na pesquisa de campo realizada para embasar este estudo e, ainda, tomando como referência Xavier (2006), o processo de trabalho artesanal dos ceramistas de Icoaraci consiste em:

1) **Aquisição da matéria-prima:** realizada pelos barreirenses por meio da extração de argila das margens de igarapés situados às proximidades do bairro do Paracuri.

Os trabalhadores conhecidos como barreirenses extraem a argila, que é a matéria bruta que se transforma em matéria-prima para a confecção das peças em cerâmica em igarapés<sup>4</sup>. Cada grupo é composto por 08 (oito) pessoas em média que trabalham diretamente na extração da argila. Para o atendimento de encomendas dos artesãos, organizados em grupo os barreirenses dirigem-se aos igarapés para

<sup>4</sup> Pequenos cursos d'água localizados às proximidades do referido distrito

extraírem a argila utilizando pequenas embarcações – conhecidos como batelões – e organizam as viagens conforme o horário das marés (Fotografia 04), visto que a trafegabilidade nos rios e nos igarapés ocorre quando a maré está cheia.

**Fotografia 04** - Desembarque da argila coletada para beneficiamento na olaria do Bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA



**Fonte:** Pesquisa de campo - 2010

A respeito do trabalho desenvolvido, um barreirense relata:

A gente trabalha de acordo com a maré, a gente sai na hora da maré, se der pras canoas boiarem, hoje ela deu 06h30 da manhã, amanhã ela dá 07h00, ela tarda meia hora de um dia para o outro quando ela tá de lance, quando ela tá de quebra chega a tardar até uma hora de um dia para o outro. Tem dias que a gente vai de madrugada. Somos 8 barreirenses em 3 equipes diferentes. Nosso pagamento é em forma de argila e a gente vende. O pagamento é por semana. A gente fica todo espalhado na área. O barro fica há uns 20 ou 30m embaixo da terra. A gente extrai cerca de 500 blocos de barro por maré. A gente vai quando a maré tá baixa e volta quando tá alta. Antes, a gente levava meia hora pra ir e meia hora pra voltar da exploração, agora é uma hora pra ir e uma pra voltar. Fica uma hora e meia ou duas horas tirando o barro. Usamos a cortadeira, terçado, machado, lanterna e vamos de batelão para pegar a argila nos igarapés e no barracão o que a gente precisa é da linha em nylon, de água e da maromba pra limpar a argila e fazer as barras pra vender (J. M. O, barreirense, 28 anos de idade, trabalha há 06 anos nesta atividade).

Conforme evidencia o depoimento anterior, para os barreirenses, o desenvolvimento dos trabalhos depende do horário das marés, por isso a coleta pode ocorrer pela manhã e pela tarde e a limpeza das bolas de argila é realizada logo que são desembarcadas e levadas para os barracões. Ao retornarem do

trabalho de extração, os barreirenses carregam as bolas de argila das embarcações até os galpões ou barracões para a limpeza das bolas de argila – cujo peso equivale a 20 kg – a limpeza é realizada com a utilização de linhas em nylon e água além da maromba para amassar a argila.

Após beneficiarem a argila transformando-as em blocos para a confecção das peças artesanais, os barreirenses efetuam o pagamento dessa matéria-prima com 20% do total arrecadado, aos fornecedores de argila. Trata-se de uma forma de pagamento em que não circula dinheiro, referindo-se ao pagamento pelo uso dos referidos instrumentos de trabalho, assim como pelas despesas com a manutenção do local e com a energia elétrica.

A circulação da moeda ocorre na compra de equipamentos, tintas, pincéis, solventes etc. Predominantemente, o uso do dinheiro ocorre na comercialização desta argila para os artesãos que são proprietários das olarias do bairro do Paracuri. Para o transporte desses blocos são utilizados carros confeccionados em madeira, uma roda e longos cabos para serem empurrados pelas ruas do bairro. Em geral, o pagamento pelas encomendas ocorre semanalmente.

Foram identificados 03 (três) fornecedores de argila com respectivos grupos de trabalhadores, os quais cedem os instrumentos de trabalho para as pessoas que coletam a argila nos igarapés e a beneficiam em galpões no próprio bairro. Os fornecedores são proprietários dos galpões e dos instrumentos de trabalho fornecidos a cada viagem que realizam aos barreirenses. Aproximadamente 08 (oito) barreirenses trabalham para cada fornecedor, assim estima-se que 24 (vinte e quatro) barreirenses trabalhem no bairro do Paracuri e sejam responsáveis pelo fornecimento da argila para os 212 (duzentos e doze) artesãos.

Conforme informação da presidente de uma cooperativa de artesãos de Icoaraci, denominada COARTI, há muitas áreas de onde pode ser extraída a argila, no entanto, em virtude dos processos de ocupação e de expansão imobiliária em Icoaraci o acesso às áreas para essa finalidade fica inviabilizado e, assim, outras áreas são procuradas para tal extração e isto impacta no preço final das peças de artesanato confeccionadas pelos ceramistas.

2) **Beneficiamento e tratamento da argila:** manipulação da argila para a retirada de impurezas e formatação de barras retangulares, medindo 20 (vinte) a 30 (trinta) cm de comprimento e 10 (dez) a 15 (quinze) de largura, o peso varia entre 05 (cinco) e 07 (sete) kg (quilogramas).

A modelagem da argila é realizada também pelos barreirenses, os quais amaciam a argila e a introduzem em pedaços na maromba para que as bolas de argila sejam modeladas em blocos retangulares, os quais pesam aproximadamente 15 kg para serem vendidos para as olarias por preço que varia entre R\$ 1,50 e R\$ 2,00, o quilograma.

3) **Manufatura do objeto cerâmico e secagem:** confecção (Fotografia 05), propriamente dita, levantamento no torno para dar forma às peças.

**Fotografia 05** - Manufatura da peça em cerâmica no bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA



**Fonte:** Pesquisa de campo – 2008

A partir da compra de blocos de argila irão associar o saber-fazer aos instrumentos de trabalho para a confecção das peças em cerâmica. Respectivamente, o oleiro e o desenhista darão o formato e a modelagem, o estilo e o grafismo das peças. No engobamento das peças artesanais é aplicada uma fina camada de argila sobre as peças antes da queima, ou seja, é colocada uma cobertura dissolvida em água sobre toda ou parte da superfície da peça. Tal atividade é executada pelo engobador.

A confecção ou modelagem das peças é feita pelo oleiro, os grafismos são feitos pelo desenhista e o aprofundamento dos traços pelo nicador. As peças são expostas ao ar livre para posterior queima no forno movido a lenha. Burnir ou brunir significa retirar as asperezas da peça utilizando um tecido umedecido com água ou utilizando material plástico. Quem executa esta atividade é o burnidor. Nesta etapa, a peça pode ainda ser caliçada, isto é, alisada e, para tanto, será utilizado um vidro

ou uma pequena lâmpada acoplada a um cano plástico (Fotografia 06), conforme figura a seguir:

**Fotografia 06-** Instrumento usado para calçar as peças



**Fonte:** Pesquisa de campo – 2010

4) **Queima:** esta atividade tem duração de 08 a 10 horas e é desenvolvida em forno movido a lenha (Fotografia 07). Existe também forno elétrico e o forno a gás. Na Oficina de Cerâmica situada no Liceu-Escola Mestre Raimundo Cardoso é utilizado frequentemente o forno elétrico, assim como outros equipamentos industriais.

**Fotografia 07 -** Forno a lenha para queima de peças em cerâmica no bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém / PA



**Fonte:** Pesquisa de campo – 2009

5) **Acabamento** (pintura e nicagem): consiste em dar os retoques finais à peça, dependendo da peça a mesma pode ser pintada ou desenhada.

Na finalização, ocorre a pintura e a impermeabilização (Fotografia 08) para nova secagem e exposição para a comercialização. No acabamento das peças, os pintores e os burnidores dedicam-se à impermeabilização e ao embelezamento das mesmas. Para tal, utilizam produtos químicos como tintas, betume, querosene. É utilizado um tipo de cera sobre a peça para dar-lhe brilho. A peça pode ser encerada após a queima.

**Fotografia 08** - Artesã impermeabilizando peças artesanais em cerâmica



Fonte: Pesquisa de campo – 2010

A pintura envolve o uso de tintas, querosene, pincéis, trinchas, betume para impermeabilizar a peça etc. A agregação é a atividade de consiste em acrescentar partes pequenas como tampas, alças, itens decorativos como olhos em peças com formas de animais, por exemplo. As pessoas que desenvolvem estas atividades são conhecidas como pintoras e agregadoras, respectivamente. Na fase de acabamento ocorre a impermeabilização das peças.

6) **Embalagem e comercialização:** para a embalagem das peças são comprados produtos como madeira e papelão para a confecção de caixas e jornais para as peças individualmente e protegê-las de atritos e possível quebra. As peças lisas são vendidas por um preço menor se comparado com as peças decorativas, pois

àquelas demandam maior quantidade de argila, diferentemente das peças decorativas que terão o preço acrescido pela agregação de grafismos e pinturas.

A comercialização é considerada a etapa final do processo de trabalho, no entanto, é nesta etapa que se reinicia, ciclicamente, o referido processo a partir das encomendas ou pela análise que os artesãos realizam sobre as peças que obtiveram maior aceitação pelos compradores. Envolvidos diretamente na comercialização, os artesãos fazem constante alusão aos consumidores que visitam a cidade de Belém e que tem como lembrança do lugar que visitaram peças pequenas – consideradas como *souvenir*.

Em geral, a comercialização é concentrada na principal rua do bairro – travessa Soledade – na qual estão situadas 30% das olarias, o que corresponde a 24 (vinte e quatro) além de espaços que funcionam apenas como lojas, existe a comercialização de peças artesanais do Paracuri em lojas no próprio distrito e em outros pontos de comercialização em Belém. As feiras e eventos constituem espaços propícios à comercialização das peças artesanais. Em 2010, em Recife/PE, ocorreu a “X Feira Nacional de Arte” (Fotografia 09). A ilustração a seguir evidencia a participação do Estado do Pará em estande comercializando, dentre outros, peças artesanais em cerâmica de Icoaraci, Belém.

**Fotografia 09** - Estande representando o Estado do Pará na X Feira Nacional de Arte, Recife / PE



**Fonte:** Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda / Deptº de Economia Solidária / Coordenação de Artesanato – 2010

### 3.3.1 Condições de trabalho dos artesãos ceramistas

Considerando-se a atividade desenvolvida pelos artesãos ceramistas de Icoaraci no processo de trabalho são elencadas algumas situações que caracterizam, em linhas gerais, as condições de trabalho dos mesmos.

Conforme referido anteriormente, a argila é um recurso mineral não-renovável, o que significa dizer que sua renovação não ocorre de forma idêntica ao extrativismo vegetal - predominantemente capaz de se recuperar quando ocorre apenas a coleta. Isto traduz a possibilidade de exaustão do recurso e o esgotamento das jazidas de argila, embora exista em outros lugares torna-se mais dispendioso realizar tal coleta em regiões mais distantes, repercutindo no preço final do produto beneficiado e, conseqüentemente, na peça confeccionada pelos ceramistas. Neste contexto, destacam-se algumas situações apresentadas em relação ao trabalho dos barreirenses:

Antes, eu trabalhava em supermercado e então ou trabalhava ou eu estudava. Tenho seis anos como barreirenses. Já fiz cursos de computação e designer. O trabalho é em equipe, mas tem casos que é individual mesmo. Já cheguei a ir sozinho extrair barro, mas não tem tanta argila mais. O pessoal explora há muito tempo. Onde é feita a exploração da argila o pessoal vai construindo casa e a dificuldade agora é que ficou longe pra tirar o barro. Aqui no Paracuri, mesmo, a argila tá acabando e não vai melhorar. Há muito tempo que é explorado. A gente tem a quantidade pra entregar a cada um toda semana. Nesse período o cliente pede uns 30 blocos de barro, e nos períodos bons tem cliente pede de 100 a 150 blocos por semana. Na maré grande a gente tem dificuldade para tirar o barro. Até a gente chegar lá a maré já invadiu tudo. Sempre caem as vendas por causa da chuva (J. M. O, barreirenses, 28 anos de idade, trabalha há 06 anos nessa atividade).

Os barreirenses de Icoaraci buscam constantemente identificar áreas em que possam encontrar argila para extrair. Em virtude disso, existe uma mobilidade social destes barreirenses para lugares mais distantes do local de confecção das peças artesanais em cerâmica. Desta maneira, pois se deslocam por rios e igarapés em busca de terrenos argilosos para identificarem áreas que possam encontrar argila para obter a matéria-prima a ser utilizada na confecção do artesanato. Além disso, o assoreamento nos locais em que este recurso chega à exaustão constitui demanda para a gestão ambiental em função de ampliarem a possibilidade de inundações no próprio bairro do Paracuri ou em outros lugares.

O rareamento da argila repercute nas condições de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci impulsionando-os a se organizarem na ABIC, visto que a delimitação de uma área específica para a extração da argila precisava ser

regulamentada pelo poder público. As ameaças sofridas pelos barreirenses pelo exercício da atividade de extração de argila das jazidas localizadas em terrenos de propriedade particular geram situações de conflito entre os barreirenses e os referidos proprietários.

A atividade ceramista constitui uma forma de auto-sustento dos artesãos ceramistas, posto que as relações políticas, econômicas, sociais e culturais estão presentes nos diferentes espaços físicos de trabalho, assim como o produto comercializado é carregado de significados culturais.

No trabalho artesanal em Icoaraci podem ser destacadas a utilização de instrumentos e técnicas rudimentares e as limitações para a comercialização diretamente das peças, pois poucos são os que conseguem comercializar diretamente as peças produzidas, o que ocasiona, o não-reconhecimento da autoria das mesmas. Embora durante a pesquisa de campo realizada para subsidiar este estudo tenha sido possível visualizar a saída de caminhões com peças artesanais da principal rua do bairro do Paracuri, o depoimento a seguir evidencia a redução no volume de peças vendidas:

Antigamente eles chegavam aqui e perguntavam quanto é? Quanto é o que? Não, eu quero levar a loja toda, hoje em dia não, o pessoal vem aqui, leva uma peça, duas, no máximo umas cinco peças (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos).

A oscilação nas vendas do artesanato foi mencionada por vários pesquisados, principalmente, em situações de crise econômica quando as vendas são reduzidas significativamente, impactando na diminuição da renda obtida com a realização deste trabalho, uma vez que os artesãos ceramistas possuem nesta atividade a fonte principal de renda e essa forma de trabalho envolve várias etapas da extração da argila à comercialização das peças e, por conseguinte, são diversas pessoas envolvidas nesse processo de trabalho.

A comercialização das peças em cerâmica exige também habilidades específicas, o que requer qualificação para o trabalho. A propósito numa olaria do bairro do Paracuri, identificada por seu proprietário como unidade produtiva, existe um profissional que exerce a função de gerente há 05 (cinco) anos, o qual relata:

Eu sei todas as etapas do processo de trabalho, porque trabalho com artesanato há uns 30 (trinta) anos e só não aprendi bem mesmo a técnica

para trabalhar como forneiro, porque é preciso ter muito tempo de experiência para saber o ponto certo do es quente e pra virar e queimar as peças por igual. Em todas as olarias deveria existir um gerente, porque quem produz não deveria comercializar. A produção já exige bastante tempo do artesão e a comercialização também exige tempo, além de outros conhecimentos (A. F. S, gerente, 43 anos de idade, trabalha com artesanato há 33 anos).

De acordo com esse mesmo pesquisado, a designação de um responsável pela gestão da olaria contribuiria para a melhoria da comercialização, o que demandaria a implementação de políticas públicas de qualificação profissional nessa perspectiva. Para Diegues (1983), os saberes tradicionais focam atenção sobre os ciclos biológicos e dos recursos naturais, com forte presença de elementos de origem indígena. Nesse sentido, destaca-se que a cultura tradicional amazônica tem grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza.

Embora a dependência do mercado se faça presente associa-se a tecnologia simples e a reduzida divisão do trabalho em formas de trabalho na Amazônia brasileira. Essas são características do processo de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, pois desenvolvem várias etapas no processo de produção do artesanato utilizando técnicas e instrumentos de trabalho por eles fabricados, preponderantemente.

No processo de trabalho, as peças cerâmicas confeccionadas no Distrito de Icoaraci assumem configurações específicas. Assim, as tipologias e principais características dos artefatos em cerâmica encontrados no bairro do Paracuri são: a) Cerâmica utilitária: produtos cerâmicos do artesanato tradicional; b) Cerâmica decorativa: novas linhas de produto a partir do trabalho desenvolvido por *designers*, artistas e artesãos de reconhecida capacidade; c) Cerâmica arqueológica: réplicas de peças arqueológicas do acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi (XAVIER, 2006). Para a produção dessas peças são utilizados diferentes instrumentos de trabalho confeccionados pelos artesãos, dentre os quais o esteque (Fotografia 10), o qual consiste num instrumento pontiagudo para desenhar as peças, conforme alguns depoimentos dos pesquisados: *Esteque: é uma capa de caneta com um arame na ponta, um grampo de cabelo que é colado e amolado que corta e com isso forma o desenho* (M. G. P, artesão administrador da olaria, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos); *Tem o esteque grosso, fino, para paisagem. O barro já vem batido, passado no amassador [maromba], mas ainda assim vem sujo* (G. T. P, artesã, proprietária de olaria, 61 anos de idade, trabalha com artesanato há 30

anos); *O desenhista mesmo é que prepara as suas ferramentas que precisa e a gente chama de esteque porque são vários modelos e vai depender do desenho* (R. L. O, desenhista, 25 anos de idade, trabalha com artesanato há 06 anos).

Estes instrumentos são confeccionados de acordo com a variedade dos grafismos, a habilidade do desenhista e a demanda de trabalho. A divisão social do trabalho depende também da criatividade do artesão ou da especificidade das encomendas, tendo como exemplo a reprodução de desenhos a partir de fotos ou desenhos trazidos pelos compradores. Assim como pincéis, tintas e impermeabilizantes são necessários aos pintores, o forno é o instrumento principal para o forneiro, o compasso é outro instrumento considerado importante para os desenhistas; o torno que é confeccionado por carpinteiros e é fundamental para que o oleiro possa modelar as peças enquanto que o batelão, a enxada, o facão e a maromba são indispensáveis para o trabalho realizado pelos barreirenses.

Pincel e tinta à base de água para colorir, querosene, o betume, as ferramentas são feitas pelos próprios artesãos ou então são compradas de outros artesãos. Olha o forno tem um carpinteiro que faz e vende. Nosso instrumento principal é o torno, sem ele não se faz nada a não ser aqueles bonequinhos que se faz só com a mão. Outro é o esteque que serve para gravar, nicar. Tem o esteque de gravar e de riscar. Somos nós que fazemos esses instrumentos; cada artesão tem que fazer o seu porque depende de cada peça nenhuma loja vende (G. T. P, artesã, proprietária de olaria, 40 anos de idade, trabalha com artesanato há 28 anos).

Para compreender quais as principais ferramentas / instrumentos utilizados para produzir as peças artesanais ceramistas de Icoaraci, bem como a respeito das características do trabalho de produção de uma peça é ilustrativo o relato de um artesão que se autodenomina *serviços gerais* em uma olaria:

Eu sou oleiro, forneiro e trabalho também no acabamento das peças o que eu produzo é de acordo com as necessidades do meu trabalho. Eu uso um cano plástico desses de encaiação de água com uma lâmpada na ponta. Eu uso uma bolinha de gude que chamam de peteca, aqui é só uma lâmpada, aqui já tem uma tampa de caneta. Como você vê, aqui não vai dar pra eu colocar aqui no cantinho uma lâmpada e nem o cano para dar esse polimento bem aqui no cantinho. Tem pessoas que vem aqui e dizem isso é tão simples, mas isso aqui é que é o meu material de trabalho. Aqui tem cano de Plástico, vidro, ampola de garrafa plástica de dois litros. Cano, sacola, para poder lustrar, eu uso também uma colher como você pode vê com o cabo quebrado justamente para poder raspar aqui dentro, como você pode ver para tirar as veias por dentro e, assim, ela fica lisinha então cada ferramenta tem um objetivo (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos).

O depoimento do pesquisado revela que a confecção dos instrumentos de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, exige criatividade e a apropriação de recursos naturais que estão ao seu alcance, pois aqueles instrumentos são por eles confeccionados, tais como: a maromba, o torno de pé; o forno; os esteques, as estantes e mesas em madeira, o batelão - tipo de embarcação por eles confeccionada - para a extração da argila nas margens dos igarapés. Além dos instrumentos confeccionados são utilizados a pá, o terçado, o remo e a lanterna.

**Fotografia 10** - Esteques utilizados para desenhar e nicar as peças



**Fonte:** Pesquisa de campo - 2010

Os principais maquinários e instrumentos utilizados no processo de trabalho nas olarias são: 1) estantes e mesas em madeira; 2) ferramentas destinadas à limpeza da argila e ao grafismo nas peças; 3) o torno de pé utilizado para a confecção das peças; 4) o forno para queimar as peças. Sobre os instrumentos de trabalho, uma artesã dedicada ao acabamento das peças relata: *o torno, o forno e algumas ferramentas que se faz de sucatas como palhetas, espetos, facas somos nós mesmos que produzimos essas ferramentas porque não existem mesmo para vender então a gente mesmo faz* (J. L. C, pintora, 47 anos de idade, trabalha com artesanato há 32 anos).

O trabalho do oleiro é desenvolvido em pé e tem início com o manuseio do torno acionado pelo movimento dos pés sobre uma roda de madeira maciça pesada (SOUZA, 2002). Já o forneiro utiliza o forno a lenha para queimar as peças. As três primeiras horas do processo de queima são denominadas de *esquente* até alcançar a temperatura de 900° e transformar a argila em cerâmica propriamente dita.

## 4 O TRABALHO ARTESANAL DE ICOARACI EM BELÉM/PARÁ

Para a diretoria executiva do Conselho Mundial de Artesanato, que se reuniu em Bogotá em 1996, o artesanato é definido como toda atividade produtiva de bens e artefatos realizados manualmente ou com a utilização de meios rudimentares com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. Assim, pode-se inferir que o trabalho artesanal caracteriza-se pela transformação da matéria-prima em objetos úteis. Consiste em manifestação de vida comunitária e destina-se a produzir objetos de uso comum, seja em função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa. O artesanato é prático e de aprendizagem informal e o aprendizado dessa forma de trabalho ocorre por meio da observação.

Para compreender o trabalho dos artesãos de Icoaraci, de Belém, procurou-se analisar os sentidos desse trabalho para os mesmos, suas formas organizativas e como são pautadas suas principais demandas para as políticas públicas no contexto paraense.

As determinações sociais, econômicas e políticas deste trabalho foram identificadas a partir da inserção desta forma de trabalho situada no contexto de acumulação capitalista, o que denota que a condição em que os pesquisados realizam o trabalho de confecção e comercialização de peças em cerâmica possui implicações que remetem à origem do povoamento na Amazônia brasileira.

### 4.1 MODOS DE VIDA E SENTIDOS DO TRABALHO ARTESANAL EM ICOARACI

Consta no cadastro da SETER/Coordenação do artesanato a existência de 212 (duzentos e doze) artesãos ceramistas no bairro do Paracuri, Icoaraci, Belém/PA no ano de 2010. O nível de escolaridade desses artesãos, em geral, corresponde ao Ensino Fundamental. Há registro de artesãos, cuja escolaridade é o Ensino Médio e Ensino Superior. Quanto à idade, três pesquisados possuem idade inferior a 35 (trinta e cinco) anos, enquanto que os 12 (doze) possuem entre 40 a 70 (quarenta e setenta) anos de idade. Registra-se que dentre os artesãos ceramistas existem aqueles que não são proprietários de olarias, porém, são chamados para realizarem trabalhos sob encomenda. Logo, a ausência de renda fixa foi mencionada pela maioria dos artesãos pesquisados como o principal fator para não contribuírem para a Previdência Social, o que provavelmente os colocará em situação de

desproteção social quando estiverem em idade de aposentadoria ou incapacidade para o trabalho.

O poder aquisitivo dos artesãos, de modo geral, é baixo variando entre 01 (um) e 02 (dois) salários mínimos, pois a renda obtida é oriunda da comercialização da produção do artesanato, o que também ocorre por meio de atravessadores<sup>5</sup>. Essa situação de dependência para a comercialização do artesanato produzido agrava a condição de precarização das condições de trabalho e de vida dos mesmos.

A confecção das peças artesanais depende, fundamentalmente, de oleiros, de desenhistas, de nicadores, de burnidores e de forneiros. As funções de oleiro e desenhista são as que recebem melhor remuneração, geralmente, o valor é equivalente ou no mínimo o desenhista cobra 80% do valor cobrado pelo oleiro. Em números absolutos estes valores irão variar de acordo com as características das peças, que serão definidas de acordo com o grafismo, o tamanho e a forma. Se houver necessidade de pesquisa ou em se tratando de peças arqueológicas o valor da pesquisa e do trabalho especializado para fazer réplicas implicará no aumento do preço da peça. Constatou-se que as atividades de burnição, lixamento e pintura são desenvolvidas pelas mulheres, enquanto que as atividades dos oleiros, desenhistas e nicadores são predominantemente realizadas por homens. Tem-se então nesta forma de trabalho, a divisão sexual do trabalho.

Nesse sentido, as condições de trabalho e de vida dos artesãos ceramistas de Icoaraci incluem a baixa remuneração, a sazonalidade na produção do artesanato e na comercialização, a sobrecarga de trabalho devido ao acúmulo com as tarefas domésticas e com atividades de complementação de renda, o baixo nível de escolaridade, as condições precárias de acesso ao sistema de saúde pública e a não contribuição para a Previdência Social.

A divisão das tarefas tem por base as etapas específicas do trabalho e determina uma espécie de *hierarquia* complexa; há etapas consideradas mais simples, como as de burnir e de pintar. Outras mais complexas, como as etapas de levantar ou modelar a peça no torno, desenhar e esculpir a peça, além da etapa da

---

<sup>5</sup> O termo atravessador refere-se àquele que se interpõe entre o produtor e o vendedor final do artesanato. A existência do atravessador é comum quando o produtor não tem condições de comercializar diretamente o seu produto ou que o produtor não esteja organizado para tal.

queima da mesma, o que exige experiência para realizar esse trabalho, conforme relata um artesão:

São três espaços aqui na olaria. Aqui é onde começa todo o trabalho da cerâmica, daqui vai para o outro galpão para ser desenhado ai depois volta para cá para eu fazer o acabamento. Aí daqui ela vai secar e daqui eu vou colocar no forno, vou dar a queima, aí vai lá para as meninas pintarem, daí vai lá para loja (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos).

O trabalho dos artesãos pesquisados é remunerado de acordo com a complexidade da tarefa e com o tamanho das peças. Com o intuito de exemplificar a forma de pagamento por produção com base nos tipos de tarefa podem-se destacar as seguintes: burnir, que é considerada uma tarefa que não exige habilidade especial, o artesão recebe em torno de R\$ 0,20 (vinte centavos) por uma peça pequena; nicar, o artesão recebe cerca de R\$ 0,30 (trinta centavos), isto é, para aprofundar os traços feitos anteriormente pelo desenhista nesta peça; desenhar, na qual o artesão recebe entre R\$ 0,80 (oitenta centavos) ou R\$ 1,00 (hum real), dependendo das características do desenho, enquanto que o oleiro recebe o mesmo valor que o desenhista ou um pouco mais. O valor cobrado pelo oleiro serve de referência para os demais, pois é a partir da peça modelada por ele que se dará a agregação de valor à referida peça por outros profissionais.

O que determina a jornada e a dinâmica de trabalho é o tipo de encomenda e o prazo de entrega dos produtos. De modo geral, identificou-se que os artesãos ceramistas de Icoaraci trabalham cerca de 40 (quarenta) horas semanais. O trabalho dos artesãos ceramistas em sua maioria é efetivado em suas residências, alguns sentados em cadeiras ou em bancos de madeira e, predominantemente, em pé. As peças semiacabadas são dispostas na área externa para secagem ao sol, bem como na área interna. São comuns as bancadas e estantes em madeira para a organização e exposição das peças aos compradores.

A separação entre o local de trabalho e de moradia é tênue. As casas são pequenas predominantemente construídas em madeira e cobertas com telhas de barro. A maioria é conjugada ao espaço da produção das peças, ou seja, as olarias situam-se ao lado ou atrás dos locais de residência, sendo que em alguns espaços de produção as paredes são parcialmente construídas devido à necessidade de ventilação, iluminação e queima das peças.

Constatou-se que as condições de vida dos artesãos ceramistas influenciaram na inserção dos pesquisados nessa forma de trabalho, conforme será trabalhado a seguir. Na perspectiva de analisar particularidades do trabalho artesanal de Icoaraci e seu significado para os artesãos ceramistas alguns pesquisados são referenciados de acordo com a atividade principal no processo de trabalho.

Uma das pesquisadas, atualmente proprietária de olaria, afirmou que trabalhou como babá, empregada doméstica e como vendedora de alimentos em ruas da cidade e na porta de sua casa, completou dois anos de escolaridade. Construiu uma olaria a partir do que aprendeu com um amigo. Criou seus filhos com o dinheiro obtido com a venda de peças em cerâmica. Ingressou na atividade de ceramista aos 31 anos de idade. Fez cursos pelo SEBRAE e obteve financiamento de dois bancos públicos com o aval solidário de outros ceramistas e foram estes empréstimos que contribuíram para a melhoria do espaço de seu trabalho. Possui vínculo associativo há aproximadamente 15 (quinze) anos e afirma que a sua filiação à associação dos artesãos ceramistas contribuiu para que ela tivesse facilidade para obter a nota fiscal necessária para a venda e transporte da cerâmica para outras localidades.

A propósito, um oleiro relata as atividades que desenvolve na olaria:

No meu trabalho, eu faço esse acabamento que eu estou fazendo aqui. Essa peça como você pode ver aqui, eu estou dando tipo um polimento por aqui por dentro. O dono aqui da olaria compra o barro dos barreirenses que são os fornecedores aqui no bairro, ele já compra assim nessas barras, elas vão ser limpas pelo rapaz que modela as peças, depois vão passar por essa maromba aí, justamente, para depois eu poder modelar as peças. A maromba serve para misturar a argila porque tem argila que tem uma cor meio amarelada, outra meio escura, outra meio branquicenta, então tem que ficar só numa tonalidade. E também tem argila que é muito mole e outras muito duras e tem que sair só num ponto mesmo para poder modelar as peças. Porque se pegar uma argila um pouco mais dura ou um pouco mais mole quando for fazer a peça não faz nada porque a massa tá toda empedrada tipo uma massa de pão (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos).

No que se refere ao sentido dado ao trabalho artesanal para a vida pessoal, familiar ou profissional dos pesquisados, constatou-se que:

Esse trabalho é importante também porque é daqui que eu tiro o sustento lá para minha casa, é daqui que eu pago as minhas contas; tudo bem que a minha filha trabalha, ela me ajuda, a minha mulher também trabalha e me

ajuda, mas é daqui que eu tiro todo o sustento da minha casa, é pra pagar energia, pagar água, botar o alimento para dentro de casa, comprar roupas para outros menores, a minha mulher faz a compra também. A cerâmica é muito especial pra mim porque foi através da cerâmica que eu conheci a minha mulher (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos).

O depoimento desse artesão permite afirmar que o trabalho realizado é que cria os meios de obtenção de renda para sua reprodução social e a de sua família. Ainda que não exista uma demanda constante pelos produtos artesanais e também pelo fato de depender das condições climáticas, a renda obtida possibilita suprir não somente as necessidades vitais dos artesãos, mas possibilita de certa forma reconhecimento e valorização pelo trabalho que realizam.

Comecei neste trabalho quando eu tinha 14 (quatorze) anos. Foi meu primeiro e único trabalho. Este trabalho é importante para a minha vida pessoal, profissional e familiar porque minha vida gira em torno desse trabalho gira em torno da minha família e da família dos trabalhadores, é toda uma cadeia de importância. Não me vejo fazendo outra coisa. Trabalho em especial o artesanato utilitário. A essência da minha vida é este trabalho pelo fato de eu fazer o que eu gosto e quero sempre continuar agradando o cliente, se ele está satisfeito eu estou satisfeito também e ele volta e faz propaganda do meu trabalho. Esse trabalho ainda permanece aqui no bairro porque dá para sustentar muitas famílias aqui. O valor apurado no trabalho aqui na olaria é assim o meu produto é barato, mas eu consigo todo mês pagar minhas contas. A minha renda eu constituo daqui da olaria e dos cursos de artesanato que ministro em outros municípios próximos. Em média a gente faz uma apuração de R\$ 2.000 por semana, que é suficiente para pagar todo mundo e pagar a matéria-prima e ainda sobra. Há semanas que dá abaixo de R\$ 1.000 e não cobre toda a minha folha, mas eu sempre tenho produto pra vender (M. G. P, artesão e instrutor, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos).

A dimensão da satisfação com o trabalho realizado pode ser identificada no depoimento anterior ao se pontuar o trabalho como essencial para a vida por fazer o que gosta, enfatizando-se a liberdade daquele artesão que teve no trabalho artesanal o primeiro e único modo de inserção profissional. Neste sentido, o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci aproxima-se do trabalho concreto em Marx.

A possibilidade de acessar os meios de produção para a confecção das peças em cerâmica pode ser associada à mobilidade desses ceramistas, o que pode expressar a estreita relação com a origem do trabalho em olarias e constituição do bairro como polo produtor de cerâmica marajoara.

## 4.2 A ORGANIZAÇÃO DOS ARTESÃOS EM ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS

Conforme referido anteriormente neste estudo, o saber-fazer artesanal no processo de trabalho com a cerâmica é transmitido por gerações, agregando-se novas técnicas em virtude da sazonalidade da produção relacionada às características climáticas e às demandas de encomendas ou de fluxo de turistas na capital paraense. Isto pode ser evidenciado pela organização do trabalho dos artesãos, principalmente, na etapa de confecção das peças artesanais que exigem o trabalho coletivo envolvendo pessoas com laço de parentesco ou de vizinhança ou de amizade. A base da função artesanal é o contexto cultural *o artesanato inexistente fora de seu meio onde os hábitos, os costumes, as tradições, os conhecimentos e as experiências geram as condições para a sua existência* (FRANCO, 1997, p. 65).

De acordo com documento do SEBRAE, o Micro Empreendedor Individual (MEI) é aquele cuja receita bruta anual não ultrapassa a R\$ 36.000,00. Esta definição é apresentada em documentos do Banco da Amazônia tornando-se referência na política desenvolvida de fomento ao crédito. Ações de qualificação profissional promovidas pelo SEBRAE destinaram-se aos artesãos ceramistas via associações e cooperativas.

A organização dos artesãos em associações e cooperativas é incentivada pela SETER, órgão gestor do artesanato em nível estadual, conforme o depoimento da representante do mencionado órgão:

Se os artesãos trabalharem juntos, eles vão ganhar mais. Muitos produzem nos quintais das casas deles e aquela tecnologia de equipamentos mais sofisticados que nós usamos nos cursos para demonstração de como melhorar a qualidade dos produtos, mas eles ainda se adaptam melhor com o que eles têm mesmo lá no fundo dos quintais deles. Nosso objetivo é fortalecer o trabalho coletivo porque eles terão mais facilidades para produzir e comercializar. No Pará vai ser a primeira vez que vamos tirar a carteira do artesão (O. M. V, geógrafa, especialista em Economia Solidária, coordenadora de Artesanato do Depto. de Economia Solidária da SETER/PA)

A comercialização do artesanato oriundo das diversas olarias existentes no mencionado bairro conta com a concentração de lojas, situadas na travessa Soledade. Todavia, existe a comercialização dos produtos artesanais de Icoaraci em outros locais no próprio bairro, como a feira localizada na orla de Icoaraci, e além deste em lugares como a Praça da República, em lojas no Aeroporto Internacional

de Belém, em pontos turísticos de Belém, a exemplo, do Ver-o-Peso, São Brás, Estação das Docas, Mangal das Garças, São José Liberto.

Na comercialização, os vendedores nas próprias lojas ou em outros espaços como a rua, boxes, feiras ou estandes ou locais diversos, são responsáveis pela compra e pela venda das peças. Esta é a etapa que envolve um número maior de pessoas e não apenas artesãos ceramistas. Há comercialização das peças artesanais por meio de mídia eletrônica em *sites* e *blogs* e para a emissão de nota fiscal, a organização desses trabalhadores em associações ou cooperativas (Quadro 03) se faz importante. No entanto, notas fiscais podem ser emitidas por pessoas não-associadas mediante pagamento dos custos para tal procedimento. As principais organizações de artesãos podem ser visualizadas no quadro a seguir:

**Quadro 03:** Principais organizações de artesãos ceramistas do bairro do Paracuri

| ENTIDADES                                     | ANO DE FUNDAÇÃO | Nº DE ASSOCIADOS EM 2010 | OBSERVAÇÕES  |
|---|-----------------|--------------------------|--|
| Cooperativa dos Artesãos de Icoaraci (COARTI) | 1978            | 24                       | Chalé Tavares Cardoso<br>Ponto de venda de artesanato  |
| Sociedade dos Amigos de Icoaraci (SOAMI)      | 1995            | 56                       | Rua Espírito Santo<br>Responsável pelas lojas de comercialização localizadas na orla de Icoaraci |
| Conselho do Artesão do Pará (COSAPA)          | 1999            | 132                      | Não possui sede própria.<br>Possui um terreno para construir a sede da entidade.                 |

**Fonte:** Secretaria Estadual de Geração de Emprego, Trabalho e Renda/ Depto. de Economia Solidária/Coordenação de Artesanato. JULHO/2010

A COARTI funciona no Chalé Tavares Cardoso, que é o ponto de venda de artesanato antiga estação da estrada Belém-Bragança.

A SOAMI, situada na rua Espírito Santo, responsável pelas lojas de comercialização localizadas na orla de Icoaraci. Em cada box são expostas e comercializadas peças de 03 (três artesãos).

O COSAPA não possui sede própria. As atividades da associação são realizadas numa olaria situada na Pass. Livramento.

Para a compreensão acerca da organização dos artesãos em associações e cooperativas os relatos a seguir são ilustrativos:

Eu não faço questão não, eu não vou ganhar nada com isso, associação só mesmo para ajudar a tirar uma nota. A associação é mais por conta da nota fiscal. O principal objetivo da associação é ter nota fiscal. Quando preciso, eu tiro nota fiscal avulsa pelo COSAPA, que fica mais barato (M. G. P., artesão e instrutor, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos).

Estar associado é mais importante para tirar nota fiscal, pra despachar a cerâmica, sem essa nota ninguém despacha nada. Sou associada há uns quinze anos. Antes vendia na porta mesmo de casa, mas agora é exigida a nota. Benefícios que vêm é por projeto que oferecem pra incentivar o trabalho do artesão e créditos também. Através da associação não senti dificuldade em conseguir. O nosso avalista é a associação. O nosso gerente da associação cobra pra saber se os ceramistas estão pagando os empréstimos. Quando a gente termina de pagar pode emprestar de novo. Pelo Amazônia Florescer eu emprestei dinheiro do Banco da Amazônia e a gente tem seis meses pra pagar o que emprestou. Somos um grupo de cinco pessoas. Também já fiz empréstimo do Banco do Brasil (S. M. G., artesã, proprietária de olaria, 63 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 30 anos).

É importante estar associado. É uma responsabilidade. Tivemos que fazer essa associação porque o governo deu cheque moradia pra gente e a gente tinha que ter associação. Desde quando a gente fundou era pra cada um pagar uma taxa (J. M. O., barreirense, 28 anos de idade, trabalha há 06 anos nessa função).

Variadas são as situações citadas pelos artesãos ceramistas vinculadas ao processo organizativo dos mesmos, o motivo mais mencionado pelos pesquisados foi a necessidade de comercializar os produtos em níveis local, nacional e internacional. Ressalta-se que neste ano de 2010, lojistas da travessa Soledade-Icoaraci, Belém, estão fornecendo peças, o que requer uma organização que possibilite a venda das peças artesanais. Contudo, a comercialização dos produtos pode ocorrer individualmente ou em grupo de artesãos via associações e cooperativas e envolve um número significativo de pessoas, pois ocorre principalmente de forma individual ou por meio de ambulantes nas ruas de Icoaraci e em outros bairros. Além das associações citadas o MOVACI, a ABIC, a COMIP, fundada em 1989, sediada em São Brás e a ARTEPAM, responsável pelos espaços de comercialização de artesanato na Praça da República também possuem dentre seus associados artesãos ceramistas de Icoaraci.

Dentre as principais lutas dos artesãos de Icoaraci que vêm sendo efetivadas pelas associações de artesãos, podem-se destacar: *Luta por um local fixo para vender o artesanato e escoar sua produção, pela garantia junto ao poder público, de uma área legalmente estabelecida para a extração do barro e, ainda, para manter a categoria dos ceramistas unidos* (OLIVEIRA, 2009, p. 39).

As condições objetivas de trabalho, dentre as quais as condições climáticas, os instrumentos de trabalho e a dificuldade de acesso ao recurso natural que é a matéria-prima para a confecção das peças em cerâmica nesse bairro têm-se constituído objeto de luta desses artesãos, assim como a implementação de políticas de qualificação profissional, fomento ao crédito e legislação ambiental.

Quanto ao potencial de inovação, existem artesãos ceramistas que primam pela rusticidade como um atrativo turístico peculiar ao próprio processo de trabalho, pois representa o exótico, traz e guarda a tradição, principalmente da própria região apresentando características indígenas. Convivem, neste bairro, artesãos que primam pela produção de peças com diferencial para os consumidores. Para estes a inovação faz-se presente na criação de peças para o mercado a partir de novas técnicas, grafismos, pinturas, modelagens, dentre outros aspectos.

A cooperação entre os artesãos pode ser exemplificada no uso compartilhado de fornos ou na disponibilidade em trabalhar em agrupamentos, o que facilita que a observação da confecção das peças artesanais possibilita que numa mesma família existam pessoas que realizem todo o processo de trabalho. As atividades que demandam maior contratação por produção são o oleiro, o desenhista e o forneiro devido à complexidade dessas funções e a necessidade de maior tempo de experiência.

As peças confeccionadas pelos artesãos ceramistas transformam-se em mercadoria na comercialização. Além dos artesãos, existem outros vendedores em diversos espaços de comercialização se organizam em torno dos artefatos em cerâmica produzidos no bairro do Paracuri em Icoaraci, Belém/PA.

O surgimento desta forma de trabalho associa-se ao trabalho extrativista na Amazônia brasileira. As limitações para a comercialização dos produtos foram as mais mencionadas, embora tenha sido bastante destacada a potencialidade do turismo daquele bairro pelo artesanato ali produzido. Existe uma sazonalidade da produção e da comercialização, no entanto, o trabalho artesanal é a principal atividade durante todo o ano segundo informaram.

As políticas públicas voltadas ao artesanato configuram-se ainda de forma pouco expressiva no contexto paraense. A pesquisa e o desenvolvimento centrados na base material da produção demandam gestão e pesquisa aplicada com desenvolvimento tecnológico para melhorar a produção, pois falta base técnica pra pensar a realidade e entendendo-se a formação como valorização do trabalho vivo, em que o conhecimento tácito da população local deve ser considerado.

As atividades não tipicamente capitalistas baseiam-se nas atividades agrícolas, artesanais e de pequenos serviços e mercadorias, onde não há venda de força de trabalho, mas de mercadorias e os produtores algumas vezes detêm o próprio meio de produzir, podendo ser auxiliado pelos familiares, logo:

não se caracteriza como uma troca de capital por trabalho, nem consubstancia a diferença entre trabalho produtivo e improdutivo [...] estamos tratando de indivíduos que só têm a força de trabalho para vender. Mas para sobreviver não a estão vendendo ao capital. O fato de estarem no circuito do mercado não significa que são trabalhadores do capital (TAVARES, 2004, p. 152).

O desenvolvimento do trabalho artesanal, como dito anteriormente, envolve as condições objetivas de trabalho como as condições climáticas, os instrumentos de trabalho e a existência de recursos naturais que constituem a matéria-prima das peças em cerâmica nesse bairro.

Fundamentalmente, tais condições são articuladas à relação entre estes sujeitos como mestres, aprendizes, comerciantes e consumidores, posto que a aceitação dos produtos artesanais aqui confeccionado é associada à variedade de matéria-prima de acordo com o depoimento da coordenadora do setor de artesanato paraense:

Nas feiras aí no Brasil, o público de fora pergunta: por que o estande do Pará tem muita procura e é bastante visitado e isso tem a ver com a diversidade que temos porque é uma diversidade de matéria-prima você encontra a balata, a madeira, o cheiro, cuias, biojoias, ecojoias. Então tem matéria-prima que não tem em outros Estados (O.M.V., geógrafa, especialista em Economia Solidária, coordenadora de Artesanato do Depto. de Economia Solidária da SETER/PA)

Este depoimento revela que no contexto das políticas públicas, o trabalho artesanal desses ceramistas tem sido relacionado ao turismo, à qualificação

profissional e à demarcação de área com regulamentação ambiental para a extração da argila.

#### 4.3 O TRABALHO ARTESANAL DOS CERAMISTAS DE ICOARACI NA AGENDA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EM BELÉM

A perspectiva de continuidade do trabalho artesanal de Icoaraci aponta limites e potencialidades deste trabalho, o que se articula ao conjunto de políticas públicas, particularmente, àquelas voltadas ao acesso à matéria-prima, ao escoamento da produção e à qualificação profissional.

Considera-se pertinente situar o trabalho artesanal a partir das definições sobre mercado de trabalho apresentados no documento do IPEA, no qual o mercado de trabalho pode ser considerado como estruturado ou pouco estruturado. Trata-se de outra forma de caracterizar o mercado de trabalho formal e informal.

O referido IPEA (2006) apresenta as seguintes denominações ao abordar o mercado de trabalho: Estruturado e Pouco estruturado. Como referido anteriormente, no primeiro grupo estão os empregados: os militares, os servidores públicos e trabalhadores assalariados com carteira e os empregadores que contribuem para a Previdência Social enquanto que no segundo grupo encontram-se os assalariados sem carteira assinada, trabalhadores autônomos, por conta própria.

Assim, os artesãos ceramistas de Icoaraci em Belém do Pará podem ser considerados no contexto do mercado de trabalho pouco estruturado, conforme definição do IPEA e é nessa condição de trabalhador por conta própria que o artesão de Icoaraci negocia livremente o produto de seu trabalho. São pequenos produtores de artesanato em cerâmica com base em um recurso natural não-renovável de origem mineral: a argila, cuja dificuldade de acesso estava se constituindo fator limitante ao processo de produção do artesanato.

Inseridos nesta categorização como trabalhadores no mercado de trabalho pouco estruturado, os artesãos ceramistas de Icoaraci enfrentam necessidades de atualização profissional, além do acesso às políticas de educação formal, ao crédito para a participação em eventos como feiras e exposições, importante espaço de divulgação e comercialização dos produtos artesanais.

A relação entre o trabalho artesanal dos ceramistas de Icoaraci com as políticas públicas tem ocorrido, preponderantemente, com aquelas voltadas para:

turismo, qualificação profissional, microcrédito, educação formal e para a demarcação de área com regulamentação ambiental para fins de extração da argila. Além destas, nota-se também a interface dessa forma de trabalho com as seguintes políticas: o saneamento básico, a habitação, a saúde, a previdência.

A preocupação com a dimensão ambiental faz-se presente no processo de trabalho de artesãos ceramistas em Icoaraci, principalmente, pela constante extração da argila. De acordo com o proprietário da olaria mais antiga ainda em funcionamento, em 2010, a argila vem sendo extraída naquele bairro há bastante tempo, exemplificou com a data de fundação da olaria de seu avô ocorrida no início do século XX deixada como herança aos familiares.

Trata-se da olaria, cujas atividades tiveram início do século XX, em 1904, por iniciativa de seu avô conhecido como Espanhol e responsável pela produção de peças lisas no bairro do Paracuri em maior quantidade destinadas para a venda. Como a técnica do acordelamento não dava muita produção foi substituída aos poucos pelos artesãos do bairro pelo uso do torno trazido da Espanha pelo avô do pesquisado. Este pesquisado afirma, ainda, que quando o seu avô chegou ao bairro do Paracuri existiam ali em torno de 08 (oito) olarias, nas quais os artesãos utilizavam a técnica do acordelamento – a peça é produzida a partir de roletes de argila semelhantes a cordas. Em 2010, a olaria do Espanhol foi identificada como a mais antiga em funcionamento, pois as demais fecharam enquanto que outras iniciaram suas atividades de produção de cerâmica. Esta olaria mantém a produção de peças lisas, visto que as demais olarias dedicam-se à produção de peças decoradas principalmente. Este artesão relata sobre o trabalho desenvolvido na olaria de sua propriedade:

Antigamente, aqui na olaria, tinham duas pessoas para beneficiar o barro aqui na olaria, mas hoje compro com pessoas especializadas que extraem e beneficiam que são os barreirenses. Só compro de um fornecedor e só o que preciso. Compro em média 150 barras por semana. Tenho seis pessoas aqui e é o suficiente para o que eu produzo. A olaria do Espanhol é a que mais gasta barro aqui de inverno a verão porque os outros artesãos agregam valor aos seus produtos e, por isso, gastam menos barro, já eu preciso fazer muitas peças e com isso gasto muito barro, já que eu não vou agregar muito valor (M. G. P, artesão e instrutor, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos).

Por se tratar de um recurso mineral não-renovável, a possibilidade de esgotamento das jazidas de argila constitui um limite e, portanto, um desafio ao

processo de trabalho destes trabalhadores envolvidos direta ou indiretamente com tal extração. De acordo com a presidente da COARTI, para a obtenção de argila de melhor qualidade para a produção do artesanato é preciso cavar com bastante profundidade para que as peças tenham resistência e qualidade. O Plano Diretor de Mineração de Áreas Urbanas faz referência às áreas aluvionares como as mais exploradas. De acordo com este Plano, estas áreas:

situam-se na região do Estuário Guajarino, principalmente nas bacias dos rio Paracuri e Livramento, nas proximidades da vila de Icoaraci, que há décadas vem fornecendo matéria-prima para a indústria de artesanato cerâmico, a qual caracteriza este distrito como um dos principais polos oleiros do Estado. Devido à quase exaustão dessas duas bacias, os artesãos vêm adquirindo argilas provenientes de outras bacias, como as bacias dos rios Curuçambá, Araci, Marituba e muitos outros existentes naquela região (PARÁ, 1995, p. 124)

As implicações no processo de trabalho dos barreirenses afetam diretamente os artesãos, de modo geral, dada a sua dimensão ambiental, impulsionando a organização dos mesmos em uma associação de barreirenses, bem como à delimitação de uma área específica para a extração da argila, a fim de garantir o acesso à matéria-prima do artesanato de Icoaraci.

Em decorrência desta situação que ameaça o acesso à argila, matéria-prima para a confecção do artesanato de Icoaraci, em 2008, foi delimitada uma área geográfica de 02 (dois) hectares localizada nos Igarapés para que os trabalhadores conhecidos como barreirenses pudessem extrair a argila por um período de 03 (três anos). Em 2009, ocorreu a posse da primeira diretoria da ABIC, diretamente envolvida com tais reivindicações, uma vez que a delimitação da referida área para a extração da argila não poderia ser realizada para pessoa física. Para esta deliberação foram envolvidas a CPRM, a GRPU, a CODEM, a UFPA, e a SEMMA Belém/PA, o SEBRAE no Estado do Pará, o Banco do Brasil e o Ecomuseu da Amazônia (QUADROS, 2009).

O contexto que envolve o rareamento da argila das margens do Distrito de Icoaraci, provocado pelas ocupações próximas ao Paracuri além da extração por vários anos, foi veiculado em meios de comunicação de massa destacando-se que reflete também aspectos mais amplos, tais como: a falta de moradia e de políticas específicas que garantam o direito de morar; a possibilidade de degradação dessas jazidas de argila até recentemente conservadas; a falta de recursos financeiros

auferidos com as peças artesanais; as ameaças pelos novos proprietários das áreas onde existe argila em virtude da atividade de extração da mesma; a possível perda do título de polo de produção de cerâmica marajoara significando a derrocada de uma tradição familiar e de um legado cultural. Tais aspectos não prescindem de uma análise na perspectiva da totalidade social.

A partir do entendimento da importância desse trabalho para a identidade cultural paraense e por constituir estratégia para gerar trabalho e renda para os artesãos residentes no bairro do Paracuri/Icoaraci, Belém e, além dele, destaca-se a necessidade de implantação e de implementação de políticas públicas de qualificação social e profissional proposta no Plano Nacional de Qualificação como direito e como um bem de acesso universal, preconizado na resolução nº 333 de 10 de julho de 2003, logo extensiva a esses trabalhadores. Esta resolução, em seu § 2º, preconiza *'a qualificação social e profissional como aquela que permite a inserção e atuação cidadã no mundo do trabalho*. Acrescente-se a Resolução nº 575<sup>6</sup>, de 28 de abril de 2008, no artigo 3º - VIII quando trata da transferência dos recursos do FAT, situando micro e pequenos empreendimentos neste contexto:

A qualificação social e profissional as ações de educação profissional que colaborem para a inserção do trabalhador no mundo do trabalho e que contribuam para articulação com as ações de caráter macroeconômico e com micro e pequenos empreendimentos, para permitir o aproveitamento, pelos trabalhadores, das oportunidades geradas pelo desenvolvimento local e regional.

Importante registrar que conforme o artigo 4º da referida resolução, as ações de qualificação social e profissional deverão ser direcionadas prioritariamente para as seguintes populações em seu inciso X – trabalhadores autônomos, por conta própria, cooperativados, em condição associativa ou autogestionada.

Outro aspecto importante diz respeito ao microcrédito. Para tal, destaca-se como relevante compreender o que dispõe o PNMPO (Decreto nº 6.607 de 21 de outubro de 2008), além de identificar quais têm sido as fontes acessadas para financiamento das atividades do setor oleiro paraense, particularmente dos produtos

---

<sup>6</sup> Estabelece as diretrizes e os critérios para as transferências de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, aos Estados, municípios, organizações governamentais, não-governamentais ou intergovernamentais, com vistas à execução do Plano Nacional de Qualificação – PNQ, como parte integrada do Sistema Nacional de Emprego – SINE, no âmbito do Programa do Seguro-Desemprego.

artesanais em cerâmica no bairro do Paracuri, sobretudo por se considerar que o acesso ao microcrédito tem significativa importância para a materialidade das alternativas de melhoria de suas condições de trabalho e de vida.

Por razões históricas e estruturais, os artesãos ceramistas de Icoaraci possuem nessa atividade, a fonte principal de renda a partir do conhecimento sobre esse ofício repassado por tradição familiar e, para muitos se constitui a única fonte de renda. Nesse contexto, essa forma de trabalho ganha maior importância para os artesãos ceramistas, principalmente, devido às mudanças contemporâneas nos processos de produção e de organização do trabalho.

Os artesãos ceramistas desse bairro têm diversificado as peças artesanais confeccionadas, bem como se caracterizado pela mobilização de outros trabalhadores nele envolvidos, direta ou indiretamente, alcançando diversos espaços para a comercialização não apenas no bairro do Paracuri.

A condição de trabalho desses artesãos traduz a demanda de articulação entre diversos atores sociais e demandas políticas públicas de qualificação profissional, turismo, crédito, meio ambiente, dentre outras. No tocante à articulação dessas políticas na RMB, registra-se que o setor oleiro é identificado como uma das potencialidades produtivas conforme o Mapa Social dos Municípios Paraenses, particularmente em Belém, a capital paraense.

As potencialidades identificadas no referido mapa são: pesca, têxtil, química, construção civil, comércio, serviços de alojamento e alimentação, serviços de transportes, serviços de educação e saúde, oleiro, couro, flores e horticultura, gemas e joias, madeira e mobiliário, agroindústria vegetal, extração vegetal e construção naval.

Os indicadores que integram o Mapa Social foram elaborados pela SEPOF do Estado do Pará, utilizando diversas fontes de dados primários, dentre elas, IBGE, IPEA, MTE, Educação e Saúde, Secretarias Estaduais, Municipais e outros órgãos das esferas públicas Federal, Estadual e Municipal. As potencialidades produtivas de cada região do Estado do Pará foram identificadas a partir de dados de Demografia, Pobreza, Saúde, Educação, IDH, Emprego e Renda, Habitação e Saneamento.

A SETER/DECOSOL, por meio da coordenação de artesanato, desenvolve ações voltadas aos 212 (duzentos e doze) artesãos ceramistas do bairro do Paracuri cadastrados pelas respectivas associações e cooperativas de artesãos no ano de 2010. De acordo com a diretora da referida coordenação, as principais ações

desenvolvidas por esta instituição relativas ao Programa de Artesanato Paraense são: a) Apoio à comercialização, 08 (oito) feiras nacionais e regionais; b) Cursos de formação e qualificação em artesanato e economia solidária; c) Mapeamento – cadastro de artesãos no SICAB; d) Assessoria na formação de associações e cooperativas; e) Encaminhamento para o crédito; f) Apoio para criação do centro de referência do artesanato em Icoaraci; g) Pesquisa de campo sobre a geração de renda e uso dos recursos naturais da cadeia produtiva do artesanato em Belém; h) Apoio aos empreendimentos de economia solidária.

Assim segundo a referida coordenadora, o trabalho dos artesãos se realiza em articulação com várias instituições públicas e privadas, pois:

O Ministério da Indústria e do Comércio tem uma pasta referente ao artesanato. O Programa de Artesanato Brasileiro – foi criado em 1995 e aqui no Pará começou também. Nas ações de Turismo temos parceria com a PARATUR, mas o Programa de Artesanato já passou pelo setor da cultura e pela Secretaria de Assistência Social. O artesanato no Estado do Pará é uma potencialidade porque tem a geração trabalho, emprego e renda e tudo o que gera trabalho, emprego e renda é uma potencialidade e é bem aceito. O artesanato ganhou potencialidade devido à divulgação ganhou visibilidade porque vem melhorando a qualidade e tem muita diversidade de produto. Então quando alguém vai pra uma feira encontra um tipo de produto quando vai pra outra feira já encontra produtos diferentes e aí a pessoa compra novamente porque quer ter aquele produto. Para participar de feiras e exposições, o Ministério disponibiliza o estande e o Estado do Pará manda os produtos, às vezes, eles buscam patrocínio para poder viajar, as próprias associações deles ajudam pra isso, mas o Estado também contribui com isso. Os jovens não estão querendo muito continuar estão mesmo é buscando outras profissões. Os atravessadores é que ganham mais, porque saem caminhões lotados do bairro, eu conversei com um atravessador que disse que ganha uns 200% com as vendas de artesanato. O SEBRAE já investiu muito em cursos e os artesãos tinham vagas nesses cursos, mas agora está meio parado, eles não estão investindo muito nisso mais (O. M. V, geógrafa, especialista em Economia Solidária, coordenadora de Artesanato do Depto. de Economia Solidária da SETER/PA).

Esta secretaria, por meio do Departamento de Economia Solidária / Coordenação de Artesanato realizou três seminários sobre políticas públicas com artesãos no Estado do Pará. A programação priorizou a apresentação das ações elaboradas pelas instituições públicas e privadas que desenvolviam ações voltadas ao setor do artesanato no Estado do Pará.

A sistematização dos resultados dos Seminários de Políticas Públicas para o Artesanato no Estado do Pará em que são apresentadas as demandas dos artesãos

para o setor do artesanato no Estado do Pará foi disponibilizada pela Coordenação do Artesanato Paraense da SETER/DECOSOL.

As principais demandas (Quadro 04) apresentadas pelos participantes dos 03 (três) seminários sobre políticas públicas para o artesanato foram estruturadas nos seguintes eixos:

**Quadro 04** – Demandas dos artesãos paraenses apresentadas nos Seminários sobre Políticas Públicas realizados em Belém/PA

| DEMANDAS                                  |   |
|---|---|
| <b>FINANCIAMENTO PARA OS ARTESÃOS</b>     | <p>Criar uma linha de crédito (capital de giro e fixo para o aumento da produtividade individual e coletiva no sistema Aval Solidário) de fácil acesso e com juros mais acessíveis;</p> <p>Criar uma linha de crédito direcionado para moradias dos artesãos;</p> <p>Criar uma linha de crédito para investimento nos espaços de produção;</p> <p>Renegociação das dívidas para os inadimplentes para que estas não afetem a instituição representativa;</p> <p>Desburocratização das formas de aquisição de créditos (Art. 897 e seguintes do Código Civil);</p> <p>Cursos de qualificação e gestão financeira para os artesãos.</p> |
| <b>TRIBUTAÇÃO</b>                         | <p>Defender uma política tributária de incentivo às associações e cooperativas de artesãos (Isenção de taxas de licença para a abertura de lojas de pequenos portes para a venda de artesanato);</p> <p>Criar treinamentos específicos e direcionados para este setor através de cursos de qualificação para o assunto (contabilidade, tributação etc) nas instituições afins.</p>  |
| <b>SEGURIDADE SOCIAL PARA OS ARTESÃOS</b> | <p>Multiplicação das informações sobre o tema para todos os artesãos do Estado do Pará;</p> <p>Contribuição via entidade representativa (criação de GT para discussão e aprofundamento do assunto);</p> <p>Garantia dos direitos trabalhistas para o artesão;</p> <p>Que o artesão pague o mesmo percentual que os pescadores e produtores rurais.</p>  |

|  |            |  |
|--|------------|--|
| <b>CARTEIRA<br/>ARTESÃO</b>              | <b>DO</b>  | <p>Mapeamento e criação de um banco de dados para o setor que seja de acesso público no <i>site</i> da SETER;</p> <p>Qualificação do pessoal do governo que cadastrará os artesãos;</p> <p>Que a comprovação de artesanato seja de responsabilidade das entidades representativas e da Coordenação do Artesanato.</p>  |
| <b>USO<br/>RECURSOS<br/>NATURAIS</b>     | <b>DOS</b> | <p>Criar reservas florestais para extração de matéria-prima para o artesanato nos municípios;</p> <p>Garantir o percentual para replantio de árvores fornecedoras para usuários para o artesanato no programa de um bilhão de árvores;</p> <p>Criação de selo de procedência da matéria-prima e do produto final;</p> <p>Criação de selo de procedência para o artesanato indígena para que possa ser transportado pelo comprador (circulação);</p> <p>Proibição da comercialização da matéria-prima <i>in natura</i> do artesanato para fora do Estado; (caracteriza restrição à livre iniciativa, Art. 1º, IV, CF/88);</p> <p>Implantação de Planos de Manejo;</p> <p>Qualificações voltadas às áreas de educação ambiental e a sustentabilidade dos recursos naturais, preservação etc;</p> <p>Fazer um mapeamento das áreas naturais onde existem os recursos de maior uso pelos artesãos e que poderão estar em zona de risco de extinção;</p> <p>Criação de um banco de dados da matéria-prima natural da floresta amazônica;</p> <p>Que sejam feitas capacitações específicas para os coletores e extrativistas e criação de uma cartilha de orientação;</p> <p>Fortalecimento da cadeia produtiva artesanal.</p> |
| <b>APOIO<br/>ARTESANATO<br/>PARAENSE</b> | <b>AO</b>  | <p>Que as ações desenvolvidas por instituições público/privado, para o setor sejam realizadas em conjunto;</p> <p>Transformação imediata da Coordenação de Artesanato em Diretoria de Artesanato, objetivando mais força e</p>   |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>influência com orçamento próprio;</p> <p>Aquisição de mais espaços em feiras (locais, regionais, nacionais e internacionais) para garantir a participação de um número maior de artesãos;</p> <p>Preços diferenciados em feiras locais para os artesãos cadastrados no SICAB;</p> <p>Maior divulgação do artesanato nas peças publicitárias do governo, inclusive em outros Estados;</p> <p>Criação de material publicitário para divulgação;</p> <p>Ter um recurso específico para desenvolver o setor, seja através de emendas e de outros;</p> <p>Bolsas para cursos técnicos intensivos para os artesãos e seus filhos (informática, idiomas, <i>design</i>, <i>marketing</i>, elaboração de projetos etc.);</p> <p>Criação de um programa para o desenvolvimento sustentável do setor;</p> <p>Transporte para os artesãos para que estes possam se locomover e transportar suas mercadorias para os eventos locais, regionais e nacionais;</p> <p>Ter representantes indígenas nas questões que envolvam o artesanato paraense;</p> <p>Que cada município faça um levantamento das necessidades de seus artesãos;</p> <p>Apoio à implantação de Casas de Artesãos sob a gestão e administração das entidades representativas em todos os municípios;</p> <p>Criar escola-ofício sobre o fazer artesanal;</p> <p>Incentivar a comercialização em grupo (Centrais de vendas) e a legalização através da venda com a emissão de documentos fiscais;</p> <p>Criar condições para que as centrais de vendas das entidades tenham acesso aos grandes centros e principais feiras do país;</p> <p>Desenvolver, através de órgãos afins, uma política de apoio à produção alimentícia artesanal;</p> |
|--|--|

|   |  |
|---|--|
|   | <p>Regulamentar a comercialização de produtos alimentícios artesanais através das associações e cooperativas;<br/>Regulamentar a situação do aprendiz de produtor artesanal numa posição de subcategoria dentro das associações ou cooperativas.</p>   |
| <p><b>INCLUSÃO DIGITAL<br/>PARA OS<br/>ARTESÃOS</b></p> | <p>Qualificação de representantes de entidades para que possam repassar este conhecimento aos demais;</p> <p>Criação de espaços como Telecentros;</p> <p>Modernização do artesanato;</p> <p>Acesso a novas tecnologias;</p> <p>Acesso ao mercado globalizado;</p> <p>Investimento em capacitação técnica e acadêmica;</p> <p>Expansão da comercialização;</p> <p>Acesso a <i>sites</i>, feira digital, código de barra;</p> <p>Criação de bolsa digital com distribuição de equipamentos de informática, individual e coletivo;</p> <p>Que a Secretaria de Estado de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia, através do Projeto Navega Pará, contribua para amenizar as necessidades elencadas anteriormente;</p> <p>Que haja expansão da fibra ótica para todos os municípios do Estado do Pará;</p> <p>Criação de um <i>site</i> que contenha todos os produtos artesanais do Estado do Pará e que também seja um meio de informação sobre todos os acontecimentos (feiras, exposições, seminários etc.).</p> |
| <p><b>MUSEU DE<br/>ARTESANATO<br/>PARAENSE</b></p>      | <p>Criação e apropriação de espaço de referência histórico-cultural do artesanato;</p> <p>Garantia de direito de uso à COARTI do espaço Estação de Trem de Icoaraci com o intuito de transformá-lo em algo que beneficie os artesãos;</p> <p>Criação e manutenção de acervos de mestres artesãos;</p> <p>Apoio aos produtores dos municípios para que estes possam participar mais ativamente das ações (museu/alojamento/comercialização);</p> <p>Que outros espaços sejam analisados para transformação</p>  |

|  |  |
|--|--|
|  | em museu (galpão da CDP, Solar da Beira, os espaços que serão reformados e colocados à disposição do Ministério Público).  |
| <b>CRIAÇÃO DE UM MERCADO CENTRAL E COMERCIALIZAÇÃO</b> | Um mercado (galpões da Companhia das Docas do Pará) onde todos os municípios possam ter uma loja para comercializar seus artesanatos e que este espaço seja composto por uma arena para apresentação das diversas manifestações culturais do Estado e também um espaço para a realização de oficinas;<br><br>Criação de uma Feira Nacional de Artesanato realizada anualmente no Hangar;<br><br>Criação de novos espaços para a comercialização permanente do artesanato em Belém e demais municípios;<br><br>Qualificação na área de gestão para melhor administração do mercado. |

**Fonte:** Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda / Depto de Economia Solidária/ Coordenação do Artesanato – 2010

As variadas demandas acima referidas evidenciam que os diversos órgãos podem desenvolver ações voltadas ao setor artesanal, pois por mais bela e repleta de simbologias, as peças concretas de produtos artesanais, por si mesmas, não podem ser produzidas e comercializadas, visto que é na comercialização que o valor de troca se efetiva. Os artesãos ceramistas produzem peças artesanais por vários motivos e, notadamente, estão na agenda das políticas locais.

Ferrete (2005) traz importantes contribuições em seus estudos a respeito da relação entre o trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci com a educação formal por meio de uma escola para os filhos dos artesãos. Assim, resultante da reivindicação dos moradores para que fosse viabilizada a criação e o funcionamento de um espaço formativo que contribuísse para a continuidade da tradição ceramista no bairro do Paracuri.

Sendo assim, a partir do estudo de Ferrete (2005) e de uma publicação da Secretaria Municipal de Educação de Belém/PA apresentam-se informações relativas à proposta e à articulação do trabalho dos artesãos de Icoaraci com a educação formal naquele bairro. A inauguração do Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso ocorreu em 1996. O nome da escola homenageia um dedicado estudioso sobre a cerâmica dos povos primitivos: o mestre Raimundo Cardoso. Este artesão, natural do município de Vigia/PA, atuando no distrito de

Icoaraci, começou a comparar as figuras decorativas da cerâmica do Marajó e do Tapajós com os desenhos e simbologias dos orientais. Dessas comparações, concluiu que houve um elo de transmissão de costumes entre os povos marajoaras e os povos asiáticos. Mestre Cardoso chegou à conclusão que os ceramistas marajoaras e tapajônicos eram bem mais organizados e “evoluídos” que os do Oriente. Pesquisas desenvolvidas posteriormente no Museu Emílio Goeldi, também pelo mestre Raimundo Cardoso, possibilitaram o aperfeiçoamento das reproduções da cerâmica Marajoara e, principalmente, da introdução dos estilos Tapajônicos e Maracá na arte ceramista desenvolvida em Icoaraci.

O renascimento artístico da arte em cerâmica, herança indígena de nossos antepassados, confunde-se com a história da conhecida “Vila Sorriso” – Icoaraci. Nas olarias que se instalaram no bairro do Paracuri os artesãos ceramistas reproduzem peças de achados arqueológicos, ou seja, fazem réplicas, bem como partem para uma criação mais livre, modelando vasos e outros objetos. A respeito da tipologia de cerâmica produzida por esses artesãos, Ferrete (2005) destaca que:

Os ceramistas de Icoaraci reproduzem peças de achados arqueológicos, ou seja, fazem réplicas, bem como partem para uma criação mais livre, modelando vasos e outros objetos. Estes artesãos de toques firmes e olhar atento moldam quatro tipos de cerâmica: marajoara, tapajônica, maracá e paracuri; cada tipo resgatando a cultura de diferentes povos da Amazônia. Cerâmica maracá: representada por urnas zoomorfas, antropomorfas e tubulares, a cerâmica maracá também é trabalhada pelos artesãos icoaracienses. Os resquícios desta cerâmica foram encontrados por Ferreira Pena, em 1871, nas lapas de um afluente do rio Maracá, na região de Serra do Laranjal, no Amapá. Mais do que simples reprodutores, os ceramistas de Icoaraci também são criadores (FERRETE, 2005, p. 82).

Ao estruturar a nova unidade da rede municipal de ensino, o Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, a equipe da SEMEC pretendeu contribuir para superar problemas enfrentados pelos moradores do Distrito de Icoaraci, onde o artesanato em cerâmica constituiu-se como principal fonte de renda dos moradores do bairro do Paracuri, com reflexos sobre o Distrito de Icoaraci, logo a procura por esse bairro desenvolveu e sustentou por muito tempo o turismo em Icoaraci.

Ressalta ainda Ferrete (2005) que a cultura esculpida há séculos por tribos marajoaras ou tapajônicas sofreu mudanças e muitos artesãos adotaram novos estilos, o que favoreceu o surgimento de um mercado consumidor de peças de cerâmica decorativa produzidas no bairro do Paracuri, em Icoaraci. Esta cerâmica

decorativa é influenciada pelo estilo marajoara e as características culturais tornaram valorizada comercialmente em outros países.

As olarias de Icoaraci mantêm o mesmo processo manual e, mesmo existindo os meios de produção às proximidades, os artesãos ceramistas enfrentam dificuldades impostas pela falta de saneamento básico, educação pública em condições de contribuir para a superação da desigualdade social, postos de trabalho, gestão ambiental, qualificação profissional, acesso ao microcrédito e à política habitacional, dentre outros.

Depreende-se, portanto, a importância de políticas públicas para a melhoria das condições de trabalho desses artesãos de Icoaraci, pois encontram dificuldades para a comercialização das peças artesanais produzidas. Assim relatam: *Aqui trabalhamos no verão para comer no inverno* (M. G. P, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos).

Outro dia veio uma cliente aqui e não conseguiu me encontrar porque o pessoal não dá informação e aí eu perdi a encomenda. Eu mesmo estou pretendendo abrir lá em Manaus uma loja porque vai ter a copa do mundo e vai ter muita gente lá, mas eu tenho que gastar pra ir lá antes e organizar tudo só que eu tenho também que produzir (C. O. M, artesão e instrutor, 43 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos).

Se você não tem loja lá na rua principal fica muito difícil alguém encontrar sua olaria e chegar a comprar alguma peça, então muita gente aluga loja lá pra poder vender senão tem que vender para quem tem loja lá ou então tem que pedir pra os donos das lojas venderem suas peças ou arranjar outro ponto de venda. Lá na orla tem um espaço para as vendas, lá ficam três artesãos em cada loja e aí as despesas são divididas. Trabalhamos com cartão de crédito lá (O. R. D, artesão, 70 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 35 anos).

Os proprietários das olarias do Paracuri afirmam que a permanência deste trabalho no mencionado bairro deve-se aos seguintes motivos: *Porque aqui é o polo do artesanato. Já participei de muitas feiras e já divulgamos muito esse trabalho* (M. F. J, proprietário de olaria, 60 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos) *Primeiro por causa da matéria-prima, segundo por causa da tradição porque a cerâmica de Icoaraci é conhecida no Brasil inteiro e outro por causa da clientela* (M. G. P, artesão administrador da olaria, 45 anos de idade, trabalha com artesanato há 30 anos)

Para os não-proprietários das olarias do Paracuri a permanência deste trabalho no mencionado bairro deve-se aos seguintes motivos: *Porque foi aqui que*

*fundou esse trabalho com o mestre Cardoso (J. L. C, pintora, 47 anos de idade, trabalha com artesanato há 32 anos); Essa é nossa única fonte de renda (P. M. O, pintora, 59 anos de idade, trabalha com artesanato há 20 anos); Porque ainda dá para sustentar muitas famílias aqui ainda (G. P. N, artesão, oleiro, forneiro, 43 anos, trabalha com artesanato em cerâmica há 24 anos); Porque é um meio de sobrevivência e também por tradição as pessoas vem buscar o nosso trabalho e como as pessoas vêm até aqui isso é até um incentivo pra nós (R. I. Z, agregadora e oleira, trabalha com artesanato em cerâmica há 32 anos).*

Porque aqui é a fábrica, o centro, aqui é a fonte. Aqui tem a argila e que sem ela não tem peça e por mais que tenham lojas lá na orla até pra lá o pessoal vem comprar aqui pra poder vender lá porque pra ficar lá você tem que parar de produzir ou então colocar alguém lá só pra vender pra você aí sim você tem como produzir. Como eu falei, as vendas caíram muito e então muita gente parou de vender, mas assim como um para o outro já começa e eu acredito que tem muito comprador. Tem gente que compra aqui pra vender pra São Paulo e sai com caminhão cheio daqui pra revender pra lá (R. P. S, desenhista, 25 anos de idade, trabalha com artesanato em cerâmica há 06 anos).

Os artesãos de Icoaraci realizam atividades em que a cooperação pode ser evidenciada, principalmente no processo de produção das peças artesanais como no uso coletivo do forno, na possibilidade de distribuir peças variadas em diferentes olarias, principalmente em olarias de parentes, outro ponto a destacar é o fato de serem avalistas uns dos outros para o acesso ao microcrédito e para ampliar o acervo de peças a serem levadas para feiras e exposições.

A competitividade foi citada como fator limitante para os artesãos, principalmente, na comercialização das peças. Para um artesão é difícil um cliente conseguir encontrar a quem procura, pois na rua principal não conseguem obter informação sobre as olarias dos demais artesãos situadas em outras ruas.

A organização dos artesãos tem viabilizado o acesso às políticas de microcrédito em que pessoas, solidariamente, conseguem obter empréstimos com taxas de juros reduzidas. Tais empréstimos contribuem para melhorar as condições de moradia e, por conseguinte, de produção e em alguns casos para viabilizar a participação em eventos fora do Estado do Pará.

De acordo com a responsável pela comercialização dos produtos artesanais no Polo São José Liberto – um dos pontos de visitação de turistas, o qual ficou conhecido como a Casa do Artesão e os artesãos ceramistas de Icoaraci expõem e

comercializam seus produtos após submeterem as peças produzidas à avaliação da curadoria e o pagamento pelo que foi comercializado ocorre quinzenalmente diretamente em conta corrente. A pessoa responsável pela avaliação técnica das peças a serem expostas na Casa do Artesão afirma: *Porque é assim a cerâmica, tem a cara do Pará e só não expõe aqui quem não quer melhorar a qualidade do seu produto* (M. H. O, avaliadora das peças em cerâmica no Polo Joalheiro de Belém).

Ainda de acordo com esta informante, neste ponto de comercialização há uma avaliação dos produtos a serem comercializados, pois primam pela qualidade das peças. Os artesãos pagam uma taxa administrativa para deixarem suas peças nesta casa do artesão, os quais recebem quinzenalmente o correspondente às peças vendidas por meio de depósito em conta bancária. Os pesquisadores ou colecionadores que visitam o local são os que preferem comprar peças arqueológicas, pois reconhecem o seu valor. Sobre as peças arqueológicas. *Poucos são os artesãos que dominam o saber-fazer dessas peças, que exigem um conhecimento mais sofisticado em cada uma das etapas de produção* (SOUZA, 2002, p. 42).

No mercado do Ver-o-Peso e na Estação das Docas, os produtos são comercializados, principalmente, para visitantes e turistas oriundos das regiões Sul e Sudeste do Brasil. No mercado de São Brás, a comercialização dos produtos artesanais em cerâmica ocorre por meio de um grupo de artesãos com vínculo à cooperativa de microprodutores. Estes se revezam na comercialização dos produtos artesanais diversos codificados pelos proprietários das peças.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu a constatação de que a cerâmica marajoara se tornou uma referência no Estado do Pará, o que foi bastante mencionado pelos pesquisados. Sendo assim, bairro do Paracuri vem atraindo a atenção e a curiosidade de visitantes e turistas devido à semelhança no desenvolvimento de técnicas de confecção das peças em cerâmica com a origem indígena da população paraense.

Portanto, o trabalho dos artesãos ceramistas nas olarias do bairro do Paracuri é decorrente das múltiplas determinações, caracterizando-se como uma forma de trabalho originária no período da colonização brasileira, denotando que a inserção desses trabalhadores na atividade artesanal relaciona-se à forma como a Amazônia brasileira está inserida na divisão internacional do trabalho na condição de fornecedora de produtos primários aos países considerados centrais.

Os profissionais mais requisitados para o trabalho dos ceramistas de Icoaraci são: o oleiro, o desenhista e o forneiro devido às especificidades técnicas que o trabalho requer. Assim, estes profissionais são remunerados por peça confeccionada e trabalham em várias olarias dependendo do ritmo das encomendas, o que dificultou maior precisão quanto ao quantitativo de artesãos no referido bairro.

Trata-se de um trabalho coletivo baseado na cooperação entre os artesãos, podendo ser exemplificado pelo uso compartilhado de fornos ou pela disponibilidade em trabalhar próximo em agrupamentos, facilitando, assim, a troca de experiência e a construção de saberes por ocasião da confecção das peças artesanais. A vinculação com a proposta de Economia Solidária via Secretaria de Trabalho Emprego e Renda aponta para a valorização da dimensão coletiva do trabalho embora em fase inicial.

A concentração dos artesãos num único bairro expressa que essa forma de trabalho é baseada em relações familiares, de parentesco e de vizinhança evidenciadas em tais relações e pode ser compreendido pela dificuldade de inserção dos mesmos em outros postos de trabalho devido à inexistência de acesso a estes postos em Belém.

O surgimento desta forma de trabalho associa-se ao trabalho extrativista na Amazônia brasileira. As limitações para a comercialização dos produtos foram as mais mencionadas e relacionam-se à potencialidade do turismo local. Apesar de

existir uma sazonalidade da produção e da comercialização das peças em cerâmica confeccionadas as olarias do mencionado bairro, o trabalho artesanal é a principal atividade desenvolvida pelos artesãos ceramistas. A inserção produtiva ocorre, em grande medida, pelo trabalho autônomo e as políticas públicas voltadas ao artesanato se configuram, ainda, de forma pouco expressiva no contexto paraense.

Os trabalhos em pequena produção têm nos recursos naturais, os meios para a produção, todavia, as condições para seu desenvolvimento são a infraestrutura e os serviços que inexistem ou existem de forma precária. Diante do exposto e, considerando o contexto das políticas públicas, o trabalho dos artesãos ceramistas tem sido relacionado ao turismo, à qualificação profissional e à demarcação de área com regulamentação ambiental para fins de extração da argila.

Assim, com a comercialização do artesanato ocorre a circulação da mercadoria e, desta etapa, participam não somente artesãos, antes envolve vendedores em diversos espaços de comercialização, especialmente espaços em que há fluxo de turistas e visitantes à capital paraense.

Esse trabalho artesanal resulta da criatividade dos artesãos, engloba a arte e vem adquirindo um lugar no mercado de trabalho, necessitando, portanto, de ser potencializado. Ao mesmo tempo, existem olarias que primam pela manutenção da produção típica do início da constituição desse bairro enquanto bairro dos artesãos, característica esta tratada como *marketing* da olaria mais antiga.

A valorização do trabalho vivo implica reconhecer a importância do conhecimento tácito da população local e as condições efetivas em que esse trabalho é realizado. A pesquisa e o desenvolvimento deveriam estar centrados na base material da produção, o que demanda gestão e pesquisa aplicada com desenvolvimento tecnológico para melhorar a produção, pois a base técnica é importante para pensar o processo de trabalho dos sujeitos sociais.

Além de outros aspectos, este *savoir-faire*, característico da cultura indígena no Estado do Pará e na Amazônia brasileira, de modo geral, tem influenciado sobremaneira, a inserção, a permanência e as perspectivas de melhorias das condições de trabalho desses artesãos ceramistas em Icoaraci, principalmente, no que se refere a inovações tecnológicas, visto que ainda são utilizados instrumentos rudimentares confeccionados pelos próprios artesãos. Condições desiguais de acesso à pesquisa e ao desenvolvimento têm sido comuns os processos de trabalho

com tecnologias simples impulsionadas pelo esforço físico como as vivenciadas no trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci.

No que se refere às perspectivas de continuidade dessa forma de trabalho, os pesquisados apontaram elementos relativos aos limites e potencialidades, o que, fundamentalmente, requer articulação de um conjunto de políticas públicas, particularmente voltadas ao acesso à matéria-prima, ao escoamento da produção e à qualificação profissional e à educação formal.

Relatos de artesãos apontaram para a importância da PARATUR na divulgação e comercialização das peças artesanais produzidas por eles, pois na década de 1990 esta companhia comprava toda a produção dos artesãos para comercializar numa praça de Belém em frente à PARATUR e para expor em eventos em outras capitais brasileiras. Consideram que se tratou de um período importante em que não ficavam responsáveis diretamente pela divulgação e comercialização das peças artesanais dedicavam-se à produção e, por isso, envolviam outras pessoas para aumentar o quantitativo de produtos visto não haver limites para a comercialização. É possível inferir que, semelhantemente ao período da borracha, este período representou o *boom* da cerâmica.

O trabalho dos artesãos sobreviveu ao processo de industrialização e se apresenta no mundo contemporâneo com potencialidade para a valorização da cultura e da identidade territorial. Os trabalhos em pequena produção têm nos recursos naturais os meios para a produção, todavia, as condições para seu desenvolvimento, que são a infraestrutura e os serviços inexitem ou existem de forma precária.

A concentração de olarias no bairro do Paracuri, a existência de compradores, a reduzida oferta de emprego, a tradição extrativista, a aprendizagem da técnica desde a tenra idade, a cooperação em várias atividades, a associação da produção com o grafismo marajoara, a habilidade dos artesãos para a produção de cerâmica relacionam-se ao fato de o Distrito de Icoaraci ser considerado como um dos principais polos de produção de artesanato no contexto paraense. Tais características podem ser atribuídas ao fato de os estudos sobre o artesanato serem mais comuns.

O trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci, com suas particularidades, relaciona-se diretamente à totalidade social e, portanto, com a lógica da expropriação do trabalho pelo capital. Logo, este trabalho é determinado pela forma

como a Amazônia brasileira está inserida na Divisão Internacional do Trabalho. No trabalho artesanal em Icoaraci são apontadas condições objetivas e subjetivas inicialmente caracterizadas pelos instrumentos e técnicas rudimentares utilizados, o não-reconhecimento da autoria do artesão, as limitações e potencialidades para a comercialização dos produtos atribuídas à sazonalidade da produção e da comercialização.

O trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci inscreve-se no contexto do mundo do trabalho, no qual o artesão ocupa uma posição dentre outros segmentos da População em Idade Ativa no mercado de trabalho com limites e potencialidades ao longo dos tempos. Os dados coletados que subsidiaram este estudo possibilitaram a compreensão de que o trabalho artesanal em cerâmica pode ser potencializado, porque os pesquisados não demonstraram perspectivas de melhoria de suas condições de vida, pois referem que a maior dificuldade está no escoamento da produção.

Sendo assim, o Serviço Social é uma profissão que tem uma importante contribuição para a efetivação do processo organizativo desses trabalhadores na luta por melhores condições de trabalho e de vida, o que implica na formulação de políticas públicas destinadas a estes trabalhadores. Independentemente da classificação dos estilos produzidos, as particularidades do trabalho artesanal demandam um olhar atento para a análise das múltiplas determinações deste trabalho na perspectiva da melhoria das condições de vida e de trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci em Belém.

O Serviço Social, ao intervir nas expressões da questão social, poderá contribuir para a melhoria das condições dos artesãos de Icoaraci, compreendido em sua processualidade, no distrito de Icoaraci ao longo dos tempos e essa forma de trabalho artesanal também se apresenta como instigadora no capitalismo contemporâneo.

Os artesãos ceramistas, juntamente com os seus familiares, vizinhos, amigos ou contratados para executar determinada função no processo de trabalho em cerâmica realizado em Icoaraci mediante demandas de proprietários de olarias ou de artesãos que trabalham por conta própria. Assim, a partir da compra de blocos de argila para a confecção de peças artesanais, os artesãos associam o saber-fazer – adquirido através de antepassados – aos instrumentos de trabalho para a confecção das peças em cerâmica.

Desta forma, a compreensão do trabalho dos artesãos ceramistas de Icoaraci no contexto da Amazônia brasileira possibilitou a análise da importância desta forma de trabalho para a vida dos mesmos (reprodução social e cultural) para a dinâmica econômica local, mas que a ultrapassa devido à produção artesanal dos ceramistas ser constituinte do patrimônio cultural no contexto regional e nacional e estende-se ao mercado internacional. Portanto, a produção do artesanato em cerâmica de Icoaraci-Belém/Pará inscreve-se na dinâmica da acumulação capitalista, apresentando particularidades que se articulam na análise da totalidade social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJARA, César. **A abordagem geográfica**: suas possibilidades no tratamento da questão ambiental. In: Geografia e Questão Ambiental. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. p. 09-11.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaio de sociologia do trabalho. Londrina: Práxis, 2007.

AMORIM, Lílian Bayma de. **Cerâmica Marajoara**: caminho para compreender a pré-história da Amazônia. 2005 87 fls. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais (Dissertação de Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais), 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses da centralidade do mundo do trabalho. 6 ed. São Paulo / Campinas: Cortez / Ed. UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

BATISTA, Luciana. **Muito além dos seringais nativos**: elites, fortunas e hierarquias na província do Grão-Pará, c. 1850 c. 1879. 2004, 283 fls. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. (Dissertação de Mestrado em História Social), 2004.

BECKER, Berta. **Geografia política e gestão do território no limiar do século XXI** – uma representação a partir do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro: v.53, n.3, p. 169-182, jul/set, 1991.

\_\_\_\_\_. **Amazônia pós ECO 92**: Por um desenvolvimento regional responsável. In: Para pensar o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Ed. Brasileira, 1993, p. 129 - 143.

Secretaria Municipal de Educação/SEMEC. (1996). **Mestre Cardoso**: a arte da Cerâmica Amazônica por Lalada Dalglisch. (Textos e fotos). Belém, 1996.

Secretaria Municipal de Educação – SEMEC. **Caminhos da Educação**. Belém: 1996. 159p. (Série Planejamento 4: Educação e Desenvolvimento Sustentável).

BELÉM, Prefeitura Municipal de. **Lei nº 7.806 de 30 de julho de 1996**. Disponível em <http://www.belem.pa.gov.br>. Acesso em 05 de set. de 2009.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 7.682 de 05 de janeiro de 1994**. Disponível em <http://www.belem.pa.gov.br>. Acesso em 05 de set. de 2009.

BOUVIER, Pierre. **Le travail**: que sois-je ? Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social. **Decreto nº 6.607 de 21 de outubro de 2008**. Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado.

\_\_\_\_\_, Ministério do Trabalho e Emprego. **Resolução nº 333 de 10 de julho de 2003**. Institui o Plano Nacional de Qualificação.

\_\_\_\_\_, Ministério do Trabalho e Emprego. **Resolução nº 575 de 28 de abril de 2008**. Estabelece diretrizes e critérios para transferências de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador.

CASTEL, Robert *et al.* **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Trad. Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASTRO, Edna M<sup>a</sup>. **Trabalho e modernidade**: a propósito de formas de trabalho na Amazônia. Belém/PA. Paper do NAEA. 97, julho, 1998.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica socioeconômica e desmatamento na Amazônia**. Novos Cadernos NAEA. v. 8, n. 2, p. 5-39, dez. 2005.

\_\_\_\_\_(Org.). **Escravos e senhores de Bragança**: documentos históricos do século XIX, região bragantina. Belém: UFPA. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

CORBUCCI, Roberto Carlos. **O Brasil e a globalização**: a renovada condição periférica. Brasília. Universa, 2003.

COSTA, Eduardo José Monteiro da. **Políticas públicas para o desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais em Regiões Periféricas**: um estudo de caso a partir de aglomerações produtivas paraenses. 2007, 198 fls. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas Instituto de Economia. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente), 2007.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Amazônia e Desenvolvimento à Luz das Políticas Governamentais**: a Experiência dos Anos 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: n. 19, p. 40-55, 1992.

DIAS, Mário Benjamim. **Industrialização e a produção do espaço urbano em Icoaraci-Belém/PA** In: TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Reestruturação Urbana e Partilhas Territoriais na Área de Expansão Metropolitana de Belém. Cadernos do Curso de Filosofia e Ciências Humanitas / Universidade Federal do Pará. nº 1 (dez, 1980) v. 19. nº 1/2, jun/dez 2003. Belém: O centro, 1980-1994.

DIAS FILHO, Clóvis dos Santos. **Produção, distribuição e consumo dos bens simbólicos**: uma reflexão sobre os programas de apoio ao artesanato. In: V ENECULT Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 27 a 29 de maio de 2009.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FRADE, Isabela. **Logos: comunicação e universidade**. v. 1, nº 1. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação, 1990.

FRANCO, Heliana Brito. **Artesanato Paraense: tradição e expressão de uma cultura**, Belém, Nosso Pará, nº 4, p. 64-79, set. 1997.

FERNANDES, Florestan (Org). **História dos Homens**. 3. Ed. Editora Ática: São Paulo, 1989.

FERRETE, Rodrigo Bosi. **A Etnomatemática de ornamentação da cerâmica icoaraciense praticada no Liceu do Paracuri**. 2005, 194 fls. Natal/RN. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005.

FIGUEIREDO, Sílvio Lima & TAVARES, Auda Piani. **Mestres da Cultura**. Belém: EDUFPA, 2006.

FILOCREÃO, Antônio Sérgio Monteiro. **Extrativismo e Capitalismo na Amazônia: a manutenção, o funcionamento e a reprodução da economia extrativista do sul do Amapá/ Antônio Sérgio Monteiro Filocreão**. – Macapá: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 2002.

FRANCO, Heliana Brito. **Artesanato Paraense: tradição e expressão de uma cultura**, Belém, Nosso Pará, n. 4, p. 64-79, set. 1997.

GAMBOA, Silvio Sanches. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**. Campinas: Práxis, 1996.

HEBETTE, Jean / MAGALHÃES, Sonia B., MANESCHY, Maria C. **No mar, nos rios e na fronteira**. Faces do compesinato no Pará – Belém: EDUFPA, 2002.

HOMMA, Alfredo Kingo Oliveira. **História da agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio**. Brasília: Embrapa informação Tecnológica, 2003  
In: GABBAY, Marcelo. A cultura marajoara: autenticidade em (Des) construção. Revista ciberlegenda, América do Norte, 10, dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index/php/article/view/13>. Acesso em 17 de agosto de 2010.

\_\_\_\_\_. **Extrativismo, biodiversidade e biopirataria na Amazônia**/Alfredo Kingo Oyama Homma. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008,

HUBERMANN, Léo. **História da Riqueza do Homem**. Trad. Waltensir Dutra. 21. Ed. rev. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Trabalho e Indivíduo social: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista/ Marilda Villela Iamamoto**. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Brasil: o estado de uma nação – mercado de trabalho, emprego e informalidade**. Rio de Janeiro, 2006.

KOSIK, karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KRAWULSKI, Edite. **Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelo trabalhador hoje**. 1991, 121 fls. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração. Florianópolis: UFSC, 1991.

LARÊDO, Marcelo Nonato Gomes. & SARMENTO, Raimundo Benedito Alves. **A Intervenção do Turismo no ordenamento sócio-econômico e cultural dos artesões do bairro do Paracuri, em Icoaraci**. 1997, 35 fls. Belém: Universidade Federal do Pará (Trabalho de Conclusão de Curso), 1997.

LIRA, Isabel Cristina Dias. **Informalidade**: reflexões sobre o tema. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, ano XXIII, nº 69, mar. de 2002.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. v. 1, 10 ed. São Paulo: Difel, 1985.

MAUÉS, Heraldo. **Cristianismos amazônicos e liberdade religiosa**: uma abordagem histórico antropológica In: Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. Nº 1(2 sem. 1995). Niterói: EDUFF, 2009. p 77-100.

MENDES, Armando. **Amazônia**: modos de (o) usar. Manaus: Editora Valor, 2001.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo & LAPIS, Naira Lima. **A saúde e os processos de trabalho no capitalismo**: algumas considerações. Boletim Saúde, 2006.

MINAYO, M<sup>a</sup> Cecília. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004.

MIRANDA NETO. Manuel José de. **O Dilema da Amazônia**. 2 ed. Belém: CEJUP, 1986.

MIRANDA, Núbia Cristina A. **Desemprego, informalidade e cooperativismo**: um estudo da Cooperativa Popular de Empreendedores do Ver-o-Rio em Belém/PA. 2007, 93 fls. Belém: Universidade Federal do Pará (Trabalho de Conclusão de Curso), 2007.

MONTEIRO, Kátia. **Uso e Ocupação da bacia hidrográfica do igarapé Paracuri**, distrito de Icoaraci, Belém-PA: Avaliação de seus aspectos ambientais. In: Edna Castro. (Org.). Belém de Águas e Ilhas. Belém: CEJUP, 2006, v. 1, p. 305-318.

NAVARRO, Vera Lucia; PADILHA, Valquíria. **Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Psicologia Social 2007, v.19, 2010, p. 14-20. Disponível em <<http://www.scielo.br>. Acesso em 24 de julho de 2010.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História do Trabalho**. São Paulo: Ed. Ática, 1987, (Série Princípios).

OLIVEIRA, Edinete Pinheiro de. **Concepção e implantação do Ecomuseu da Amazônia**: o estudo de suas possibilidades a partir do Distrito de Icoaraci (Paracuri e Orla). 2009, 112 fls. Belém: Universidade da Amazônia – UNAMA, 2009.

OLIVEIRA, João Cândido de. **Do Tripalium ao Trabalho**. In: BRASIL, Luiz Augusto Damasceno. Segurança no Trabalho em Cursos de Nível Técnico na Educação Profissional. 2002, 136 fls. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica de Brasília. Brasília: DF, 2002.

PARÁ. **Plano Diretor de Mineração em Áreas Urbanas**: Região Metropolitana de Belém. Governo do Estado do Pará/IBGE, 1995, 157 fls.

POCHMANN, Márcio. **O Trabalho sob fogo cruzado**: exclusão, desemprego e precarização no final do século. 3. ed. Contexto (Coleção Economia), 2002.

\_\_\_\_\_. **Desempregados do Brasil**. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 59-73.

QUADROS, Ronaldo. **Barreirenses de Icoaraci se organizam em associação**. (18/06/2009). Disponível em [www.belem.pa.gov.br](http://www.belem.pa.gov.br). Acesso em 12 de set. de 2009.

SÁ, Maria Elvira Rocha de *et al.* **Belém, a cidade mascate**: uma leitura sobre os ambulantes da Avenida Presidente Vargas. In: GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques (org). Cidade, transformações no mundo do trabalho e políticas públicas: a questão do comércio ambulante em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia**: 1800/1820. São Paulo: T. A. Queiroz, 1968.

SCHAAN, Denise Pahl. **De tesos e igaçabas, de índios e portugueses: arqueologia e história da ilha de Marajó**. In: XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. São Paulo, 21-25/09/2003. Disponível em [www.marajoara.com](http://www.marajoara.com). Acesso em 21 de set. de 2009.

\_\_\_\_\_. **Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia**: olhando além – e apesar – das fases e tradições. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém: v. 2, n. 1, p. 77-89, jan-abr. 2007.

SEBRAE, **Relatório sobre Produtos em cerâmica para decoração e utilitários**. SET/2008.

SILVA, Gerardo. **Desenvolvimento local e novo municipalismo na Amazônia**. In: Barbosa *et al.* Gestão local e Políticas Públicas na Amazônia. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SOUZA, Marzane Pinto de. **Olarias do Paracuri**: cotidiano e espaço simbólico. 1999, 68 fls. Belém: Universidade Federal do Pará (Monografia de Especialização em Antropologia), 1999.

\_\_\_\_\_. **Mãos de obra e o saber-fazer dos artesãos de Icoaraci:** um estudo antropológico sobre socialidade, identidades e identificações locais. 2002, 184 fls. Niterói – Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (Dissertação de Mestrado em Antropologia), 2002.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios invisíveis da produção capitalista:** informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Terceirização e nova composição da informalidade.** In: Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Revista Temporalis. Ano II. n. 4, p. 87-89, Brasília, jul/dez. 2001.

TAVARES, Auda Edileusa Piani. **Planejamento do Turismo Sustentável e Qualidade de Vida dos Produtores de Cerâmica em Icoaraci.** – Belém/PA: Universidade Federal do Pará, 1996.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **A Cidade Dispersa:** os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana. 1998, 395 fls. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado em Geografia), 1998.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia:** expansão e decadência. São Paulo: HUCITEC, 1993.

XAVIER, Leandro Pinto. **“Aqui... a gente não vende cerâmica, a gente vende é cultura”:** um estudo da tradição ceramista e as mudanças na produção em Icoaraci – Belém/PA. 2006, 148 fls. Belém: Universidade Federal do Pará (Dissertação de Mestrado em Antropologia), 2006.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

### 1. IDENTIFICAÇÃO

Nome da olaria: Idade: Nome do entrevistado (opcional):

Cargo: Naturalidade: Nacionalidade: Tempo de residência no bairro:

Nível de escolaridade: Série/Ciclo:

Freqüenta escola ou curso atualmente? Em caso negativo, que motivos levaram a não freqüentar a escola? Bairro de localização da Escola:

Há quanto tempo trabalha com artesanato neste bairro?

### 2. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS OLARIAS DO PARACURI

Ano criação da olaria:

Qual é o tipo de construção da olaria?

Quantos e quais são os espaços físicos existentes na olaria?

O que você faz no seu trabalho?

Existe horário definido para o trabalho nesta olaria? Qual?

Possui espaço próprio para o funcionamento da olaria?

Possui espaço próprio para a comercialização do artesanato?

Houve algum tipo de mudança nos últimos cinco anos nas atividades realizadas na olaria? Quais?

Qual é a forma utilizada para obter a argila? Onde é adquirida? Quem é ou quem são o(s) responsável (is) por extraí-la?

Quais são as principais ferramentas/ instrumentos utilizados para produzir as peças artesanais? São confeccionadas pelos próprios artesãos ou compradas em lojas?

Por que você ingressou neste trabalho em olaria?

Como se deu a definição por essa função que você exerce?

Quais eram os cargos existentes no início das atividades?

Quantas pessoas trabalhavam na olaria?

Quantas pessoas trabalham na olaria em 2010? Qual é o trabalho que realizam?

Em que ano começou a trabalhar com artesanato em cerâmica? Com que idade?

Você exerceu outros trabalhos antes de ingressar no trabalho em cerâmica? Quais?

Este trabalho é importante para a sua vida pessoal, profissional e familiar? Por que?

Este trabalho é reconhecido como importante por outras pessoas? Quem o reconhece?

Você identifica momentos que tenham sido marcantes durante o tempo em que você trabalha com artesanato em cerâmica?

Por que este trabalho permanece no bairro do Paracuri?

### **3. RENDA**

Este trabalho de ceramista é a fonte de renda principal para você?

Você realiza outros trabalhos além de artesão ceramista? Quais?

Em 2010, para definir o preço do produto artesanal o que você leva em consideração?

Há um período em que aumentam as vendas das peças produzidas? Qual (is)? Por que?

Há um período em que diminuem as vendas? Qual (is)? Por que?

Qual é a média da renda mensal obtida nos períodos em que aumentam as vendas?

E nos períodos em que ocorre a diminuição das vendas?

Qual (ais) é (são) a (s) forma (s) de remuneração dos trabalhadores nas olarias?

Tomando por base o valor de um salário mínimo, em 2010 qual é a maior e a menor renda mensal obtida com a venda dos produtos artesanais desta olaria?

A renda obtida com o trabalho artesanal em cerâmica melhorou a sua condição de vida? Em que aspecto?

Participa de feiras ou exposições para comercialização dos produtos? Quais são as repercussões dessa participação para esta olaria?

Onde pode ser comprado o artesanato produzido nessa olaria? Possui pontos comerciais?

Participa de algum programa do governo? Em caso afirmativo, qual o nome do programa e qual o ano de ingresso?

### **4. TRABALHO ARTESANAL EM CERÂMICA E GERAÇÃO DE EMPREGO, TRABALHO**

Qual é o público que compra o artesanato desta olaria?

Existem compradores de outras localidades? Que estados ou países?

Existe divulgação dos produtos a serem comercializados? Quais os principais meios de divulgação?

No início das atividades nesta olaria, quais eram os estilos mais produzidos? E os mais procurados e os mais vendidos? Eles possuíam relação com a cultura paraense? Em caso positivo em que aspecto?

Em 2010, quais os estilos mais produzidos? E os mais procurados e os mais vendidos? Houve mudança nos estilos nos últimos anos? Por que?

Estes estilos possuíam algum motivo relacionado à cultura local? Qual? Por que?

O trabalho artesanal realizado nesta olaria favorece a criação de empregos, trabalho e renda para outras pessoas? Em que lugares? Quais são os cargos executados na olaria que geram mais trabalho, emprego e renda?

## **5. TRABALHO ARTESANAL E ORGANIZAÇÃO EM ASSOCIAÇÕES**

Possui vínculo com alguma organização de artesãos? Qual?

Considera importante participar da organização de artesãos?

Há quantos anos compõe a organização?

Esteve vinculado a outras organizações de artesãos anteriormente? O que motivou a vinculação com a organização?

O que motivou a mudança de vínculo com a organização?

Quais são as principais demandas dos artesãos para a organização?

A organização possui sede própria?

## **6. POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO AO TRABALHO ARTESANAL EM CERÂMICA**

A olaria conta com algum tipo de apoio de ação governamental ou não-governamental? Qual?

Possui alguma fonte de financiamento?

Em caso afirmativo, o financiamento representou algum tipo de melhoria para o trabalho artesanal? Quais?

Como soube da existência do financiamento? Houve dificuldade para obter financiamento? Quais?

Participou de curso de qualificação profissional? Qual(is) o nome e instituição(ões) promotora(s) do curso?

O curso trouxe contribuições para seu trabalho? Quais?

Você considera que existem limites ou dificuldades para a realização deste trabalho? Quais?

Você considera que existem possibilidades de melhoria deste trabalho? Quais?

Você utiliza o serviço público de saúde para você e para sua família?

Contribui ou já contribuiu para a Previdência Social:

## APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa de Mestrado intitulado **O trabalho de artesãos ceramistas de Icoaraci, Belém/PA:** contribuições aos estudos sobre a Amazônia brasileira, sob a responsabilidade da discente Doracy Moraes de Souza, orientada pela Prof<sup>a</sup> dra. Vera Lúcia Batista Gomes.

A pesquisa tem por objetivo analisar o trabalho dos artesãos ceramistas do Distrito de Icoaraci e a sua contribuição para a geração de emprego, trabalho e renda tendo em vista a melhoria das condições de trabalho e de vida dos mesmos.

Para tal, participarão desta pesquisa 12 artesãos ceramistas que trabalham em olarias no bairro do Paracuri em Icoaraci, Belém/PA. A sua participação nesta pesquisa é fundamental.

A participação nesta pesquisa não traz complicações e nem riscos aos participantes. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a sua identificação. Esclarecemos que estas informações serão veiculadas apenas no meio científico.

Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, nós esperamos que esta pesquisa expresse informações importantes sobre o trabalho artesanal de ceramistas em Icoaraci, as quais poderão subsidiar novos estudos sobre essa forma de trabalho.

Os artesãos participantes não terão nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo a minha participação neste estudo.

**DORACY MORAES DE SOUZA**  
(Pesquisadora responsável)

## TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e que me sinto perfeitamente esclarecida sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, autorizo o uso das informações, manifestando o meu consentimento em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Local e Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Local e Data

## APÊNDICE C - Autorização para uso de imagem

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**  
**CURSO DE MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**

Eu, \_\_\_\_\_  
\_ autorizo o uso de minha imagem na dissertação de Doracy Moraes de Souza intitulada “O Trabalho artesanal de ceramistas de Icoaraci na dinâmica da Amazônia brasileira”.

Belém/PA, 17 de julho de 2010.

---

**RG:**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**  
**CURSO DE MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**

Eu, \_\_\_\_\_  
\_ autorizo o uso de minha imagem na dissertação de Doracy Moraes de Souza intitulada “O Trabalho artesanal de ceramistas de Icoaraci na dinâmica da Amazônia brasileira”.

Belém/PA, 17 de julho de 2010.

---

**RG:**

# **ANEXOS**

## ANEXO A - Glossário

**Acordelamento:** técnica na qual a peça é produzida a partir de roletes de argila.

**Agregador:** é o trabalhador responsável por agregar ou juntar acessórios para completar uma peça, como por exemplo: alças, patas, orelhas, dentre outros.

**Antropomorfos:** desenhos ou peças cerâmicas com formas humanas.

**Antropozoomorfos:** desenhos ou peças com formas humanas e animais.

**Argila:** matéria-prima para a produção das peças cerâmicas.

**Bancada do oleiro:** outro termo relacionado ao torno-de-pé, é a parte superior do torno, onde as pequenas bolas de argila são colocadas para posteriormente serem trabalhadas.

**Barreirenses:** trabalhador responsável pela extração, beneficiamento e distribuição do barro.

**Burnidor:** trabalhador responsável em passar um pano umedecido com água na peça antes escová-la ou lixá-la para retirar as asperezas.

**Caliçador:** trabalhador responsável pelo polimento das peças antes de irem ao forno, dando um tipo de acabamento brilhante.

**Cortadeira:** um tipo de pá quadrada de aço usada pelos barreirenses para a extração da argila.

**Embalador:** trabalhador responsável pela abertura dos jornais para a embalagem das peças, embala também as mesmas em caixas ou caixotes de madeira.

**Engobador:** trabalhador responsável pelo engobamento das peças, isto é, antes da queima, passa-se argila líquida na cor branca ou vermelha.

**Forneiro:** trabalhador que arruma as peças no forno. Também controla a temperatura e retira as peças do forno.

**Forno:** equipamento usado para queimar as peças, no geral sua estrutura é em argila e madeira.

**Forno a gás:** equipamento para queimar as peças com o auxílio de um botijão de gás.

**Forno-elétrico:** equipamento utilizado para a queima das peças, com auxílio de energia elétrica.

**Levantar:** é o ato do confeccionar a peça no torno.

**Lixador:** trabalhador responsável por passar uma lixa nas peças para retirar as asperezas ou envelhecer a cerâmica.

**Maromba:** equipamento utilizado no beneficiamento da argila, todo em aço. Podendo também ser metade em madeira, metade em aço.

**Nicador:** este trabalhador retira o excesso dos desenhos.

**Oleiro:** é quem levanta as peças, aquele que faz as peças no torno.

**Pintor:** trabalhador responsável pela pintura das peças.

**Policrômica:** peça com várias cores.

**Queima:** processo no qual a argila é transformada em cerâmica.

**Réplica:** peça cerâmica que imita uma original.

**Rolete:** a argila em forma de rolos.

**Torno:** equipamento utilizado para levantar as peças em argilas pelo oleiro.

**Torno-de-pé:** Equipamento em estrutura de madeira com dois discos, um superior e outro inferior. É movido por tração humana. Serve para confeccionar as peças cerâmicas e pode ser chamado também de roda do oleiro.

**Torno-elétrico:** equipamento utilizado para levantar as peças, todo em aço e movido por energia elétrica.

**Zooformas:** diz-se de desenhos ou peças que tenham formas de animal.

Autor do glossário: Leandro Pinto Xavier (Ver referência bibliográfica)

## ANEXO B – Distritos Administrativos do Município de Belém / PA

